

REDATORES:

Armando Botter Bernardi  
Adhemar Fiorillo  
Alvaro C. Bastos  
José Ferraz Salles  
Nelson Gimenes  
Ernesto L. Gonçalves  
Remo L. Tellini  
Sergio Caruso  
Walter Belda  
Drina Coelho

(Registado no DIP)

Orgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"  
- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Ano XIII - Núm. 43  
Maio de 1945

DIRETORES - CHEFES:

MAURÍCIO FANG - LAERTES FERRÃO

REDATORES - CHEFES:

PALMIRO ROCHA - ABEID ADURA

# Entusiasticamente recebidos os elementos da Diretoria Burza

## NA POSSE SOLENE DA DIRETORIA O PRIMEIRO ORADOR - CARLOS DA COSTA BRANCO - PROFERIU BRILHANTE DISCURSO, MOSTRANDO A NOVA ORIENTAÇÃO QUE SERÁ DADA AOS DESTINOS DO CENTRO ACADÊMICO OSWALDO CRUZ

A tradicional festa de posse da diretoria do C.A.O.C., realizou-se no dia 20 de Abril que passou. A efeméride, foi comemorada com uma sessão solene no Teatro da Faculdade, que contou com a presença da diretoria da escola, de professores e distintas famílias de nossos colegas, que tomaram por completo a nossa pequena sala de espetáculos. Abrindo a sessão, o prof. Benedito Montenegro, passou a presidência da mesa ao dr. João Belline Burza, que lhe restituiu em seguida. Foi então feita a entrega dos títulos aos novos diretores.

Procedeu-se a seguir a apresentação dos diretores dos vários departamentos.

Apresentando aos colegas, os ideais e princípios de ação da diretoria do C.A.O.C. para 1945, o 1.º orador, Carlos da Costa Branco proferiu o seguinte discurso:

### DÁ CRÍTICA

I

Exmo. sr. dr. prof. Benedito Montenegro, mui digno diretor da Faculdade.

Exmo. sr. dr. Domingó Goulart de Faria, digno secretário desta casa.

Exmos srs. drs. Sinésio Rangel Pestana, Humberto Cerruti e João Grieco dignos homenageados desta noite.

Presados senhores professores, senhoras, senhores, colegas!

E atire a primeira pedra quem se achar sem culpa. O conceito máximo de humanitarismo e tolerância, solto ante o julgamento precipitado dos homens, feriu-os no mais íntimo do seus erros, vagou pelas colunas do tempo, na volúpia inflexível do irrefutável, e veio, consolador ou brutalmente justo, humilde ou soberbo, até nós, passo a passo com os homens, animando os que erraram, culpando os que não souberam ou não quiseram perdurar. A culpa nos aparece como um elemento constante na nossa constituição mesma. Tãta ou não, é o resultado simples, do complexo equilíbrio ocasião-predisposição. E às vezes, mera questão de tempo. Ela é também potencial. Sem culpa não é apenas aquele que ainda não tem. E' antes, que colocado em circunstâncias idênticas não a teria. Sua potencialidade definirá o seu conteúdo intencional. Sua potencialidade em justiça, nos produz graves dúvidas sobre o direito de criticar. Ela nos demonstra, talvez, coisas escondidas dentro de nós, calças de Pandora tragicamente nossas. Quando as abriremos? Abri-las,emos um dia? E a culpa tão humana, tão geral, inevitável até nos persegue, e nem a sua incidência nos redime. Perante nós, inabalável e eterna, rígida como as concepções matemáticas, altiva na noite fria das Ideais, atela-se Verdade. Por ela nos guiamos, por ela vivemos corajosamente ou vegetamos iludidos. Por ela, planejamos nossos ideais e orientamos a nossa vida. Por sua virtude, subimos na consagração das ciências ou descemos na di-

lética fácil dos sofismas atraentes. E' ela quem torna responsáveis as nossas atitudes. E' ela o ponto Alfa do nosso mundo mental. Dela partem as criações duradouras e a destruição dos fariseus do pensamento. Conselheira amiga e juíza inexorável, abençoando com as mesmas mãos com que açoita e desmascara, ela contará aos posterios o que fizemos. Dela virá o direito de criticar. Dela virá a verdadeira crítica.

No entanto, mesmo na posse consciente

II

destes dados, mesmo depois de solevar a fimbria dos segredos de sua alma, continua o homem, insistentemente, a se entregar com paixão ao desejo protoplasmático, cromosômico mesmo, de criticar. Como se glorifica ante o erro dos outros! Como se alegra colocar sua capacidade de análise, a serviço da busca sistemática dos defeitos que não são só dele!! De há muito, perdida no tempo, a sombra dos marmores de Atenas, a oratoria, acusara particular agrado com que ouve o apêdo e o aciente e sorriso de ironia e descrença que lhe alonga os lábios ante o elogio do próximo. E' a paixão da subida ainda que relativa que o persegue desde a caverna. E' a sociabilização de hoje, do instinto de luta do troglodita de ontem.

III

Na contemplação do caráter comum, humano e indesejável da culpa, nos perguntamos à beira do cáos da conformação: quem pode criticar a outrem? O "quem deve" é corolário. O direito de criticar é outorgado aos credores dos nossos deveres. No fundo de todas as cousas, ha uma necessidade que explica a sua existencia. É mesmo a sua causa. A necessidade é a face subjetiva da causa. A necessidade, dominadora, dará individualidade aos nossos deveres. Discernirá o dever do querer. Atendendo ao critério de verdade indispensável para subsistir como entidade justificável, discriminará nossos deveres, traçará seus limites e determinará seus méritos e seus direitos. Estabelecidos estes, só nos restará cumpri-los. Porque acima de toda a capacidade de dissimulação acima de todo revestimento capcioso, estará vivo o dever não cumprido. A cegueira mental ou o ardil ostentação ou um prestígio aparatoso poderão evitar temporariamente o arrebatamento cruel, mas não o destruirá. A cegueira mental, poderá proporcionar at. a dose ignorância, que a delicadeza do próximo talvez respeite, na crença egocêntrica de uma perfeição platônica: consolo de inúteis. Os nossos deveres são na nossa existencia, que as leis impiricas são nos fenômenos que regem, apenas que contornáveis. E esta possibilidade nos qualificará em nome da verdade e da justiça aos olhos dos nossos semelhantes e aos nossos próprios olhos nos colocará na escala da crítica. O uso consciente da liberdade tem como característica o estabelecimento da perfeita entrosagem dos direitos e deveres correspondentes e recíprocos dos indivíduos. Este equilíbrio e a sociabilidade mesma e rompe-lo ainda que de modo transitório e determinar automaticamente aqueles que podem a até devem

judgar a nossa atitude. Os nossos juizes serão naturalmente por força deste entrosamento recíproco, aqueles cujos direitos se confundem com os nossos deveres.

IV

Aparece então outro elemento precioso no ato de julgar. Apenas aqueles cujos direitos não foram satisfeitos poderão faz-lo? Ou também os que aquirem direito ao direito de critica pelos cabedais morais e pela visinhança do lesão? Achemos, que assim como nos direitos naturais se chega pelo predomínio mínimo de existir, aos outros direitos, chegar-se á pelo lastro mínimo de direitos correlatos, que consolidam o caráter de exigência, garantem-na e até mesmo obrigam-na.

Dentro destes conceitos, tentaremos uma análise de alguns dos nossos problemas.

### CIRCUNSTANCIAS

I

Ao sermos empossados na diretoria do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, trouxemos a representação do pensamento e da vontade de pelo menos a maioria dos nossos colegas. Ao nos dispormos este destino, tínhamos em mente, nítidas estas coisas e não quízemos um cargo, mas vinha conosco, a compreensão de nossas necessidades e a resolução de lutar por elas. E porque pretendemos cumprir tudo o que vos prometemos no nosso programa mínimo que nos serviu de plataforma. Não se chamou mínimo. Não teve arroubos de imaginação, nem brilho de missangas, nem petiscos para apetites particulares nem ainda promessas desbragadas. Não foi apenas com boas intenções que vos prometemos mas com ponderação e sensatez para que as boas intenções não quizessem que vos agradássemos muito, prometendo muito, que vos enchessemos a imaginação com historias de fadas e relatos de sonhos de uma noite de verão. Como nos confiastes os interesses da classe, este direito nos obriga a ver e analisar o que faremos, bem como o que fizemos ou o que fi eram dentro do nosso campo. Vos prometemos e isso ante diremos das nossas intenções como da de de mais nada, sinceridade e justiça: vos quem quer que seja que contrarias os nossos interesses comuns. Reentretando os colegas, iremos onde as circunstâncias nos levarem, sejam quais forem as aspearezas a vencer e seja quem for que se nos oponha. As decisões das nossas Assembleias serão mantidas com a inflexibilidade que as deve garantir, serão por nós acatadas e não alteradas e cumpridas com espírito de compreensão digna na salvaguarda da honra dos nossos princípios. Por outro lado as nossas decisões se esforçarão por satisfazer as necessidades gerais, e obedecerão á livre sugestão dos colegas á divulgação fiel e total.

Compomos o corpo discente de uma escola superior e agora mais que nunca buscaremos a satisfação dos nossos direitos. Pensamos que assim como as leis foram feitas para o homem e não o homem para as leis a escola deve procurar satisfazer as necessidades dos alunos. Não se compreende a escola rígida e imutável, congelada por disposições internas e eternas. Se as condições de vida e aprendizado se transformam faz-se mister que as legislações se

adaptem á realidade, com as naturais reservas, é claro, que as suas reponsabilidades exigem. A realidade é a unica força, sem ressalvas, que cria as nossas necessidades, impõe-nos modos diferentes de viver ver as cousas, domina os nossos desejos, converge ou dispersa nossas diretrizes e quase nos escraviza. Dentro deste conceito é injustificável tudo que não corresponda á sua finalidade, mormente quando a justificativa é rotina, a repetição o amor á tradição, numa afirmação de sentimentalismo que não deve ser feita senão a salvo de necessidade reais. Isto é básico. Não pretendemos nem de longe apolugar anarquia, desordem, arbitradismos de minorias. Queremos ao contrario, justificar as nossas atitudes, racionalmente, pelas suas finalidades. Não se compreende organização de um sistema de trabalho que não corresponda á sua verdadeira finalidade. É esforço perdido, e ante a corrida desesperadora do tempo, é malefício intencional. O trabalho a realizar, para cada um de nós é grande, e nos esmagaria se o enfrentássemos de vez. Por isso está dividido em longos anos de estudo parcelado, gradual e acessível. Tornar improdutivo esse fracionamento é transferir todas as dificuldades para um unico momento. É procurar o suicídio profissional. É desperdício é erro. É imperdoável persistir numa conduta falsa para não ferir susceptibilidades. Os homens são transitorios nas suas fraquezas e no seu poder, mas os seus atos vivem independentes deles mesmos. É lamentável a transferencia do aprendizado para as ferias e a criação do alto-ditadismo extra-escolar. Com isso, a escola, desvirtuada, andando ás cegas através de parágrafos e artigos anacrônicos, se converte no milagre da desorientação, em ponto de reunião durante as aulas e sala de supplicios durante os exames. Como deve ser diferente á escola! Como deve ser amiga e cálida a atmosfera de compreensão, assistência propícia ao trabalho fecundo, fonte de sadia orientação. Porquê o ranger de dentes no lugar do sorriso, e porquê o sofrimento em vez do trabalho sereno e construtivo? Não podemos desviar os olhos numa conformação inexpressiva. Cabe-nos demonstra as nossas necessidades, cabe-nos acusar os indiferentes, cabe-nos exigir o que nos pertence. Cumpriamos assim, que devemos. A nossa vontade livre nos instituiu alunos suporta as atribuições desta condição em troca somente do direito de aprender. O mundo sizado em que vivemos não permite regalias mas luta para proporcionar garantias aos direitos básicos de viver e trabalhar. Livrementesob os seus ditames da consciência, á sombra da seleção natural que as necessidades prometem. Não queremos mais que poder estudar mais e melhor. Não é nosso desejo senão, evitar o esforço inútil em troca de maior rendimento no trabalho.

II

Professor não é apenas um título ou um cargo. É antes digna investidura, que glorifica, enaltece e pesa de responsabilidades. Orientador de mentalidades, encaminhador de culturas, atela-se em posição privilegiada, seguida por muitos ocupa lugar que exige indispensável dose de abnegação. As responsabilidades que lhe dão lastro e ascendência, exigem tanto dele

# «O Bisturi»

Orgão oficial do Centro Acadêmico  
“Oswaldo Cruz”

Faculdade de Medicina da Universidade  
de São Paulo

(REGISTADO NO DIP)

Diretores - Chefes:  
**Maurício Fang**  
**Laertes Ferrão**

Redatores - Chefes:  
**Palmiro Rocha**  
**Abel Adura**

Redatores:  
**Armando Botter Bernardi**  
**Adhemar Fiorillo**  
**Alvaro C. Bastos**  
**José Ferraz Salles**  
**Nelson Gimenes**  
**Ernesto L. Gonçalves**  
**Remo R. Tellini**  
**Sergio Caruso**  
**Walter Belda**

O “BISTURI” aceita colaborações dos colegas da nossa e de outras Faculdades e que poderão ser entregues a qualquer dos Redatores. Os originais deverão ser escritos à máquina e assinados, mesmo se publicados sob pseudônimo. A Redação não se responsabiliza pelas idéias e opiniões dos seus colaboradores e reserva-se o direito de publicar ou não os artigos recebidos.

Orientador: prof. Samuel Pessoa.  
Diretor: Manoel Munhoz.

Comissão de Trabalhos — Carlos Zindel, Renato Mendes, Luiz Camargo Fonseca e Silva, Remo Tellini, Alvaro de Macedo.

Departamento de Cultura — Diretores: Otavio Sales e Mario Mansur.

Departamento de Cultura Musical — Orientador: dr. José Oria. Diretores: Carlos Arminante e Isaias Mel-solin.

Departamento de Publicidade — Diretores: Breno Quintanilha Ribeiro, Ernesto Passos Junior e Oswaldo Montessanti.

Liga de Combate à Sífilis — Inter-no-chefe: Angelino Manzione.

Departamento Científico — Presidente, Otavio de Moraes Dantas; secretário geral, João de Sampaio Góis Junior; secretário, Emilio Salum.

Departamento Beneficente — Diretor: Geraldo Bourroul.

Caixa do Livro — Oswaldo P. Forrattini.

Departamento Social — Presidente, Aurelio Falcon Ruiz; tesoureiro, Plirts Nebó; secretário, Silvio Sacramento.

Departamento de Intercambio Cultural — Diretor: Nuno Benedito de Paiva Braga.

Departamento Feminino — Diretora: Maria Luiza Martins.

Departamento de Ensino Médico — Diretor: Carmino Caricchio.

## PARADOXO

A França heroica de Napoleão, França luxuosa de Luiz XV, a França hedionda de Danton, França imponente da Marselhesa não se contenta com pleiade gigantesca de predicados que se lhe atribue. Além de berço da civilização moderna, de centro de cultura mundial, da moda e do vício, reclama para si título de patria do paradoxo.

Ontem calava fundo no amargo de nossa alma o grito cruciante do povo francês massacrado sob o peso da bota germanica. Muitos corações se comoveram, muitos olhos verteram lágrimas e o mundo caminhou célere em socorro da grande França.

Hoje França livre do jugo alemão esquece o dia de ontem. Jamais um povo teve memória tão curta. Numa antítese repugnante a França não reconhece na Síria o direito pelo qual ontem verteu tanto sangue. E a nós que tanto amamos a França custa compreender como um povo tão grande pode descer tão baixo.

que não lhe permitem ascensões a torres de marfim nem excursões acadêmicas pelo arbitrarismo. Deve ser justo, como sábio. Prudente, como inovador; amigo, como exemplo.

Sua necessidade não deve ser sentida através dos seus títulos ou do seu poder, mas pela falta real que faz a colaboração direta que empresta ao trabalho coletivo. Acima de questionamentos, deve estar a consciência do real valor próprio, posta a serviço do magisterio, tendo o aprendizado como um fim ou um dos fins e não apenas como mais um degrau. Situa-se por estas cousas na admiração dos seus discípulos; torna-se necessário, é a digna posição de quem se honra pelo trabalho e se enaltece pelo exemplo que dá. Estas considerações nos atingem de perto, porque nos falamos de presença livre e de recondução do professor à Cátedra. Estes tópicos que julgamos básicos para o aprendizado das profissões liberais, erguem-se com aparente ar revolucionário contra as instituições já firmadas, mas não trazem no seu bojo senão a compreensão nítida das cousas, que a civilização atual nos impõe, e o encerrar corajoso da realidade projetada na escola dos valores reais. O doloroso prelúdio a que assistimos atualmente, tematizado com sangue canhões, anuncia a inevitável morte das ostentações. Dá a humanidade mais um passo no terreno da justiça, cria-se um mundo onde o aparato vale menos. A glória se chega pela luta sem tréguas em prol de orientações construtivas estendidas pelo tempo, sem interrupções comodistas. Dormir sobre louros é perder a corrida do tempo, e deixar-se ficar quando os outros seguem, e o que é pior, às vezes deter avanço de muitos outros. Uma atitude cheia de vaidade egoísta, que escreve um dolorosa pagina na história de muitos. São os laços individuais disseminados, mais psicológicos que lógicos, que tem retardado a pensosa caminhada do progresso. São os erros passivos que que se não tem acusado que no entanto causam tanto mal quanto os outros. Mas diante da mentalidade que se generaliza não podemos calar ante os necios. Pesa-lhes tremenda reponsabilidade de que não dão cabo enquanto outros não podem substituí-los porque não lhes permitem. Quando nos sentindo na posição de interessados, não podemos deixar de apontar os perpetuadores da rotina, que nos imprime aceleração negativa, que sufoca nossas possibilidades.

### III

Lutaremos pela presença livre às aulas teóricas, lutaremos pela representação dos alunos junto à Congregação, como pela recondução do professor à cátedra, como medidas de aprimoramento do ensino médico. Lutaremos por estas e por outras iniciativas que circunscrevem a nossa atmosfera. Queremos que se nos dê o que é nosso. Queremos Hospital das Clínicas como foi criado; para nós. Queremos ainda que o espírito das disposições sobrepuje a sua forma. Que a compreensão da finalidade das cousas contorne particularidades burocráticas e realize as intenções elevadas de seus criadores. Não é louvável tal disvirtuamento. Sentimos a obrigação de ver nítida e desapaixadamente os problemas que nos dizem respeito, em função de nossas necessidades, de discutir sem idéias preconcebidas as suas possíveis soluções e de acusar as forças que se lhes oponham. Não nos anima qualquer predisposição ou prevenção contra pessoas ou entidades. Queremos abordar serenamente nossos problemas, queremos defender-lhes as soluções, garantir-lhes a execução, contra quem queira contrariá-la. E da franqueza das nossas atitudes também são os responsáveis. Recebemos de vós incumbência que nos leva a estas circunstâncias e nos desempenharemos delas, para de frente erquida vos dar contas do que fizemos sem disfarces nef excusas. Vivemos assim, dentro do nosso mundo escolar. Vivemos enfim.

### IV

E porque hoje os acadêmicos já constituem força social de expressão de pensamento nós não nos recusamos a vibrar em uníssono com anseios mais nobres da classe. Das gerações que surgem se fará o mundo de amanhã. E não é sem alguma vaidade que seremos parte desse mundo tão angustiosamente elaborado, tão dolorosamente nascido. O conhecimento de que os direitos primordiais do homem foram sempre firmados com sangue, nos dá a esperança de que os sacrificios de hoje serão a alegria de amanhã. Porque os princípios salutarres se gravam no espírito do homem pelo duro cinzel da desgraça, da miséria e da orfandade. Todas as épocas se ufanaram de serem épocas de transição.

E talvez tenham sido mesmo, na instável busca da felicidade dos povos. Mas é inevitável que hoje vivemos um momento especial quase decisivo, na história triste nos proporciona e a experiência, acumulada o conhecimento mais apurado do homem e dos povos nos deram os elementos suficientes, que têm faltado às outras gerações, para compreendermos significado da hora que vivemos. E' o momento de decidirmos de desejarmos permanecer no estado de coisas que se estendeu até agora ou se de fato desejamos um mundo mais igual. Se as condições puramente psicológicas dos

homens, estabelecendo as irreparáveis diferenças individuais, não permitem dar todas condições iguais, como numa sociedade estatal, também não se pode deixar a cada um a prerrogativa de se colocar na escala social. Seria continuar o que se tem feito. E' permitir o avultamento das diferenças individuais, e consentir em abusos. O igualamento para cima, dos homens, é impossível pelas deficiências de uma relação aos outros; o igualamento das classes para baixo, é obra destruidora de capacidades vivas, é planificação de inteligências capazes, é esmagamento de valores. A atitude possível — frisamos possível — é o estabelecimento consentido de um mínimo de direitos comuns, respeitados por todos atribuídos a todos e a permissão de ascensão livre, selecionada e limitada. A limitação corresponde à margem de segurança com que tal sociedade garante os planos inferiores. E' lastro. Dentro destas diretrizes, cremos, o homem caminhará. Talvez elas não correspondam ao estado ideal, mas não se pode desejar um estado ideal, feito de homens muito diferentes do homem ideal. A força niveladora de que dispõem as coletividades — única verdadeira força aplicável — educação, não pode dar os resultados que em tese promete. Porque ela não prescinde da recepção — esta é desigual falha e por vezes ausente. Nem todos os indivíduos são susceptíveis de sofrerem a sua ação igualmente. Isto impossibilita o nivelamento para cima. Como situação ideal de igualdade de atribuições de direitos não é realizável, sucede-lhe a situação possível: um “plateau” de direitos mínimos e caminhos abertos aos que os puderem trilhar. A concorrência à vida, exige de todos sacrificios de possibilidades, em prol de uma garantia mínima aos menos favorecidos. Estes são legiões. E' erro trazer igualmente homens diferentes, como é erro abandonar ao seu destino os que não podem lutar por si. Sua impotência criará a sua desgraça, e desgraça é uma força terrível. Quando miséria tortura o corpo e angústia roe a alma, os vultos apagados erguem-se com a sombra aterradora de gigantes, e a ameaça de cataclismos, para consagrar no bárbaro festim da vingança e na volúpia da destruição, a vitória da necessidade. Acima de qualquer atributo que se exija para um “modus vivendi” está a condição de possível. Desde que as necessidades crescentes, impõem uma seleção sempre mais rigorosa, o caminho a percorrer será sempre para cima até o ponto em que o equilíbrio se rompa, porque o maior número de homens já não satisfaz as exigências que eles mesmos criam.

Não podemos colaborar com o indiferentismo dos que querem destruir o esforço dos homens que lutam, que sofrem e que morrem hoje por um mundo melhor. Não podemos outrossim, permitir que as velhas raposas oportunistas desvirtuem os seus sacrificios. Se temos a felicidade de ver um pouco mais adiante, temos a obrigação de pensar pensar bem. Devemos contribuir com que temos, para a melhoria da situação geral. Nesta hora magistral na história do mundo, ponto crítico na vida do nosso povo, devemos ouvir o que pensam todas as correntes sociais. Como Acadêmicos não nos devemos filiar a esta ou àquela mas, nos arremetemos em torno das aspirações gerais. Como cidadãos, queremos a manifestação livre desapaixada de todos os que pensam. Queremos a justiça, para que livres de manobras falsas e fora das garras dos oportunistas que jogam com sorte do povo em proveito próprio, possamos nos desempenhar airoso, mente da função de cidadãos participantes na vida nacional. E' este o nosso dever. Aos homens que neste mesmo momento estão sofrendo e morrendo, cujo sangue quase nos borrija e cujos gemidos quase ouvimos, veneramos assim: cumprindo e nosso dever.

### FINAL

#### I

Voltemos ao nosso pequeno mundo. Voltemos ao nosso centro acadêmico que representa uma parte grande das nossas atividades. Repito-vos que será nossa linha mestra franqueza e a justiça de nossas decisões. Batalharemos para vos pagar o que vos devemos no nosso programa mínimo. Ergueremos nossas barricadas contra cada um dos nossos problemas com a mesma fé inabalável na nossa união total na força coesa que representamos. Queremos os nossos direitos satisfeitos, como cumprimos cegamente os nossos deveres. A mesma justiça que pedimos, daremos. Pretendemos um regime de respeito mútuo e digna compensação. Voltaremos, gratos, os olhos para todos aqueles cujo elevado espírito de humanitarismo, destacou e colocou em posição de realce, tornando-os alvo do nosso mais sincero reconhecimento. Nesta data, particularmente significativo. Nesta data, particularmente significativa, entrega do título de **Socio Benemérito do C.A.O.C.**, a três figuras ligadas a nós pelos mais nobres laços, os do coração: ao dr. Sinesio Rangel Pestana, digno diretor das Clínicas da Santa Casa que tem sido até hoje, metade da nossa escola, pelos esforços envidados em prol do ensino médico; ao dr. Humberto Cerruti, ilustre diretor do Laboratório Central daquela mesma instituição, pela inestimável colabora-

ção que nos tem emprestado e em especial à Liga de Combate à Sífilis, nosso principal órgão de benemerência; e ao dr. João Grieco, pela especial dedicação e carinho com que tem atendido a colegas nossos que têm recorrido aos seus cuidados de renomado clínico. E porque nos voltamos para agradecer aos espíritos magnânimos que nos têm dado a colaboração precisa e o exemplo que dignifica, não podemos deixar de saudar, um vulto que acaba de desaparecer do cenário do mundo no momento em que mais se faz sentir a sua falta. Saudamos **Franklin Delano Roosevelt**. Reverenciamos-lo pelo vulto que foi pelo exemplo que deu, pela obra que construiu. Apólogo das democracias escreveu na vida de sua pátria e do mundo, páginas de valor e beleza inestimáveis. Sofremos com a humanidade, tal perda. Ele foi dos que cumpriram seu dever até o fim.

#### II

Na firme resolução de também cumprir o nosso, pensamos nos colegas e em nós. Pensamos ainda nas gerações que vierem atrás. Queremos participar da hora de renovações, traçando uma conduta que sirva para os pósteros senão de exemplo, pelo menos de afirmação de nossos princípios. Que se rompa a rotina que se instale o predomínio da firmeza de ações em prol dos colegas. Ao terminar, cairei num lugar comum de oratória. Lembrar-vos-eis que pátria espera que cada um cumpra o seu dever. Lembrar-vos-ei que o nosso povo e a nossa gente creê em nós como cidadãos de hoje e médicos de amanhã. Mas acima de todas estas coisas vos apontarei o homem como nosso objetivo final. O homem que não tem pátria, o homem que não tem raça, o homem que não tem classe: O **HOMEM**.

O homem que sofre: espírito atormentado e corpo minado de doenças, que sofre e amanhã confiará em nós. Que confia na nossa dedicação e no nosso carinho mesmo quando já perdeu a fé na nossa ciência. E' por ele que trabalhamos. E' por ele que sofremos também as suas dores. Nêle está a nossa missão; por ele lutamos contra as desgraças que o afligem até mesmo depois de perdidas todas as esperanças; por ele nos elevaremos ou não, dentre os homens.

#### ASSIM PENSO E DISSE

Dando prosseguimento aos trabalhos, o sr. Diretor fez a entrega dos diplomas de **Socios Beneméritos do C. A. O. C.**, aos srs. drs. Sinesio Rangel Pestana, digno diretor das clínicas da Sta. Casa de São Paulo, Humberto Cerruti, prestigioso diretor do Laboratório Central daquela mesma entidade e João Grieco, renomado clínico paulista, pelos serviços que tem prestado à classe medico-acadêmica de São Paulo. Fazendo uso da palavra, o dr. Sinesio Rangel Pestana, em brilhante agradecimento declinou da homenagem de que era alvo, transferindo-a para a Diretoria da Sta. Casa, da qual faz parte. Odr. Humberto Cerruti agradeceu em seguida, em seu nome e no do dr. João Grieco, o título recebido. Finalizando a tomada de posse, falou o 2.º orador Alvaro da Cunha Bastos que após uma homenagem às forças aliadas que lutam pela liberdade em todo mundo, falou da importância social das responsabilidades do médico, e as aspirações da classe. Teceu ainda comentários sobre a situação do mundo e do país abordando mais de perto problema da instrução e da higiene populares, após o que a mesa deu por encerrada a sessão de posse.

Deu sequência à festa, um interessantíssimo “show” a cargo do grupo artístico do Departamento Social que apresentou varios numeros de critica às nossas cousas e suas personagens, todos eles, muito aplaudidos.

A diretoria do C.A.O.C. para 1943 está assim constituída: presidente, João Belline Burza; vice-presidente, Irineu Teixeira Assunção; 1.º secretário, Dullio Chrispim Farina; 2.º secretário, Oscar Luiz Cotrim; 1.º tesoureiro, José Meireles Filho; 2.º tesoureiro, Irajá Lopes Ribeiro; 1.º orador, Carlos da Costa Branco; 2.º orador, Alvaro da Cunha Bastos; diretor de Esportes, Ubirajára Barreto Dellape.

Departamento de Psicologia Médica e Psicanálise — Orientador, dr. Paulo Lentino. Diretores: Ibraim Matias e Olimpio Catão Bastos.

Departamento de Aeronáutica — Diretor: Paulo de Albuquerque Prado.

Departamento de Medicina Social

# Professor Euríco da Silva Bastos

Tomou posse da Cadeira de Técnica Cirúrgica: Cirurgia Experimental, eminente médico pernambucano Euríco da Silva Bastos.

Moço talentoso, de grande capacidade de trabalho, conseguiu após concurso brilhante, mais elevado posto do magistério superior.

Euríco Bastos é mais uma estrela que brilha na constelação fulgurante da Escola Cirúrgica de São Paulo, inteligência fecunda, absoluto dominador da matéria do seu curso, didata de mérito treinado no magistério superior, conhecedor profundo da mentalidade do estudante, admira e compreende o esforço e a capacidade.

Pesquisador incansável que é, cultor da ciência pura, sabe que a objetivação dos conhecimentos teóricos permite maior eficiência do ensino mais fácil retenção do apreendido.

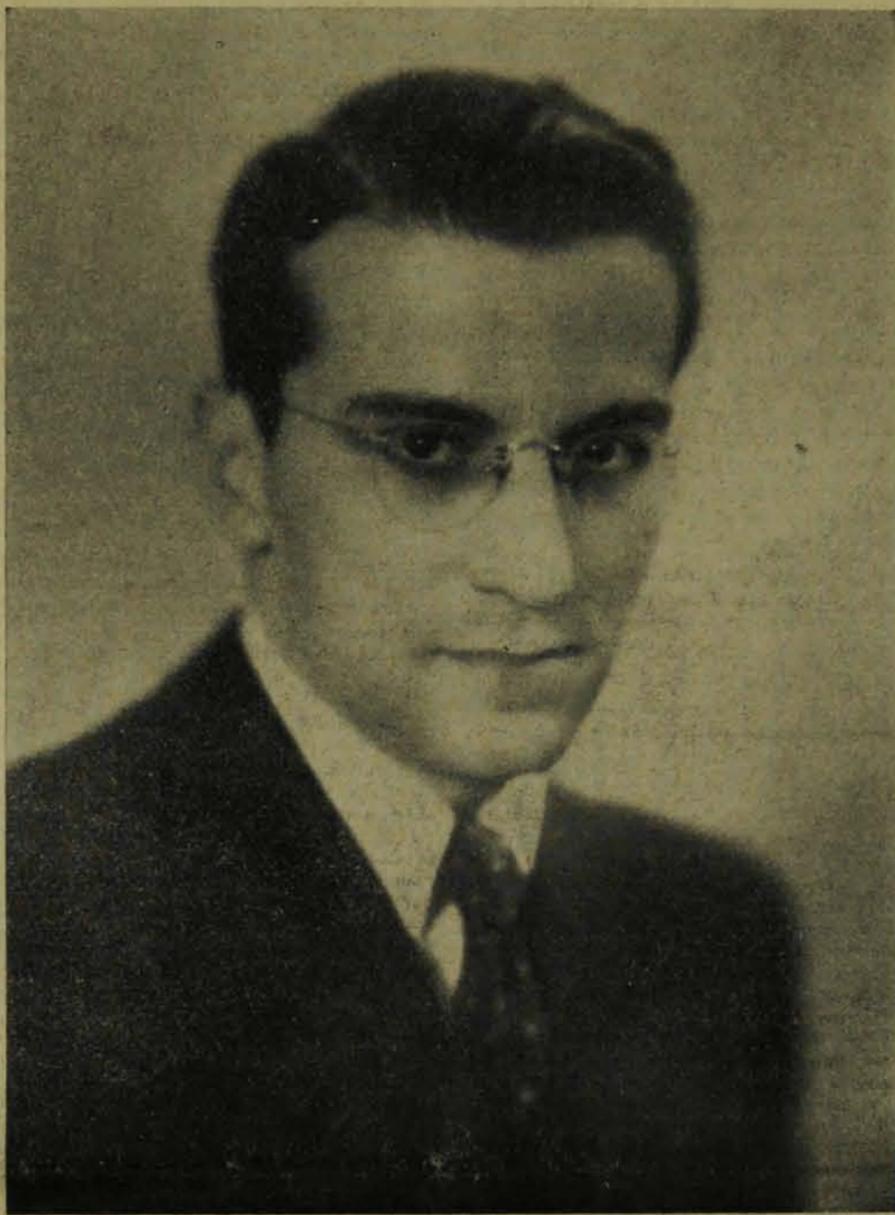
Já nos primeiros contactos, nos demonstrou as qualidades do homem do norte: a simplicidade, a acessibilidade e o talento, criaram em torno de si um ambiente de camaradagem e admiração o discernimento permitiu que o mestre escolhesse colaboradores à altura, formando um núcleo entusiasmado, competente e progressista.

Euríco Bastos sintetiza: Homem, Mestre, Amigo!

\* \* \*

Euríco da Silva Bastos, nasceu em Recife, Estado de Pernambuco. Diplomou-se "Bacharel em Ciências e Letras" pelo Ginásio Pernambucano. Em 1919 inscreveu-se no curso médico da Fac. de Medicina do Rio de Janeiro, terminando-o em 1924, ano em que defendendo a sua tese de doutoramento — "Alterações Hematológicas das Hemorragias Obstétricas, contribuição ao diagnóstico das Hemorragias internas" — foi laureado com o "Premio Visconde de Saboya".

**VIDA PROFISSIONAL** — Diplomado em medicina iniciou logo depois sua atividade profissional em S. Paulo, ocupando inúmeros cargos, entre os quais os de: chefe de cirurgia do quadro clínico da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Serviços Públicos em São Paulo, cirurgião e traumatologista da Real e Benemerita Associação Portuguesa de Beneficência desta Capital, presidente da Seção de Cirurgia geral da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo,



Prof. EURICO DA SILVA BASTOS

presidente da seção de Cirurgia da Associação Paulista de Medicina, sócio fundador da Sociedade Paulista da História da Medicina, sócio fundador da Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa desta Capital, membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Fellow do American College of Surgery em 1943.

Em 1932, como Capitão-médico fez parte da equipe cirúrgica que, sob a chefia de B. Montenegro, serviu nos

hospitais de sangue de Capão Bonito, Gramadinho, São Miguel Arcanjo e Itapetininga.

Em 1936-37 fez uma viagem de estudos aos Estados Unidos da América do Norte, percorrendo diversos centros de cirurgia.

**COMUNICAÇÕES A SOCIEDADES CIENTÍFICAS E TRABALHOS PUBLICADOS** — Médico de grande capacidade de trabalho, fez inúmeras

comunicações á sociedades científicas e numerosas publicações.

Na sociedade de Medicina Cirúrgica de São Paulo apresentou: Pancreatite traumática, Angina Sinovial do joelho, Pancreas anular, Tuberculoma do ceco, Ferimentos cirúrgicos das vias biliares principais, em colaboração, Anestésia pelo ciclopropana, fio de algodão como material de síntese cirúrgica.

Outras comunicações foram feitas na Associação Paulista de Medicina, na Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa, na Sociedade de gastro-enterologia e nutrição de São Paulo, no 1.º Congresso Paulista, no 2.º e 3.º Congresso Brasileiro Americano de Cirurgia, dentre as quais podemos citar: Lesões traumáticas dos nervos Periféricos, Heus biliar, Problemas cirúrgicos da tiróide, Obstrução Intestinal por cálculo biliar, Mesocolon brevis, tratamento cirúrgico do Cancer no reto, Carcinoma da mama no homem, Queimaduras elétricas, Amputação do joelho nas gangrenas senis.

As suas publicações, nas mais variadas revistas e periódicos de medicina, são numerosas datam desde o tempo de estudante: Alterações lematológicas da hemorragias obstétricas (tese de doutoramento), sobre um caso ostéo-síntese, Sutura precoce do nervo mediano, estroma de Riedel, Cirurgia do pancreas, Sutura de nervos, Hipocloremia pós-operatória. Efeito da intervenção cirúrgica sobre o equilíbrio ácido-básico. Nova técnica de artrotomia do joelho (tese para o concurso de livre docência de técnica cirúrgica e experimental na Fac. Medicina de São Paulo), contribuição á cirurgia da paratireóides (tese de concurso á cathedra de técnica operatória e cirurgia experimental da Fac. de rulentas, considerações cirurgicas. Medicina do Recife), Peneardites pu

**CONCURSOS GANHOS** — Livre docente, da cadeira de clínica cirurgia da Fac. de Medicina de São Paulo, livre-docente, da cadeira de técnica cirúrgica e cirurgia experimental da Fac. de Medicina de São Paulo, primeiro classificado (3 concorrentes).

Professor catedrático, por concurso, da cadeira de técnica operatória e cirurgia experimental da Fac. de Medicina do Recife.

# Um Grande Brasileiro

"O Bisturi" reverencia hoje a memória do assinalado patricio que foi sem dúvida Armando de Salles Oliveira, homenagem imparcial, despida de quaisquer ressentimentos e cores partidários, como deve ser. Atraente, em sua personalidade multifacetada, não sabemos sob que ponto de vista destacar mais o ilustre extinto; como político ou como administrador, como organizador ou como economista, sua atividade buscava sempre a solução dos problemas do meio brasileiro, só imitando do exterior aquilo que de fato podia interessar á nossa terra e á nossa gente.

Na história política do Brasil, duas épocas houve em que a unidade nacional periclitou realmente: na passagem do 1.º para o 2.º império, a época conturbada das regências e na passagem da 1.ª para a 2.ª república, o período agitado de 1930 a 1934. Aqui, os múltiplos ressentimentos, que culminaram na Revolução Paulista de

1932, criavam uma ameaça real de cisão no organismo pátrio; tal situação era mais grave em São Paulo, recém-saído que estávamos de uma guerra altamente idealista, que visava dar ao Brasil o ambiente constitucional pelo qual todos aspiravam; e em que o povo todo jogara de boa vontade tudo que possuía e que trabalhara mais pela elevação excessiva do movimento em contraste com a mediocridade de alguns dirigentes do que propriamente pela falta de meios materiais. Vieram depois as intervenções militares, que mais agravaram a situação. Que responsabilidade, portanto, a do primeiro governador civil que assumisse a chefia do Estado? Que trabalho formidável de apaziguamento devia ele realizar! E Armando de Salles Oliveira fez o que era difícil e parecia mesmo impossível: alguns reintegrou São Paulo na unidade e harmonia nacionais, equilibrando regionalismos com o verdadeiro justo nacionalismo que deve existir. Só por

essa obra merece ele o respeito e a gratidão de todos os seus patricios.

A modéstia era dos traços brilhantes de seu carater; passou todo o seu período de maturação num ostracismo ou isolamento de verdadeiro estudioso, apesar de dispôr de uma das mais elevadas tribunas do país, cujo uso, cargo de diretor de importante obra brasileira lhe possibilitava. Ao surgir, não sofreu, portanto, os reveses e desilusões que sempre se deve se esperar, quando um indivíduo penetra á vida pública. Seus discursos e suas orações tinham sempre a nota que indicava um fino artista da palavra, com longa preparação prévia interior, resultado do estudo cuidadoso dos mestres nacionais estrangeiros.

Esse adiestramento consciencioso deu-lhe conhecimento real das verdadeiras necessidades de nossa terra, dominando todas por uma só: alfabetizar, educar, ensinar. Daí o cuidado que sempre dedicou ao ensino primário,

secundário e superior, técnico e profissional, que sempre procurou difundir e facilitar em todas as ocasiões. Sua visão larga de administrador levou-o a iniciar várias obras que agora se terminam ou que há pouco se terminaram, mas cujo iniciador não deve ficar esquecido. Mais chegado nos é e mais de perto nos fala o projeto da cidade Universitária, cujos planos iniciais foram elaborados sob sua inspiração e cuja localização ele próprio escolhera.

Por fim, como membros da Universidade de São Paulo que somos, não podemos olvidar o homem que criou e o homem que manifestou ser dos seus últimos desejos que se collocasse em sua lápida, ao lado de seu nome, o título que dentre todos é mais preciosa: "fundador da Universidade de São Paulo" A Armando de Salles Oliveira, portanto, o nosso preito de respeitosa gratidão.

São Paulo, Maio de 1945

## Supervisão do “Baile dos calouros”

# VERDADES

Na entrada cheia de luz do Trocadero, enquanto já se ouvia de fóra a “ouverture” e os primeiros sambas executados pelo “jazz” com entusiasmo bastante nitido, garotas bonitas subiam a escadaria.

Contrastando com as cabeleiras femininas perfumadas e glistoradas e com as bastas cabeleiras — havia exceções, é claro — dos veteranos, viam-se uns minguados fios no alto do esqueleto cefálico dos calouros.

Com todos os requintes da ética profissional lá estavam, no pórtico de entrada, alguns elementos do D. S. para isso designados. Curvavam-se perante as sras. e srts. e diziam um seco “ola” ou “como vai” aos companheiros de escola ou velhos amigos.

As pequenas chegam, entram sentam-se, vão se acomodando nas gostosas poltronas da entrada; alguns cavalheiros gentilmente cedem seus lugares às representantes do sexo fragil das quais emanam, com seus vestidos insinuantes, uma atmosfera de beldade e enlevo sentimental.

Enquanto isso ainda, lá fóra, permanecem alguns calouros não sei se receiosos, talvez esperando algum companheiro ou talvez observando as “boas”.

E a música animada, lá dentro, vai convidando, nos seus estridentes e barulhentos sons, os pares a arrastar os pés. E assim, amáveis, lá vão os cavalheiros suas damas.

E o baile continua... lá está o Caricchio com os representantes femininos do Hospital das Clínicas, perguntando a alguém: “Você não tem dama? Venha cá”.

Continua entrar muita gente. Ilustres representantes da diretoria do C.A.O.C., inclusive seu grande presidente passam os humbrais da entrada; lá se dirigem apenas para observar e conservar, lembrando-se de assuntos políticos internos de um pouco do caso da Politécnica.

O 2.º tesoureiro bate nas costas dos “amigos” o 2.º orador tem “muito que fazer” e não pode permanecer por muito tempo.

Numa das dependências laterais, onde está montado bar, vêm-se os seus mais assíduos frequentadores todos sorridentes e cada qual com um calouro ao lado. Calouros e mais calouros são convidados, suavemente coagidos e se retirarem por alguns instantes do amontoamento de gente que vai se condensando, e regarem istmo das fauces com uma cervejinha gelada.

Bailando vêm-se agora alguns parzinhos juntinhos... como está muito quente e as cortinas fechadas, escapam-se alguns mais para alto, no posto de observação do baile, saem outros para algumas poltronas afastadas.

Nas poltronas da ante-sala já se pode observar alguns marmanjos comodamente instalados certas senhorinhas em pé.

Num dado instante cessa a música e reúnem-se os calouros no centro do salão. Há murmurios, vozerio alguns protestos das garotas “coitadinhos”!!!

Vê-se agora que nunca de viu: batismo dos calouros com um leve discurso do padrinho solene entrega dos diplomas.

Em seguida uma bela valsa vienense entusiasma a calorada toda que sai a dançar, deixando entrever, de cima, em movimento de valsa, junto “elas” os tipos de “que gostam mais”.

Terminada a valsa alguém grita: “de agora em diante vocês não são mais calouros”!!! “E” grita se levanta ao céu da calourada: urrah!!!

Volta a dança dos sambas, dos “swings” e dos foxes. Consigo ouvir de alguém o seguinte: “meu amigo, levar uma táboa é duro!” ao que um outro replica: “ora, você já viu táboa mole?”

E o baile aproxima-se do fim... Um “fox blue”, sentimentalmente suavemente, é ouvido. E então vêm-se outra vez os mesmos parzinhos, unidinhos, que dançam, parece que esquecidos da terra e das aulas que vão ter daí a algumas horas, para cismarem nos céus.

Quem esteve presente à reunião que se realizou no teatro de nossa Faculdade, com a finalidade de dar posse à nova diretoria do C. A. O. C., deve ter observado alguma coisa bastante interessante, mesmo se não possuísse “olho clínico”.

Quanto às homenagens que se prestaram, nada mais justo e oportuno.

Começemos por citar o que houve de melhor: o “show”. Está de parabéns o D. S., Embora não tenha agradado à totalidade dos espectadores, pois há uma turminha e por que não dizer bem grande, de alunos, os quais não apreciaram muito uma certa cena que se passou na rua José Paulino e taê quizeram fazer onda a respeito do negócio; a não ser isso os artistas agradaram.

Esta é nossa opinião por isso congratulamo-nos com o D. S., almejando que nova diretoria, encabeçada por Falcon, continue a mostrar que nossa mocidade ainda possui uma certa dose de entusiasmo animação.

Outra coisa que agradou: a segunda metade do discurso do primeiro orador eleito. Agora vem o mais importante.

A ninguém passou despercebido o grande numero de pessoas que havia à esquerda do palco. Passou-se depois à chamada dos possuidores dos vários cargos, numa lista interminável. Apareceram departamentos, que pela manifestação de espanto dos presentes, podia-se logo perceber que eram completamente desconhecidos da maioria dos socios do C.A.O.C.

Imagine você! Até departamento de Agronomia. Não queremos dizer que este fosse desconhecido mas pelo menos parece-nos que esteve por muito tempo adormecido em berço esplendido.

Departamento Feminino, Departamento Esportivo, Liga de Combate à Sífilis, Arnaldo Vieira de Carvalho, etc. etc. Apenas o Departamento Científico não se fez representar. Por que motivo?

Até “O BISTURI”, pobre coitado, o mais humilde de todos, teve que tirar pó de sua velha casaca e dar as caras em tão seleta reunião.

Fez bem nosso amigo esperançoso presidente, o Burza, mostrar todo aquele pessoal. Se C.A.O.C. não progredir não será por falta de numero, frizamos bem,

numero, de departamentos de pessoas para trabalhar, pois quase que a escola toda estava no palco.

De modo que essa apresentação teve o seu lado bom mas que encheu a paciência dos presentes, encheu, pois era uma lista que parecia não ter fim...

Quando terminou a chamada, que mais parecia a chamada do Celestino, todos fizeram “bôca de pito” esperando o “show”. Mas eis que surge um moço com um calhamaço na mão e que por toda forma queria lançar uma verborreia por cima do auditorio. Houve uma reação surda por parte da assistência, mas apesar disso ele falou. Foi inteligente, todavia, reduzindo o seu discurso à sua decima parte, se tanto. Também, depois de tanto discurso, a assistência já estava desesperada e este foi também um dos fatores que concorreram para que “show” agradasse tanto quanto agradou.

Pelo que vimos naquela noite, tivemos impressão que de fato o C.A.O.C. está preparado para fazer alguma coisa para o bem de seus associados, que de há muito esperam ansiosos por esse dia.

Na verdade, nosso centro precisava tomar um novo rumo sair desse estado de torpor, que já vai para alguns anos. Vamos ver se o Burza consegue algum despertante se lembra dos verdadeiros cardiotonicos do Bonbonzinho, para que C.A.O.C. alcance lugar que na verdade merece.

Antigamente dizia-se que as 7 maravilhas do C.A.O.C. eram 5 que se resumiam em: Liga de Combate à Sífilis, Revista de Medicina e Estádio?

Será que podemos ainda hoje fazer a mesma afirmação? Vejamos.

O trabalho que vem desempenhando Liga, inegavelmente é de real valor, muito embora não seja tomado na devida consideração por grande parte dos socios do C.A.O.C. Temos a impressão de que a própria diretoria do C.A.O.C. deveria estar mais em contato com a Liga, procurando difundir espírito de sacrificio dos que labutam naquele setor de ação, a todos os socios do C.A.O.C.

Que se fornecesse um documento, um certificado, a todos os que lá trabalham,

## EM RESPOSTA...

Uma chuva de protestos recebi pelo meu artigo “mais aulas não menos” do último “BISTURI”. Duas foram as criticas: primeiro — argumentaram — por ter escrito “Nós estudantes” como se falasse em nome de todos os colegas e depois porque pedindo mais aulas estava “dando oportunidade aos foveais de nos massacrarem por maior tempo”.

Agora pensemos um pouco. Qual a duração real de nosso curso?

Férias de fim de ano: 15 de novembro a 15 de março — 4 meses.

Férias de junho — 1 mês.

Semana Santa — 7 dias.

Mac-Med — 7 dias.

Outras semanas e eventuais — 7 dias.

Suspensão de aulas durante os exames (1.º 2.º sem.) — 20 dias.

Total — 5 meses 47 dias, ou seja, 6 meses meio sem aulas.

Isso tudo correndo normalmente, sem grèves, sem os “sandwiches” e semelhantes.

Dentre os 5 1/2 meses restantes, admitindo que o aluno não falte, somente metade das aulas dadas são realmente aproveitáveis; (muitos acham que só 1/3 delas são úteis). Sobra então 5 1/2 ÷ 2, isto é menos de 3 meses de “boas aulas”.

Convenhamos que é pouco! Procura-se remediar pela espontanea frequência quotidiana às enfermarias (4.º, 5.º e 6.º anos) e através os cursos do Departamento Científico. E é assim, remediando, que têm saído os medicos desta Faculdade.

Como corrigir? Melhorando as aulas com a mudança dos professores, seja pela “retirada do caracter vitalicio da cátedra e recondução do mestre à sua cadeira de acordo com as provas de capacidade, eficiência dedicação ao ensino” (1) seja

pela “frequência livre às aulas teóricas” (2). Este é um objetivo pelo qual lutam todos os alunos desta escola (3).

Mas agora chegamos ao ponto crucial: as aulas boas são exigidas; e ainda que todas fossem ótimas, 5 meses e meio delas seria insuficiente para se ter um curso anual completo.

Os cursos de férias teriam então o caracter de especialização em sua maioria, pelo menos. (Até hoje só esses cursos os que nos têm dado a iniciação semiologica e clinica).

E o curso básico? Cinco a meio meses de boas aulas é um mínimo exigido para um curso intensivo, suficiente para se adquirir as noções indispensáveis de histologia, anatomia, microbiologia, parasitologia, etc. Mas como o nosso curso não é contínuo, e sim entremeadado de interrupções, e nem prima pela alta qualidade, exige-se seu prolongamento. E foi que sugerimos, não só por estar convencido dessa necessidade, mas também porque é esse o pensamento de muitos muitos colegas que friamente analisaram a questão. (Não consideramos aqui as opiniões dos que sempre foram “do contra” dos que só sabem gritar — “Hoje ninguem entra em aula!”).

Quanto ao modo de se livrar dos “possibilidades” enquanto eles permanecerem, estudante esperto sempre arranja jeito, não aparece ou dorme.

J. C. F. S.

(1) (2) — Moção apresentada pelo CAOC ao I Congresso Médico-Social de S. Paulo.

(3) — A citada moção foi aprovada unanimemente em assembléa.

como uma recompensa, não material, mas espiritual, por muitas manhãs frias sacrificadas e domingos cheios de sol e de vida, que são passados, mais de sua metade, no 4.º andar do Pavilhão Conde Lara.

Os que trabalham são poucos relativamente, mas o nome glorioso da Liga é pronunciado por muitos, quando se trata de obter alguma coisa aí por fóra.

Ao interno chefe da Liga diremos apenas: avante!

Deixemos por ultimo Revista de Medicina. Falemos do Estádio.

Nenhuma outra escola do Brasil possui instalações esportivas como nossa.

Pelo menos é o que se propala lá pelo porão afóra. Mas apesar disso, já vai longe o tempo em que MAC-MED era vencida pela MED. Que saudades daqueles tempos, dos tempos em que o futebol, pólo, natação, remo, xadrez, tudo isso era de “colher” para nós. Mesmo o atletismo, a nossa turma que abra o olho, pois do contrário teremos este ano 7x2. Infelizmente esta é verdade.

Esperamos que a família Dellape, que se acha à frente do Departamento Esportivo, saiba nos livrar de tal derrota.

Revista de Medicina. Era tida havida como a melhor entre as melhores de seu gênero. Coitada! Está sofrendo um emagrecimento paulatino, prevemos que se não for socorrida com uma dose generosa de proteínas, terminará em caquexia.

Já perdeu muito de seu peso os seus elementos mais nobres já estão em “deficit”, restando nas magras páginas o sinal do desinteresse, da feitura às pressas, não falando de uma série infinda de folhas bonitas, com coloridos vistosos e que bem merecia, na opinião de Frank, do último “BISTURI”, que se fizesse um índice. Estados de acôrdo.

Não queremos falar do atraso com que tem saído. Dirão que é devido à guerra. Está muito bem até a desculpavel. Mas não é da falta de regularidade de sua publicação que queremos falar. Queremos nos referir a um outro aspecto da Revista infelizmente, para nós, alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo, este é o ponto mais descuidado pelos dirigentes da Revista.

Temos à mão o numero que tem a pretensão de ser o de setembro-dezembro do ano passado. Corresponde portanto a quatro meses. Apenas por um simples correr de olhos descobrimos a intenção dos dirigentes: por a Revista em dia. Nada mais.

Pouca coisa há de interesse. Um numero que deva corresponder a quatro meses, deveria ser um pouco mais substancial, mas substancial em “matéria palpavel” da qual se pudesse tirar algum proveito não nas miríades de reclames que lá aparecem que pouco ou nenhum valor têm para nós.

Final de contas, qual é a finalidade da nossa Revista? Na nossa opinião os dirigentes da mesma andaram mal, querendo pôr em dia a sua publicação, não olhando para seu conteúdo, publicação escassa e que, com poucas exceções são destituídas de interesse. Que a guerra não permita que a parte material seja ótima, estamos de acôrdo, mas com guerra ou sem ela,

finalidade da Revista deve ser preenchida. É preciso que haja uma seleção nos trabalhos a publicar e que estes sejam de real interesse que estejam à altura do renome de que goza a publicação do C.A.O.C.

Confrontemos Revista destes ultimos dois ou três anos com as mais antigas, como por exemplo, as do tempo do Lacazinho. Haverá diferença? Infelizmente há. E que diferença! Estas são ainda do tempo em que se realizavam Congressos Médico-Estudantinos, etc.

Esta história de querer tapar um buraco fazendo outro maior, não está certo. Que se publique Revista de dois em dois meses mas que se ache alguma coisa de interesse e valor em suas páginas.

Este é apelo veemente que fazemos à nova diretoria do D. C.

Final de contas a nossa Faculdade é ou não é “a melhor do Brasil ou quicá da América”?

Se for, demonstremo-lo.

Constitui sempre satisfação para mim, ontem ainda estudante, dirigir-me aos jovens do C.A.O.C., pelo mesmo jornal de onde, por 5 anos, coração e espírito sempre voltados para os interesses dos estudantes, trabalhei também um pouco, pela grandeza desse mesmo Centro!

E, desta vez quero prestar pequena homenagem, ao valoroso presidente do C. A. O. C. — João Belline Burza — deixando gravado nestas colunas, todo meu preito de gratidão de justiça de que é justo merecedor.

Conheci-o na Faculdade, quando ainda cursava ele, os primeiros anos. Desde logo sua influencia se fez conhecida e salientou-se entre os seus pares, porque já trazia ele no bôjo da sua inteligência e no estôfo da sua bondade, todos os predicados que o haveriam de fazer triunfar. Pela palavra escrita ou falada revelou-se subiu, tendo chegado aos cimos por verdadeira estrada real.

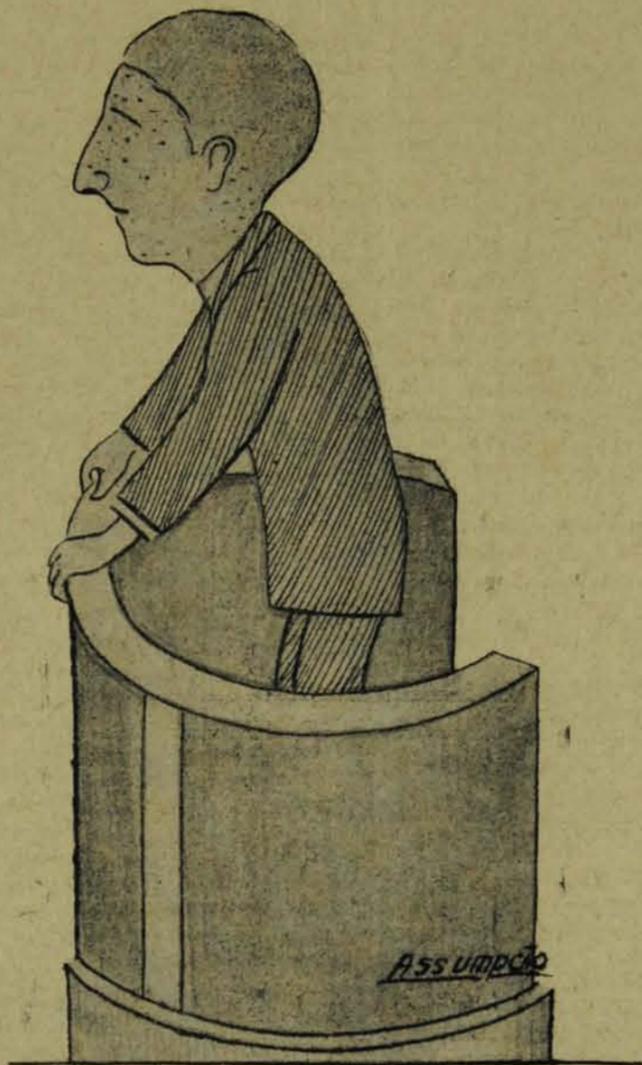
Admirador já de suas idéias de sua inteligência, transcritas em versos em escritos, através de publicações inclusive "O BISTURI" mais minha alma se ache-gou a dele por ocasião do acidente que sofrera. Em seguida, ao invés de se lamentar como Jeremias, exprime através do "O BISTURI" em terno e afetuoso artigo, o agradecimento de seu coração formoso a todos os que confortaram na doença, não esquecendo sequer os nomes das irmãs de caridade nem os dos humildes serventes!

Vi-lhe nesse gesto de gratidão a nobreza augusta da sua alma bondosa!

Voltou ao estudo e às atividades. Os traços marcantes da sua vida acadêmica ampliavam cada dia, seu nome no ce-lario do C.A.O.C. E vemo-lo agora presidente desse centro, consciente no seu posto, tranquilo na sua bravura.

Seria longo demais extender-me em considerações sobre cada face do seu caráter. Eu, de mim, penso — nunca na escola, ninguém subiu tão alto no conceito geral dos estudantes, do que Burza. Bravo, intrepido, uma só vontade, um só caráter, creio que ninguém excedeu na altivez, na compostura, na dignidade que sempre teve quando na luta pela defesa

## João Belline Burza



dos interesses dos estudantes — e dos próprios médicos — como o demonstrou por ocasião da recente grave também durante o 2.º Congresso Médico Brasileiro.

Nessas ocasiões, eu sei, foi o símbolo da intransigência do denodo, sem artificios nem jactancias, pela defesa da

classe e daquilo que julgava certo legal. E sua luta foi intrepidamente sustentada vencida!

Não se acovardou diante de ninguém nem mesmo de quem estava apoiado na força do poder ou no poder da força...

Felicitem-se os academicos confiem nele que é um bravo timoneiro já experi-

mentado aos temporais, tipo de lobo de mar que nas lutas em que se empenha não recua nem transige. Vi nele, nessas lutas um verdadeiro caráter que não se macula não se dobra uma consciencia que não se deixa torcer — enfim uma força e uma esperança, um ídolo para os estudantes.

Mas seu valor já ia sendo grande demais para ser aplicado só no âmbito dos interesses escolares.

Ei-lo que surge à rua se mistura à nossa luta pela liberdade! E em comícios memoráveis, nestes momentos cruciais da humanidade em que tempestades varrem ululando os povos, vem, com o bilho de sua inteligência de sua palavra, reivindicar liberdade do Brasil e dos povos. Luta com os brasileiros de São Paulo, para que Brasil tenha na superfície da terra, seu dia de sol. Para que se eleja para nossa pátria, unica soberania — que ela se submete — a soberania da lei!

E vi nele, através desses movimentos civicos um orador torrentoso. E' verdade que as torrentes são turvas. Mas a do seu falar magnifico, passa majestosa, rolando lenta em leito largo, purissimo na sua clareza na sua transparência. Quando fala, não se decanta em inocuas apologias, mas mostra quadro nas suas cores reais — cores de miséria de opressão. E mostra-os claros, para que desapareçam em seu lugar surja uma nova era — a era que todos esperam que há de trazer a todos o bem estar material moral. Todas as honras lhe sejam!

Burza, pelo teu valor, pela tua coragem pelo teu patriotismo, eu te saúdo.

E não veja ninguém nas palavras que escrevi, qualquer sombra de lisonja, mas tão somente a expressão calorosa sincera de todos os que como eu, seus amigos, estimamos e admiramos, no seu talento nas suas atitudes. Comigo estão — eu estou certo — todos os estudantes que em eloquente e expressiva unanimidade o aclamaram presidente para a glória do C.A.O.C.

L. ORIENTE

(Ex-diretor do "BISTURI")

## FÁBULA DE ESOPO

Foca et arania, Souza et livrorum.

Souza in externura comandator arania erat. Magna foca in internum. Medicare dolore not money readavit, tanga eterna in bolsorum. Lumen brillans in cerebrorum passavit, resoluta erat question; livrorum patologic publicavit cursorum obrigavit omnibus alumnos. Quia compravit altrum livrum in paus est per omnia secula seculorum amen. Alumnos obrigavit livrum cursorum cognoscere virgula per virgulo. Ciencia non habet in altrum livrorum. Sie omnibus compravit livrum asneira plenus est e pars copiatu aproveitabile sunt Livrus balouçovit per multi anum reactio non habet per pars alnum.

Ars et ciencia in livrorum est neris de Petibiribas. Ars in asneira discere maximé in fraseorem propium Souza erravit profissionis. Contratorum corintians jogator acertavit.

### MORAL

Avec Cicero in catilinaría descendur: usque quandum abusavit patiensia nostra, foca?

ESOPO

## PARA VOCE

Procuerei há pouco tecer uns versos, mas qual, não sei porque, não dou para poeta. Quando gosto, gosto no duro e logo vou dizendo:

— Eu gosto de você.

Se poeta fosse, como Kurban ante sua amada, assim me esplanaria, deliciao-me ao calor das chamas de seu olhar: — Você é tudo para mim, querida, é a razão do meu viver. Sem luz dos seus olhos viveria eternamente nas trevas do infortúnio.

Ao roçar suave e caricioso de seus dedos, vibram as cordas de meu coração. E os tons suaves, melódiosos que delas emanam parecem dizer:

moreninha de olhos negros,  
eu sou doído por você

EU

# Psicologia médica

HILTON NEVES TAVARES

julgou livre até da morte".

Aparece a noção do imaterial, da psiche, que influi sobre soma e por ele é influenciada; os distúrbios da psiche como causa ou consequência dos distúrbios do soma.

Ao método compete a árdua tarefa de estudar esses fenomenos. A quem recorrer?

Só um ramo do saber se ocupa do problema espirito-matéria este ramo é o de Psicologia Médica.

Absorvido pelo progresso da técnica médico abandona dia dia aquele cuidado espiritual, que faz com que mulher doente lhe mereça atenção especial diversa da que dispensa ao homem doente; que faz com que os doentes sejam ouvidos com benevolência, de acordo, não com sua idade cronológica mas de acordo com a sua idade mental. Muitos frutos pode médico colher com leitura de "Idade, Sexo Tempo" de Alceu Amoroso Lima.

De duas ordens são os prejuizos que advem da errônea orientação do médico. De ordem material, para doente; desde que não haja compreensão mútua os resultados obtidos não correspondem ao esforço técnico empregado. De ordem moral, para médico, que se vê menos prestigiado na profissão, perdendo aquela aureola de respeito e confiança que lhe tributava doente respeito e confiança que faziam sentir-se às vezes qual um novo Mestre.

De todos aqueles problemas se ocupa a Psicologia Médica. A ela está destinado um lugar ao sol. Resta-nos prestigiá-la e desenvolvê-la.

Entre nós esboça-se agora movimento em prol da Psicologia Médica. Para tal, é necessário porem esforço e atividade organizada; com a criação do Departamento de Psicologia Médica e Psicanálise da Faculdade de Medicina da Universidade de

São Paulo, foi dado o primeiro passo nesse sentido, nos meios médico-estudantinos do Brasil.

Segundo tivemos oportunidade de ouvir do professor Mira y López, que inaugurou aquele Departamento, muitas Universidades dos Estados Unidos já possuem entidade semelhante, como se nota em Columbia, Massachussets, Chicago, Topeka, etc.

Allás, muito aproveitou ao novel Departamento do CAOC a visita do professor Mira y López, que teve oportunidade de proferir uma série de palestras abordando problema da inter-relação somato-psíquica psico-somática, bem como dando orientação segura para desenvolvimento em nosso país da Psicologia Médica. Mostrou s. exc. o paralelismo existente entre atual crise da medicina abandono a que está sendo votada a Psicologia Médica. Frisou a necessidade da expansão desse movimento por todos os países, de modo a evitar isolamento ou "enquistamento" dos centros dessa atividade. Referiu-se aos novos processos empregados no campo da medicina psico-somática nos Estados Unidos, onde já existem hospitais com grandes jardins, os corredores ornamentados com flores, hospitais esses que oferecem aos pacientes um ambiente agradável, verificando-se neles que o padrão dos resultados obtidos nos casos de cura é muito mais elevado. Referiu-se ao "Wall street Etomach" como exemplo de perturbação psico-gástrica, fenomeno esse observado nas grandes cidades comerciais. Finalmente falou do incremento que vem tendo nos ultimos anos Psicologia Médica nos centros mais civilizados do mundo.

Grande é pois tarefa que se impôs Departamento de Psicologia Médica do Centro Academico "Osvaldo Cruz". Grande e nobre.

Aos seus fundadores diretores, parabens!

São Paulo, 20 de maio de 1945

# REFLEXÕES REALISTAS Conceitos de liberdade

Na sombra dos corredores...

POR LAMPARINA

(o)

Em certa manhã de março, fomos agradavelmente surpreendidos, quando da leitura dos jornais, pela notícia oficial da próxima realização de eleições no Brasil. Incrédulo foi por certo nosso primeiro sentimento, tão forte e tão alta é a crise de sinceridade que Estado Novo desencadeou no Brasil. Mas, depois, vimos os por menores; sim, ali estava escrito: DIP seria extinto, seria suspensa a censura à imprensa e ao rádio, restabelecendo-se liberdade de palavra e de reunião. Seria revogado decreto que impede o funcionamento dos partidos políticos, assim como seria riscado do conjunto de leis (legislação imposta não chega a ser Constituição), que regem atualmente Brasil, famigerado art. 177, verdadeira espada de Dâmocles suspensa sobre a opinião política dos que, de qualquer maneira, estão ligados ao governo. Que desafogo, que sensação de liberdade sentimos depois de ler tão importantes notícias! Seria futuro do Brasil decidido pelos próprios brasileiros não por predestinados.

Mas, o ditador fizera dos brasileiros 40 milhões de céticos, de desconfiados, em relação aos atos do governo; concordaria o gaúcho de São Borja em deixar o poder absoluto que deteve durante 7 anos e do qual usou e abusou tantas vezes, entregando os destinos do Brasil ao arbítrio da soberania popular? Ou tratar-se-ia de mais uma de suas costumeiras farsas?

El hoje, decorrido quase um mês daquela clara manhã de março, estamos a pique de concluir que só haverá eleições livres se tanto obrigarem a pressão interna ou externa. Porque não se adiantou um passo do que fora estabelecido; pelo contrário, regredimos, pela nomeação, para pasta mais importante no momento atual, como seja a da Justiça, de um saltador que assolou durante anos glorioso “Leão do Norte” nosso indomável Pernambuco, pela entrevista coletiva que o sr. Getúlio Vargas deu à imprensa, deduzimos quais são suas intenções.

Disse ele, entre outras coisas, que art. 177 não seria aplicado, pelo governo, com intenções de vingança ou de restrição de Minas Gerais, entretanto, mais de 1.600 funcionários públicos foram afastados merecendo daquela disposição ditatorial. E que dizer dos muitos oficiais das nossas forças armadas, reformados por não se conformarem com estado de coisas atuais? Conversas do ditador...

A “complacência a benignidade” do nosso anão “presidente” deram-nos liberdade de palavra, mas até hoje, em Goiás, em Pernambuco, no Paraná e no Amazonas, os jornais são impedidos de publicarem aquilo que quiserem o mais antigo órgão da imprensa sul-americana permaneceu fechado até pouco tempo por ordem do preposto Etelvino Lins. E chegasse ao cúmulo (quando é que isso acontece) em país de governo realmente demagógico de assassinar friamente um univeitário, um moço cheio de idéias como nos penhas pelo crime de expô-los em praça pública; e o assassinio fica impune, como se não ficará o trucidamento do nosso J. de Carlos da Silva Telés, no tenente de novembro de 1943. Mas, atental com Coriolano, Etelvino companhia; vossos nomes serão sempre exarçados na opinião pública nacional, porque vós testastes ferri-la naquilo que ela tem de mais puro e mais elevado, os ideais da mocidade; por certo não os pudestes atingir, porque eles pairam muito acima de vossos poderes humanos e falíveis. Um dia, porém, não vos esqueçais, sereis julgados por um tribunal que não erra, que não engana que não pode ser comprado. E’ aí então...

Não nos iludamos, caros patriotas: se já conseguimos alguma coisa, isso é nada diante de tudo o que falta obter; que já nos foi concedido, não foi por benemerência do homem que ocupa Catete indebitamente, mas por força das circunstâncias. Estejamos prontos, pois, para conquistar nossas aspirações de qualquer maneira. Já disse mesmo alguém, com muita propriedade: “Liberdade não se pede de joelhos, conquista-se...”

São Paulo, Março de 1945.

A derrota total do totalitarismo faz-nos pensar na causa última primordial do desbarato de regimes fortificados pela detenção do poder sem restrições durante largos períodos, como aconteceu com o nazismo alemão e o fascismo italiano. A explicação última que nos ocorre, oculta sem dúvida entre os outros fatores mais próximos, é que esses regimes da força, concentrado nas mãos do Estado todos os poderes, menosprezavam o indivíduo, não reconhecendo como entidade autônoma e independente que ele é dentro da sociedade. A liberdade de que gozavam os indivíduos dentro da democracia inglesa, foi a nossa ver uma das razões do sucesso da resistência da velha Albion, sustentando durante ano meio o ataque dos novos germanos, já sem Wotan e Walhala no pensamento, mas com Hitler e o Grande Reich Alemão como bandeira; verdadeira epopéia, que, juntamente com a heroica resistência do povo russo e com os imensos sacrifícios que a si mesmo impôs o grande povo americano para favorecer as democracias, mudou completamente o rumo da guerra. A essa liberdade e ao maior senso de responsabilidade que a democracia infunde ao indivíduo, atribuímos a derrota dos regimes totalitários. O indivíduo não se sente mais como mera peça da engrenagem estatal, mas luta e empenha-se pela vitória daquilo que ele preza acatiz, Sabemos, com efeito, que a liberdade está na razão direta da dignidade humana, isto é, restringida aquela, afetada estará essa, a liberdade, que norteia os grandes movimentos construtores, por meio da crítica honesta da colaboração patriótica, que reage contra as ameaças da tirania, fortalecendo o organismo cívico das nações.

Mas, distingamos essa liberdade objetiva e observável no seio das democracias, daquela outra orientação, resultante das escolas filosóficas dos séculos XVII e XVIII, um liberalismo por assim dizer agnóstico, que dá cada indivíduo o direito de fazer que bem entender, sem precisar dar satisfações a quem quer que seja. Um tal conceito é defendido por muitos; conhecidíssimo Bertrand Russel, defensor do amor-livre e do adultério, defende também liberdade total contra, por exemplo, o fato de que “nos Estados Unidos ninguém pode entrar sem primeiro fazer profissão de fé contra anarquismo e poligamia. Nossa opinião não é a mesma; o liberalismo de 1789 não trouxe a libertação do homem, mas afastando-o das normas espirituais, mergulhou-o no materialismo; trazendo sob sua bandeira todas as forças da corrupção, deu oportunidade a que elas, tirando partido das situações agitadas, numa terrível confusão, idéias, princípios e convicções, semeando dúvidas e trazendo descrença.

Um fato também muito importante é que dá tais líderes liberais enorme responsabilidade perante os pósteros é que esse liberalismo individualista provocou no mundo uma crise de autoridade. Com efeito, sabemos que “a sociedade humana existe para os homens não estes, para a

sociedade”; mas, esse “liberalismo individualista subordina sociedade ao uso egoísta do indivíduo”. Diz mesmo pe. Leonel Franca, em “A Crise do Mundo Moderno”: “Em seu estado puro, o liberalismo confunde-se com a anarquia, em seu duplo significado etimológico; ausência de princípios, precipitar caos social”. Daí uma violenta reação psicológica, a princípio subjetiva, individual, mas que, passando depois toda a sociedade deu grande ascendência ao Estado que passou, em muito países a ser senhor absoluto, menosprezando e escravizando os indivíduos; desaparecendo a dignidade da pessoa humana, um tal Estado totalitário já não encontra limites ao seu imperialismo. É um dos grandes débitos dos liberais individualistas para com a humanidade.

Deve, portanto, liberalismo ceder lugar a uma liberdade mais alta, mais sã e mais humana, que fortaleça o organismo social. Abjurando os regimes esquerdistas naquilo que eles têm de ateu e materialista, acreditamos que essa liberdade que tentamos conceituar inclui obrigatoriamente transformações na atual organização da sociedade. Diz Bertrand Russel que hoje não é mais o povo que governa mas o capital que reina, escravizando todos os povos; considera com tristeza que tirania capitalista fez seu aparecimento precisamente “numa época em que as nações, depois de terem derrubado troncos, julgavam poder se governar a si mesmas em nome da soberania popular”. Mas, a causa de todo esse desequilíbrio econômico é exatamente liberalismo que Russel defende, o qual criou uma classe de potentados, formando capitais fabulosos, conduziu à miséria milhões de operários; foi a liberdade de comércio, sem a mínima restrição, com toda as suas manobras nem sempre honestas, que, dando a vitória sempre ao mais forte, ao homem ou grupo financeiro mais poderoso, que dominava as fontes de produção e os mercados levava a ruína total os concorrentes mais fracos ou menos aparelhados. O liberalismo econômico permitiu a organização dos grandes “trusts” que açambarcando toda a produção e dominando as praças, impõe preços para aquisição e venda dos produtos, sujeitando assim a seu poderio todas as classes desfavorecidas da fortuna. Tal sistema é sem dúvida imoral, mas atenuar-lhe as arestas reprimi-lo sob a imposição de novas leis sociais, seria para os liberais cercar a dignidade humana, que não deve sofrer restrição de espécie alguma. Eis o ponto a que chegamos por via de tais conceitos.

E eis por que, renegando os fascismos de qualquer procedência, alemão, italiano ou brasileiro não concordamos também com o conceito liberalista, que prejudica o normal funcionamento da sociedade. Liberdade sim mas liberdade racional e proveitosa para bem comum. “In medio virtus”...

São Paulo, Março de 1945

Ernesto Lima Gonçalves

## Departamento de Medicina Social

O Departamento de Medicina Social renasce este ano imbuido do espírito novo que hoje congrega os anseios de todos os povos. É época de inovações e de trabalho construtor, é inovando trabalhando que os colegas, que regem os destinos deste Departamento super-visionado pelo dr. Samuel B. Pessoa, se propõem para este ano um programa que visa, senão resolução dos inúmeros problemas medicossociais que afligem o nosso meio, pelo menos encarar-los, dentro das próprias possibilidades, sob o ponto de vista educacional, procurando por meio de conferências e propaganda, dentro do nosso meio e no meio exterior, alertar os futuros médicos e o próprio leigo no sentido de amenizar-lhe as influências.

Foi assim pensando que o Departamento arquitetou um plano de conferências e realização de uma ampla campanha de “Hi-

giene Alimentar” em nosso Estado (tanto na cidade como no interior). Essa campanha, cujo alcance social não é preciso encarecer, se fará com todos os meios de propaganda: rádio, cinema, jornais.

Não só nisso ficam as suas atividades, patrocinará e encorajará por todos os meios todo e qualquer estudo que vise a boa saúde do povo. Assim enviará para zonas que grasse esta ou aquela endemia, quando necessário, caravanas de estudo e pesquisa visando o seu debelamento.

Para isso, reiterando um pedido já endereçado aos colegas, convida a todos os que se interessam por assuntos medicossociais, a darem seus nomes a qualquer dos diretores do Departamento. Quer com isto este Departamento que todos os colegas participem da sua “Comissão de Trabalhos”, para que se dê bom êxito a todas aquelas realizações.

... consta que o Calazans anda furioso, pois soube por más línguas de ter servido de “pisa de corrida” para uma turma desalmada do 2.º ano. E ele agora vive dizer: — “pois é mesmo Aídar, isso é mesmo desolador para mim mesmo”;

... consta que depois de sofrer os últimos ataques do “BISTURI” e Andreucci, na histologia passou a indicar o Oria como autor de suas novas frases célebres;

... consta que entre os calouros há numerosos comprovados de nentastenia letárgica e “cholora locchius”, após a publicação da lista dos pontos do exame prático de certa matéria;

... consta que ainda no 1.º ano o Milton e o Vega Sales estão fazendo curiosas e surpreendentes observações sobre senocência dos alunos, justamente nas aulas de Química e mesmo após exaustivos estudos, ainda não atinaram com a causa;

... consta que o Xilur na impossibilidade de dominar pessoalmente e sapologia no 2.º ano, nomeou para lá um luso e leal representante — o “professor” Alberto, que está se saindo “pra cabeça”;

... consta que a Diretoria da Faculdade cedeu um amplificador de som para a Microbiologia, pedido do Melo, que agora está dando aulas teóricas...

... e tudo isso, por que será...

## Apuros de um calouro

O calouro atravessou o saguão da Liga contra a Sífilis da Santa Casa, com a cabeça erguida, dirigindo-se para a secção de injeções. Apresentou-se ao encarregado dizendo: “Bons dias. Vim dar minha valiosa ajuda no combate ao maior de nossos males. Quero começar já”.

O encarregado olhou-o de alto a baixo e disse: — “É preciso que o senhor conheça primeiramente a região glútea a fim de não errar na aplicação das injeções”.

O calouro mirou-o admirado e pensou consigo mesmo: — “Mas que sujeito bofo. Não sabe que eu estudo Anatomia com o Lochi”.

Passado algum tempo, o encarregado deu-lhe uma seringa, e mandou-o começar. O calouro assobiou e disse apenas um — O.K.

Passado algum tempo, encarregado sobressaltou-se com uma gritaria na sala de injeções. Foi ver o que aconteceu. Seu espanto foi enorme ao verificar que o “bicho”, tentava aplicar uma injeção com intermediária na ponta da agulha, e se queixava que a pobre negra tinha a carne muito dura. A sua maneira de segurar seringa, assemelhava-se à maneira de um açougueiro segurar sua faca de espetar. Com muito custo encarregado conseguiu fazer ver ao calouro, que ele estava errado, e quando em bicas, voltou sentar-se na sala vizinha. Nova vozeria porém, despertou-o. Voltou à sala de martírio dos pobres sífilíticos, e encontrou o calouro discutindo acaloradamente com uma preta beicuda, que lhe dizia: — “Olha aqui mocinho! Se ocê pensa que minha... (censurado), é armofada de inspetá agúia, tá muito enganado”. O encarregado aproximou-se, e verificou que a pobre filha de Eva... preta, tinha a região glútea com nada menos de 5 picadas, e um rombo no meio. Perguntado porque havia aquele rombo, recebeu do bisonho, a seguinte resposta: — “Ora! Mas não é para entrar o canhão junto com a agulha? O encarregado então explodiu, disse que a agulha, a seringa, canhão, e tudo mais, deviam entrar no... cérebro dele.

A esse pon to k[e]Pab—ocaluo ETAOINN

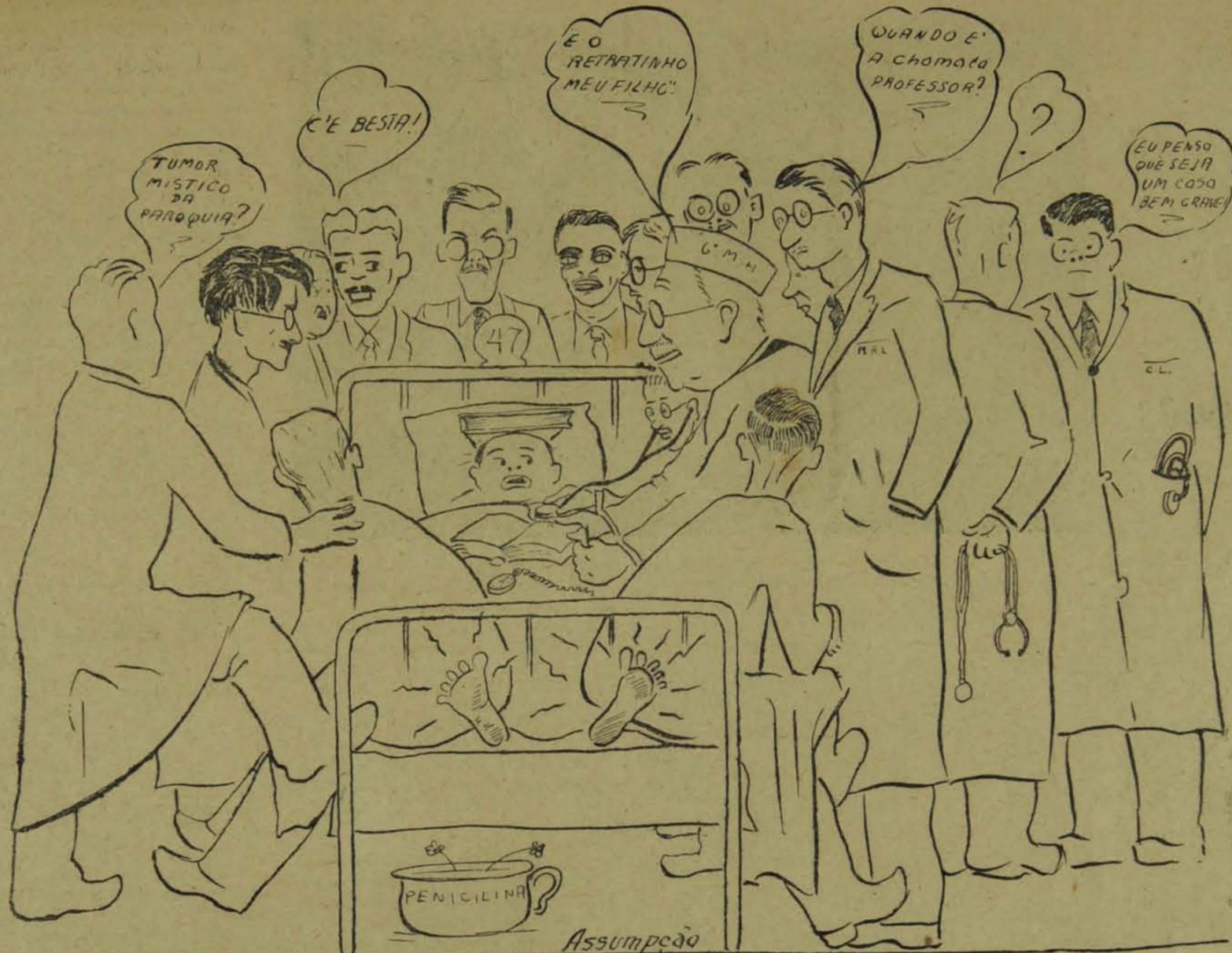
A esse ponto, o calouro indignou-se a tal ponto que pediu sua demissão do serviço!!! Apanhou chapéu botou-o na cabeça e disse: — “E fique sabendo que minha demissão é irrevogável...”

E assim terminou a triste estadia do calouro na Santa Casa, mas tenho que dizer primeiro, que ele prometeu comparecer ao Hospital das Clínicas a fim de impregar seus valiosos conhecimentos. Pobre do gajo que cair em suas mãos...

(Esta obra, é uma obra de ficção. Qualquer coincidência significa mera semelhança. Em testemunho da verdade...)

TICO-TICO

(O homem que fala para dentro)



Tijolo: — Estás sentindo alguma coisa?  
Doente: — Sim! Um forte pêso no estomago e uma "dorzinha" nas pérnas.

## S O N H O

Como deveria ser bom:  
Se o curso de Medicina fosse feito com frequência livre às aulas teóricas.  
Se pelo menos um curso de Anatomia sem as aulas teóricas... do Calasans.  
Se houvesse um castigo dos deuses, acabando com a raça dos sapos e consequentemente com a Fisiologia Muscular.  
Se o curso de Fisiologia fosse feito sem o "raciocinemos"... do Alberto.  
Se todo professor tivesse a delicadeza de um... Milton Amaral.  
Se o curso de Micro estivesse apenas a cargo de Lacazinho, sem as brigas que há no departamento.  
Se todo departamento fosse camarada como o de Histologia.  
Se não existisse... Fôca.  
Se todo departamento seguisse exemplo da família do Farmáco.  
Se todo professor fosse cavalheiro como... Odórico.  
Se Airosa não fosse dispneico nem o Mauro tivesse aquela vozinha.  
Se houvesse microscópio para todos... na Patológica.  
Se não houvesse aula teórica de clínica médica... no 4.º ano.  
Se Celestino observasse o regulamento e desse aula de... 50 minutos.  
Se se abolisse a chamada tal como é feito no Celestino e no Ovídio.  
Se se aprendesse... Urologia prática.  
Se Briquet compreendesse que os alunos não manjam nada... de suas aulas práticas.  
Se todo o curso fosse igual ao de Higiene... sem Relatório.  
Se vários catadráticos dessem aulas... como o Rubião.  
Se os alunos tivessem um Hospital das Clínicas... todinho para eles.  
Então poderíamos dizer: Eh! Eh! Escola.

"UN DE NOUS"

## ROUBANDO Á ECONOMIA POPULAR

Tenho um amigo farmacêutico bastante honesto, com quem gosto de conversar sempre que posso. Da última vez que com ele troquei idéias veio à baila o velho assunto da transformação das farmácias em verdadeiros bazares que vendem caixinhas e vidrinhos com medicamentos para todos os males. Mui justamente meu amigo concordou comigo, quando lhe disse que em grande parte os culpados desta transformação eram, porém, alguns farmacêuticos desonestos, que, para concorrência criminosa alteravam fórmulas, eliminando componentes indispensáveis mas encarecedores da manipulação. Tristemente tive que concordar com ele quando fez cair outra grande parte da culpa em muitos médicos, que, comercializando medicina, facilitam a existência gorda de diversos laboratórios, em mãos de indivíduos inescrupulosos, eternos visadores de um único fim, o dinheiro. "É por isso, dizia meu amigo, que desaparece a economia de uma família, quando nela aparece um elemento doente. Na receita aparece um remédio caro, de fabricação nacional, por laboratório desprestigiado, que sustentam alguns médicos, pelo número de unidades que os mesmos fazem sair. E, se porventura, nós, farmacêuticos dizemos ao infeliz paciente que não temos aquele produto, mas sim outro similar, mais barato, fabricado por laboratório melhor, perdemos o freguês; podemos mesmo até ganhar um desmoralizador de nossa profissão de nosso estabelecimento, posto que doente crê que quem tem razão é o "doutor" e que o farmacêutico quiz empurrar um outro remédio que dava a ele, farmacêutico, maior lucro".

Nesta altura da conversa novamente meu amigo concordou comigo, quando lhe fiz ver que muitas farmácias também agiam de má fé, empurrando produtos piores — mais caros —, com muita lábia, deixando similares mais baratos, de procedência boa, mas com menor margem de lucro. "Ainda aqui, continuou meu amigo, creio que a muitos médicos cabe maior culpa. Não interessa nenhum farmacêutico a compra de um preparado desconhecido. Mas que vemos sempre é entrar um vendedor que apresenta fichas de vi-

sitas a tais e tais médicos que "prometeram receitar baatante" este ou aquele remédio cujo nome nós nem vimos ou ouvimos antes".

É triste, mas é a verdade, "nua e crua, sem o manto diáfano da fantasia" diria nosso bom mestre Benevides. Vivemos num país doente de um mal dificilmente extirpável: sofremos uma grande CRISE DE CARATER. Tornamos, mais do que nunca, fiéis escravos do dinheiro e por ele vamos praticando os mais criminosos atos, tomando as mais absurdas atitudes.

Da conversa com o amigo somos obrigados a concluir, pesarosos, que muitos médicos agem como campo propício à proliferação de germes consumidores da economia popular, como são os desonestos proprietários de laboratórios que se aguentam às custas do número de unidades, que muitos profissionais "prometeram" colocar em circulação, mediante uma boa percentagem. Ambos são doentes, tanto os que facilitam a ação, como os que agem, mas, para a classe médica, que felizmente ainda existe, o maior doente é o médico facilitador, que por motivos diversos não consegue receitar honestamente e que vê, em cada paciente que entra em seu consultório, um meio para poder ganhar um pouco mais dos laboratórios A, B, C ou D.

De que vale ao governo criar Departamentos e mais Departamentos, se também seus empregados, em grande parte, sofrem do mesmo mal, e, por maior salário que percebam sempre

deixam passar alguma coisa, desde que se passe um pouco de "graxa" metálica?

Há pouco tempo tivemos oportunidade de verificar uma série de fraudes praticadas por muitos laboratórios e descobertas pelo Instituto Adolpho Lutz. Foi uma verdadeira decepção. Por que não continuar esta campanha moralizadora? Lá alhures que nos Estados Unidos o controle é feito de maneira eficaz, pois os encarregados do serviço retiram para análise produtos dos mais diferentes pontos do país, em farmácias distantes dos centros em que se realizam os exames. Por que não copiar esta norma de serviço? Aos poucos iríamos tendo uma boa limpeza de muitos estabelecimentos fraudulentos, com o fechamento dos mesmos; fechamento e não multas, posto que muitos proprietários pagariam gostosamente as multas e continuariam prazerosamente obtendo lucros fabulosos sacados da economia popular.

Enquanto continuar este estado de coisas seremos sempre obrigados a ver pobres coitados roubados em suas finanças por elementos que nunca desajam limitar seus lucros, elementos que vivem na ansia de acumular fortunas, facilmente, num país doente de crise de caráter; com filhos doentes de sífilis, tuberculose e outros males; num país de liberdades máximas para a ação de exploradores sem consciência que vivem comodamente instalados, em luxuosas residências, construídas com o suor do rosto de outros seus semelhantes.

SRRGIO CARUSO

## DESENHOS — GRÁFICOS — ILUSTRAÇÕES

e quaisquer outros trabalhos para ilustrar publicações científicas ou sobre medicina, tratar com

ASSUMPÇÃO e FALCON

alunos do 5.º ano da FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO

# BATISMO DOS CALOUROS



“O BISTURI” não pode deixar de assinalar fato mais sensacional da temporada de 1945 — o batismo da bicharada — as águas salubres cristalinas do Lago da Sabedoria, cujo flagrante publicamos em primeira mão em todo o Brasil graças ao estupendo “furo” de nosso reporter Zé Coruja.

Antes da apoteótica solenidade as águas ceptas do lago foram benzidas pelo chato n. 1 do mundo ao mesmo tempo presidente do comitê de recepção aos calouros: d.d. e exmo. veterano Russo.

A embaixada zoologica foi vivamente recebida pelos veteranos que mui docilmente sugeriram aos primeiros uma chopada que foi imeditamente aceita, dada a alta compreensão de interesses espírito de solidariedade dos mesmos.

Em fila indiana e a passo de ganso comandados pelo Vitor Pereira os calouros foram conduzidos para as margens do Lago Sábio onde deveriam desvencilhar-se da sua grande ignorancia orgulho antes de penetrar nesse templo de “humildade sabedoria” que é nossa Faculdade.

Para essa cerimonia foram convidados os presidentes dos diversos departamentos de nossa escola.

Fez-se representar nessa cerimonia, o d.d. diretor do Departamento de Ensino Médico que foi em busca de novos valores para a reforma do seu já abalado quadro de grevistas e anarquistas mas infelizmente voltou decepcionado, pois ninguém reagiu.

Em compensação vingou-se maquiavelmente dos desfibrados calouros deste ano.

“O BISTURI” fez-se representar por uma luzida embaixada constituída por seus diretores redatores.

Entre os presentes divisamos ainda dinamico presidente do D. S., o secretario do Departamento de Esportes inumeros professores da nossa escola que das galerias de seus departamentos, gozavam a olhos vistos “massacre” oficial dos calouros.

O unico que não gostou da brincadeira foi o calouro que apesar do sorriso amarelado, manifestou sua reação pelos pu-

nhos cerrados, que podem ser vistos na fotografia. Em compensação veja-se a cara do Caricchio e do Maretti.

O Vitor não apareceu pois achava-se, qual cegonha se infiltrando pelas pernas dos presentes, quando a fotografia foi batida.

Uma vez desinfetados, os calouros visivelmente agradecidos por tão inesperada e grata homenagem, se despediram e calmamente (a 300 kms. por minuto) dirigiram-se para suas casas contentes orgulhosos.

Como prova de sua imorredoura gratidão os calouros espontaneamente coagidos, ofereceram aos veteranos um magnifico baile encerrando-se assim as séries de amabilidades com que veteranos calouros se distinguiram este ano.

À ultima hora soubemos que foram entregues aos srs. Vitor, Russo Maretti, três medalhas de prata como prova de eterna camaradagem pois ficaram de uma maneira “indelevel” gravados em seus corações.

Farmaco-dinamica ligada à Terapeutica, etc..

E as gerações moças ficam entusiasmadas, aticadas de curiosidade, querendo aposentar os mestres antigos guindando aos pinaros os professores novos. Se quisermos dar apenas uma pontinha de razão a Comte, dizendo que a nossa época é a da ciência positiva, isto é da experimentação e applicação prática, não estranhemos essa atitude. Além disso, não há, também, aqui um reflexo do psiquismo do movimento? A ciência estagnate de outros tempos, portanto com caráter estático, cedendo lugar à de hoje, que não possui campo de ação delimitado, mas inter-relacionada com ciências afins; essa inter-relação não sugere a idéa intuitiva de atividade, de dinamismo?

A ciência em moldes franceses (estática), vai sendo deslocada pela forjada nos Estados Unidos (dinamica).

Que essas reações não sejam excessivas, e produzam resultado não esperado, é advertência aos que se iniciam na fase nova.

S. FIORILLO

## Uma noite de São João ELQUESUENA

Pour quoi? c'est que mon coeur  
[au milieu des délices,  
D'un souvenir jaloux constamment  
[oppressé,  
Fraid bonheur présent, va chercher  
[ses supplices  
Dans l'avenir et le passé,  
A. DUMAS

A noite estava fria. Raros balões buscavam misturar-se às estrelas.

Da lua, opalina luz descia trazendo frio em seus raios.

Continuei andar. Atravessei ruas, vielas, avenidas, ruas, vielas...

As horas da madrugada eram alumadas apenas pelos ultimos lampejos de fogueiras agouizantes.

Um balão vermelho, mansamente, caiu em cima dum telhado.

Aos poucos ia-me afastando da cidade. Talvez já estivesse perdido. Já não mais pisava em ruas, eram estradas. Buscava enorme fogueira, onde pudesse com as chamas atingir as pontas das estrelas. Somente as estrelas brilhavam.

Foi então, depois de muito caminhar, que, por entre ramos secos, vi uma restea de luz avermelhada.

Descuidado, aproximei-me.

Uma porta tosca, mal fechada, pelos seus buracos, deixava passar aquela pouca de luz.

Empurrei a porta.

Em volta duma mesa três pessoas estavam sentadas. Os cabelos brancos duma velha tomaram reflexos estranhos quando vento fez tremer a luz d'cô lampejo.

Um velho de ombros largos, nariz enorme e vermelho, deixando passar por baixo dum gorro amarelo, fortes cabelos; um mulato de olhos pequenos ferozes, com grosso casaco jogado sobre as costas, de mãos compridas que seguravam um maço de velas.

Mais além, fitando-me tristemente, com tristes olhos de estranha beleza, estava, de pé, uma jovem de uns quinze anos. Na meia-luz vi seus lindos cabelos negros, caídos até os ombros.

Nos olhos havia um brilho de amor sofrimento. Os labios grossos vermelhos discordavam do rosto moreno. Num olhar envolvi as formas daquele corpo juvenil coberto por miseros trapos.

Mas, surpresa e interrogação daquelas caras em volta da mesa, agressivas, fizeram com que eu fechasse a porta.

Um cão latia nervosamente.

O vento, arrancava gemido das árvores. Continuei caminhada.

As nuvens eram como tenues véus em torno às estrelas.

Mas, com estranha nitidez, eu via os cabelos negros, o brilho triste daqueles olhos. Sentia-me como se tivesse cometido algo absurdo, inconcebível, irreparavel.

Senti perder algo de muito intimo. Algo me pedia para voltar, no entanto, continuei, caminhando.

Voltei a passar por ruas, vielas, ruas...

Restos de fogueira, remexidos pelo vento, levavam cinzas às estrelas...

# DINAMISMO

Sem alinhar exemplo, é facil perceber que nosso século é o da velocidade. A fortaleza-voadora leva apenas horas para transpôr o Atlântico; com apertar de um botão somos levados ao topo de um arranha-céu. Nas metrópoles formigam os homens; tumultuam os pensamentos e as realizações. Isso tudo faz com que os processos biológicos também andem acelerados. Não é de se admirar, pois que a duração média de vida encurtou.

Esse afã coletivo de movimento e ação determinou, nos povos modernos, um psiquismo individual em que o movimento ainda, constituinte primário. Seus reflexos

são marcantes nos vários setores da atividade intelectual: artes, ciências.

Noutros tempos, as criações artisticas possuíam, de maneira bem definida, dois elementos: objetivo, que nascia da contemplação, quasi que extática, do meio exterior, o subjetivo, que caracterizava o mundo interior do artista. Em nossos dias, com advento da velocidade, dessa atividade em centros populosos, da fuga ao meio natural (Natureza), elemento contemplativo vai desaparecendo, em consequência, subjetivo vai aumentando. E este, por sua vez, está fortemente influenciado pelo sistema de vida essencialmente agitado.

Ora, um fenômeno perfeitamente ritmado a presenta-se aos nossos sentidos como sendo estacionário: uma corda tensa repicada, embora vibrando, com a presença, em sua extensão, de “nos” e “ventres,” fornece aos nossos olhos aspecto de um sistema estavel. O ritmo perfeito da poesia, nos moldes clássicos, também gera a sensação de qualquer coisa estacionária, monótona, com uma parte ainda acentuada daquele elemento contemplativo, para os indivíduos de nossa época, com psiquismo moldado à noção de movimento. Daí poesia moderna não ter ritmo perfeito, mas de versos longos e curtos, afim de não fornecer a sensação de um sistema estático, porém de um dinâmico, mais de acordo com o novo ritmo fisiológico. E os conservadores clamam que a poesia moderna não tem ritmo!

Na pintura e escultura modernas, as influências do movimento fazem-se também evidentes. Há tendência em abandonar os conjuntos de fadele puramente contemplativo. Por outro lado, procura-se crear figuras e conjuntos como se fossem vistos de planos diferentes do utilizado pelos artistas clássicos; de planos inferiores ou, mais comumente de superiores como se artista estivesse colocado em uma plataforma movel que sofresse uma ascensão

ou descensão, e ele, daí, retratasse sua obra. E os traços da pintura ou escultura apresentam-se, por isso, estirados, longos, mais retos, dando-nos de maneira intuitiva, a idéa de movimento, de ação.

Os processos utilizados pelos técnicos do cinema americano não são diferentes dos expostos acima. Será que não é isso que nos fornece a sensação de filmes dinâmicos (os americanos) e de estáticos e monótonos (os ingleses, por ex.)?

Anos atrás dançava-se o minueto; os passos e gestos eram governados por um compasso rigorosamente medido pelo metrônomo. Hoje dança-se o “swing”; com possos gestos governados pelo “wisk”. Evidentemente, movimento de antanho é monótono contemplativo perante as danças hodiernas, onde super-abunda movimento.

NaGrécia antiga filósofo era também homem de ciência. Os conhecimentos totais do homem estavam integrados na Filosofia. Com os séculos, os ramos do conhecimento foram-se extendendo-se, limitando seu campo de ação, constituindo-se em ciências autónomas, independentes da mãe filosofia. Multiplicaram-se as especialidades, proliferaram as logias. Os especialistas, no desejo incoercível de que suas disciplinas crescessem, sem nomes surgissem, foram contribuindo para que o conhecimento humano se apresentasse como uma miríade de logias estanques. Os americanos, com sua psicologia pragmática, perceberam que a especialização excessiva e circunscrita a si mesma, era prejudicial. Com ansia de renovação, temendo ficarem afogados no amontoado de estudos esparsos, acumulados através de anos, procuram fazer com que as ciências modernas se inter-relacionem intensamente fim de que possam delas tirar o maior número de applicações práticas imediatas. A anatomia dos órgãos relacionada com função dos mesmos; Fisiologia como base para a clínica,

## TELEPATIA

Tele patia... um tanto quanto difficil de se definir... e com a qual ou sem qual... a natureza seria tão bela e harmoniosa como o é.

Telepatia deriva das palavras grego-latina... TELEPHONE... ANTIPATIA... Bem... por meio dessa ciencia escalafonética e anti-fascista... conseguimos desvendar diversos misterios que permaneciam ocultos e recalçados nas “cacholas” de nossos colegas... Tais como...

: Captamos pensamentos do Moises Liberman... e encurralado em um canto daquela cabecinha loira... estava um tático pensamento... — “Ah se eu pégo aqueles dois judeus do SHOW”...

: O pensameto do Pascoal Russo era:... “Nossa, será que de fato eu sou tão chato como disem por aí?... é necessario que eu me regenere... mas como?”...

...O Raphael... pensava... em um lar... umas vaquinhas... uma linda moreninha...

E assim varios outros pensamentos que por estas e mais aquelas... é melhor não nos referirmos aqui nesta coluna, senão daria muito barulho...

Dedinhos

# O CHA'

Cinco horas de uma tarde de abril. Na sala de tons verdes do "Mappin" com sua longa mesa florida, já se notou grupinhos coloridos em que se irmanam calouras veteranas do D. F., em alegre convívio.

A cada momento abre-se a porta para dar entrada a mais moças que são festivamente acolhidas, inclusive pela flâmula verde, que auxiliada pela corrente de ar que se estabelece agita-se alegremente num dos ângulos da mesa, tentando ao mesmo tempo, disfarçadamente lambar coberto de "Chantilly" do bolo mais próximo.

"A" presidente Maria Luiza, muito digna ativa nas suas longas mangas justa de jersey azul-marinho troca idéias com "O" presidente Burza, de maneiras não menos dignas - mangas tão longas embora não justas, impassível e único entre as 40 do D. F. (Nota de redação: qualquer semelhança com Afí-Babá é pura coincidência).

Inicia-se chá. As conversas cada vez mais se animam, as calouras sentem-se mais a vontade e agita-se a flâmula verde e logo depois levanta-se Maria Luiza para saudar as calouras, o que faz com palavras carinhosas dando-lhes as bênçãos vindas e felicitando-as pelo seu ingresso na Faculdade, oferecendo ao mesmo tempo amizade e colaboração das colegas veteranas.

Em seguida é feita a chamada tradicional das calouras que se levantam, uma a uma saudadas por uma salva de palmas; Maria Ercília, Rosa Estela Briquet, Lya Kante, Dinorah Sintra - as transferidas do 4.º ano; Lígia Aguiar e Júnia Marins.

Ainda uma salva de palmas em homenagem a Celeste pelo 1.º lugar brilhantemente por ela ocupado no exame de habilitação. Muito bem, Celeste!

E o chá continua...

Súbito, um murmúrio nascido num dos cantos da longa mesa, saltando cêlere de boca em ouvido, chega até a Drina que, como eficiente secretária do D. F. vira-se para o Burza e pergunta-lhe a queima-rouba: — "Voce é noivo! Há alguém que deseja saber!"

A resposta negativa do indefeso presidente, nascem crescem outros murmúrios, agora em sentido retrógrado atingem o "tal" canto interessado da mesa, acrescentando, de alguns esclarecimentos: "É bo de fazedeiro, tal coisa, etc..." (E aventurarem-se meus senhores, a aproximar-se do D. F.!).

Infelizmente porém a noite aproxima-se reunião colorida e alegre dissolve-se, ficando porém nos corações de todas a lembrança agradável de uma tarde de abril, dedicada à amizade e à camaradagem.

Em tempo: o presidente deveria falar, como é de praxe! Será que com o susto ele entrou em afasia! E.U.

## Nestas noites frias...

A TED

Nestas noites frias, em que tudo se parece cobrir de melancolia e tédio, a noite se parece despir do prateado do luar e do constante faiscar das estrelas, tudo se melha desfilar numa entidade profunda, compassada muda.

O vento brusco, contrario àquela brisa mansa e afagante, violento, azobóia, despindo arvoredo de suas folhas que esvoaçam esmo.

De minha janela, mergulhada na penumbra, observo aquela velha arvore, esguia, desganhada, nua, ramos contorcidos voltados ao alto envolta pelo mato vaporoso da garça noturna, que, incansantemente continua cair.

Ao longe, uma silhueta feminina se vai tornando mais visível, a apressadamente se aproxima, passa e novamente se torna a perder.

Como essa silhueta lentamente névada se vai evolvendo para o espaço infinito e, com ela, meus pensamentos, cêleres vão se despreendendo voando para a Mansão do Passado e da Ilusão, onde tudo parece ser doce e mego, cujos caminhos são desluzidos de estalhos e abrolhos onde a fugitiva passadeira "Dona Felicidade" que eu tanto tenho tido a procurar, se parece abrigar.

O portão principal é ladeado por louras

HISTÓRIA

EM 6

PALAVRAS



— Oh Jack d'ont stop the car here  
 — Oh Jack d'ont stop the car...  
 — Oh Jack d'ont stop...  
 — Oh Jack!...  
 — Oh!...

# Os pingos nos ii

## A ANESTESIA E A TRANSFUSÃO NO H. C.

creanças, sorridentes amáveis que, solícitas, m'o vem abrir.

Descortina-se ante mim aquela larga estrada macia, onde, a cantar os pares se vão alegres e a correr, marginada de flores, cujo ar é embalsamado pelos perfumes silvestres.

A brisa, de quebrada em quebrada, vai entoando suas canções.

Insensivelmente, absorto, vou caminhando: todos me cumprimentam e me sorriem e eu, num um deles, sequer, conheço.

Proximo àquele lago, onde os pássaros esvoejam os cisnes se banham, uma casinha branca se projeta contra horizonte afogado pelo crepusculo matutino que começa a despertar.

Bato à porta. Não respondem. Torno a bater e o mesmo silêncio é quem responde.

Volto-me olhar para teto, onde em letras douradas lê-se: "Aqui mora a Felicidade"

Entro. Aquele silêncio enervante, impera num recinto bordado a âmbar e jade, ouro e prata. Tudo deserto ermo.

Sobre a mesa, noto algo que me não é estranho. E, lentamente, me vou aprobeitando, ouvindo o ecoar de meus próprios passos.

Estendo a mão e tomo o que semelha ser uma parte de mim proprio, notando-o com um mixto de tédio alegria, nostalgia e saudade.

Tomo daquele diário, sim...aquele diário que foi meu confidente e amigo, companheiro inseparavel de prazeres e infortúnios, já gasto pelo ação do tempo e do uso.

Ancioso, abro-o e vou lendo...

"Hoje, quarta-feira. Encontrei-me com Dona Felicidade... que me ofertou seus

Vou lendo, ou melhor, absorvendo aquelas palavras, préstimos e acolhedor lar...

"Hoje, 21 de maio, domingo. Tempo de garça e frijo. Acabei de ler "Lenitivo", que alguém me ofertou, alguém de quem tanto gosto, tão amavel... tão incompreensível"

"Julho, 23, domingo. Estou aborrecido, hoje, e com razão. Dona Felicidade se veio despedir de mim. Convidet-a habitar comigo este teto que tanta alegria me tem proporcionado, ao que, sorrindo, ela respondeu:

— Impossível, amigo. Já não existo ou melhor nunca existí... não ser na mente daqueles que feticidamente pintaram-me com o fim de se iludirem e sufocarem suas próprias mágnas, suas desilusões.

Não desanime, talvez nos vejamos algum dia; mundo dá tantas voltas.

Continua a penvir em mim. Adeus...

— Que faz você, debruçado sobre essa janela úmida?

Viro-me repentinamente, cêno despertar de um profundo sono noto meu colega que acaba de chegar.

— Acabou-se a semana de folga; amanhã segunda-feira é dura. Está triste por causa de nossa derrota na Mac-Med?

— Acertou; isto deixou-se grandemente aborrecido como você proprio o soube notar. Mas, os infortúnios tristezas também fazem parte de nossa vida. São coisas que acontecem.

Aos colegas que sobem escadaria ingreme escorregadia da Faculdade.

De tudo que se passa na Faculdade no Hospital das Clínicas, salvo poucas mas honrosas exceções se conclui que os ilustres mestres, numa homenagem póstuma à cultura itálica combalida querem colocar na porta da escola o distico do grande Alighieri: "Lasciate ogni speranza, oh voi qu'entrati..."

E' assim que se desinteressam os responsáveis pelo nosso Ensino ante o caos em que ele se acha, numa verdadeira atitude anti-patriótica, pois, menosprezam eles o valor da integridade física dos brasileiros colocando-a à mercê de médicos incompetentes.

Os mestres são sempre teóricos só acertam quando as circunstancias forçam rumo dos acontecimentos. Não querem eles tirar delas lição da situação. E permanecem no "Deixa como está; tudo vai se acertando com o tempo..." E assim estamos nós, no Brasil, esperando que alguma coisa se acerte. Lá se vão 445 anos.

Pelas condições atuais do Serviço de Anestesia do H.C., ninguém mais vai aprender anestesiologia, antes de receber "cartucho" Mesmo os que sonharem com a Cirurgia, não mais aprenderão a dar anestesia. Será que aprendizado pratico desse recurso médico, ficou reservado para post-graduado? Ah! Sim. Todos os alunos irão morar lá no H.C. depois de formados para aprender alguma coisa, pensam os incautos. Pois, nem para os médicos há lugar por lá (Perdão! esquecemo-nos da enfermaria dos queimados, os seus gritos e do seu cheiro...).

E' preciso que os alunos tenham aulas teóricas de anestesia, "estágio de olhar" depois "estágio de fazer" sob a responsabilidade do médico-anestesiologista presente na ocasião. Entretanto, se a ordem "Só médico pode fazer anestesia!" não for mudada para "A anestesia só pode ser feita pelo médico ou sob sua inteira responsabilidade!" é que negócio vai mal.

Ah! que saudade do tempo em que a escola era risinha e franca não havia um H.C. para atrapalhar...

Não somente os que vão fazer cirurgia é que devem saber fazer anestesia. Porém, também os outros devem ser capazes de executar alguma coisa com segurança, pois neste Brasil extenso rarefeito, é preciso que se faça alguma coisa de tudo, sem a que não se pode ir além das fronteiras da 4.ª Parada para não por em perigo o "bem-estar" dos brasileiros, ali adiante.

Para nós não conta até agora que tenha sido organizado ou esteja em organização qualquer projeto no sentido de se pretender ensinar alguma coisa de anestesia aos Alunos.

Senão, esperemos pelo nosso heróico colega Paulo Canton, que nas suas missivas aludia sempre às sensacionais anestésias que ministrava serviço do prof. Alípio

Correia Neto. Ele, sem dúvida, não se recusará no sensinar...

O mesmo se diga em relação à TRANSFUSÃO.

Aliás, esta falha sempre caracterizou a nossa formação prática. Nunca tivemos em curso algum, algo que se referisse à transfusão, não ser teorías sobre hereditariedade de tipos sanguíneos. Mas este desleixo é facil de se explicar: um assunto desses não "empolga" platéia a sua execução não permite aos "tais" fazerem "farol" Os que aprenderam a fazer transfusão, só o conseguiram sob uma "escravidão" longa nas enfermarias da Santa Casa. Mas no Hospital nem sob tiação de algum carrasco, é possível trabalhar.

Por que não se organizam cursos de transfusão, à noite ou nas férias, com demonstrações práticas, colocando assim todos os alunos da Faculdade de Medicina em condições de executar uma coisa tão importante na paz como na guerra?

— "Não, Não e Não!!!" Alguem sempre diz...

Fases virulentos Alunos não devem botar o nariz aqui dentro, senão me estragam com Hospital Modelo...

Por enquanto é só...

CARMINO CARICCHIO

## Homenagem ao Prof. Eurico da Silva Bastos

Comemorando expressiva vitória do prof. Eurico da Silva Bastos, alcançada em recente concurso, e que o levou à cadeira de Technica Cirurgica Cirurgia Experimental da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, um grupo de seus admiradores amigos, organizou expressiva homenagem a simpática figura daquele professor. Esta homenagem constou principalmente de um banquete realizado nos salões do Automovel Club no dia 4 de maio de maio. Nesta solenidade, que contou com presença de centenas de pessoas, fizeram-se ouvir, dentre outros, prof. Pacheco e Silva falando em nome da Congregação, e o colega Carlos da Costa Branco, que o fez em nome do Centro e dos alunos.

O prof. Eurico da Silva Bastos em expressivo discurso falou das suas normas de trabalho, do profundo agradecimento que lhe ia na alma por mais aquela demonstração de amizade, deixando entrever em suas palavras aquela mesma firmeza de caráter que elevou tão alto no conceito de quantos já se aproximaram dele.

Aliando-se a estas homenagens, "O BISTURI", quer deixar aqui patentes seus mais sinceros cumprimentos ao novo catódico augurando-lhe outrossim os iguais ardentes votos de felicidade no decorrer dos trabalhos em que se empenhar.

### O que se ouve na Cl. Med.

“Eu fui muito traumatizado “enquanto-logicamente” — M. S.  
 “Na vigência das cardiopatias nos estados hipertrofiados, eu vos digo “gostosamente” que não há doenças, há doentes” — M. S.  
 “Na excelente monografia do nosso mestre, os srs. encontrarão esta notícia” — O BOLO TODO.  
 “Na imensa maioria dos casos”, os srs. não darão o diagnóstico — A. P.

#### ZÉCA

Segunda, Terça, Quarta, Quinta e Sexta — Seríssimo “talleur” azul marinho — 1 anel, 1 relógio vagabundo, Sábado — casaco “moutarde” 2 anéis, 1 relógio não vagabundo.

Segunda, Terça, Quarta, Quinta, Sexta — Terno “à la val como val”, alguns fios desordenados na região occipital, Sábado — terno todo alinhado, o dito fio, glos-torado!  
 (Os dois continuam no Céu).

#### A TURMA, ENTERNECIDA

### Dizem no 1. ano

- 1) Que o Fontana tem um filho no 1.º ano.
- 2) Que o Prata manda na piscina.
- 3) Que Velho está apaixonado (Trancinha).
- 4) Que o Mentessanti é o tal na direita.
- 5) Que o Raw é cientista.
- 6) Que ela tem um bigodinho bacana.
- 7) Que a Edil pega sapo com algodão.
- 8) Que a dupla Feto e Embrião é boa.
- 9) Que a panela do gordinho está pra cima.
- 10) Que 2.º ano é perna de pau.
- 11) Que Edil não recebeu a aposta.
- 12) Que numero 8 não levou Trufe.
- 13) Que Belda é melhor extrema esquerda da Escola.

W. C. M.

### O Domingo da Liga

Escreveu: “NEOSALVARSAN”

O expediente é às 9, mas como é de bom tom, pessoal chega às 9 meia. Ouvem-se frases de embasbacar:

- Onde você está?  
 — Estou “na vela”  
 — E você?  
 — Estou “no sangue”  
 — A Denise está no Pré-Natal (quem diria...)

Os doentes vão pirgando. Às 10 horas, chega o “grosso”: o Piazza, casado e feliz; o Carmek, banhudo e pacífico; os Andreucci (isto é, Mário) sempre de bom humor; o irmão Zinho vem mais tarde, correndo, apneico?, mas sempre falando; Serman (que anda mancando), há três semanas que os “bebês” não têm oportunidade de lhe banhar qualquer coisa.

Pelos corredores, gente tropeça em calouros polimorfos. Muito comportadinhos e serviçais.

Na consulta nova, ali sim! Tudo vai às direitas.

Examina-se um doente; chama-se um colega, que chama um segundo, que traz um terceiro; tudo visto e revisto, acabou exame. Veste-se o doente, aliviado, busca a porta. Mas não contava com o Patrício, sempre dinâmico: “Que isso?” “Já” vai? Volta, tira roupa, eu não vi esse caso?”

O Manzione, emblema da onipotência, distribui “Wassermans” mancheias. O Moacir controla as observações. Luizinha, sempre energética, abre porta e bate porta.

Até os sapos da Liga são convenientes, como aquele peruano que dá pinotes, de consultório em consultório, filando “las sífilis”

O Vitor todo distintão, pira na hora certa. O Leite, Camargo, com nariz no microscópio. O Belda, “esfregando” tudo que encontra, d. Henriquetinha dando aventais gigantes a pigmeus, e vice-versa. E’ o ambiente mais camarada possível; não sai briga, não sai nada (só saiu o nosso aparelho de pressão; é verdade que intimidade tem limites).

Às 11 horas, 2.ª fornada de doentes; alguns auxiliares desaparecem como por encanto; outros, magnânicos ficam no “batente”

(Continua) — E macarronada esfria, a mãe da gente xinga, mas viva a Liga!  
 V. V.

# Conceituando...

A sucessão rápida dos últimos acontecimentos, quer os de ordem interna do país, quer os de ordem internacional, evidencia uma época de transição, caracterizada por transformações notórias processadas em todos os setores de vida.

A Humanidade ao se debater no entrecabo de ideais, no litígio violento de aspirações, tem oportunidade de pôr à mostra, bem claramente, os múltiplos defeitos serem corrigidos.

Já é lícito, pois, antever-se um futuro algo diferente, em que forças novas irão acelerar novas conquistas e realizações.

Apraz-nos da mesma forma notificar que as aparências indicam agora estar o povo brasileiro usando certa vivacidade, ao seguir as tendências do momento, para levantar-se decididamente do “berço esplêndido” em que por muito se deixou ficar, no sonho dourado de uma comodidade injustificável e inoportuna.

Obvio porém se torna que a nova fase tenha já na sua aurora as normas de um plano de ação bem esclarecido, fim de que o trabalho a realizar encontre alicerces no espírito sadio de perfeita compreensão, a orientar os destinos da comunidade que pertencemos. Para tanto é preciso que a bandeira simbolizadora dos mais puros ideais, tenha para ela, em todos os momentos, os nossos olhos voltados e que a congregação real de todo o esforço se faça sentir.

A transformação natural das coisas existe sempre, talvez fruto do próprio correr do tempo. Necessário, porém, é que orientemos suficientemente, de modo a que ela se torne uma verdadeira evolução. Só assim haverá maiores melhores possibilidades todos no complicado cenário dos acontecimentos.

O presente clima de mudanças, sendo notoriamente geral, apresenta, pois, sensíveis efeitos particulares, ou mesmo, não passa de uma soma de parcelas, se faz sentir em todas as atividades sociais. Por isso, a observação do desenrolar de tais fatos é oportuna para nós, nesta hora académica brasileira — e particularmente estudantes de Medicina — a fim de que a tão útil senso de oportunidade nos indique ser este presente o momento, mais do que propício e ideal, para reclamarmos dos nossos direitos e consequente satisfação de nossas necessidades.

Cremos estar no terreno do que nos é lícito, lutar, não só pelas questões de mais imediato interesse à nossa situação atual, mas também pelear por algumas de maior âmbito. Dos problemas médico sociais, de tão premente solução, jamais poderemos esquecer, pois, para o bem estar

da sociedade colima toda a finalidade da nossa obra, agora ou no futuro.

Aliás, as condições precárias em que se encontra grande parte do povo brasileiro, no que se refere, por exemplo, à desnutrição dos indivíduos, ausência dos princípios elementares de higiene, enquanto persistirem, darão a nós motivos de sobra para que vivamos sempre exigir dos poderes competentes as providências imediatas precisas, como primeiro passo à tão proclamada — mas ainda somente almejada — posição de destaque do Brasil no concerto das grandes nações.

Por outro lado, as condições atuais do ensino merecem a nossa atenção. E tal problema é, sem exagero, de necessidade primordial para um progresso verdadeiro, que avocamos a dejetar. Algumas reformas de ensino têm vindo e a que nos diz respeito, mais diretamente, parece que logo virá. Diante disso, preciso é que nos tornemos precavidos para com que nos espera. Quais as novas medidas a nós destinadas? Que se fará do ensino superior? Algum estudante ou representação estudantil foi consultada sobre o que existe ou informada sobre que será feito? Cremos que não. Resta-nos, pois, protestar, criticar, sugerir, senão os nossos direitos serão eternamente esquecidos as nossas pretensões jamais se tornarão concretas.

Ficar calado é consentir. O nosso silêncio seria dizer “amen” aos “credos” que nos impingem os atuais mentores do ensino no Brasil. Como, porém, é sabido que o nosso descontentamento é constante, necessário se torna exteriorizá-lo em forma de reivindicações. Não nos faltam argumentos para estruturar a nossa luta com alicerce sólido de motivos justos. Por isso é necessário que façamos força no sentido de conseguirmos, as iniciativas de nosso proveito, ir além dos “projetos” que se perdem sempre na burocracia irritante, até hoje posta em prática.

Em desse modo a dupla posição do estudante de Medicina, em face dos acontecimentos de agora — colaborar com os médicos na resolução dos problemas de interesse geral e tratar sozinho das questões que visem um clima mais propício ao estudo.

Muito é preciso fazer, em nosso país, em matéria de saneamento e de educação. Se tal campo de trabalho, primordial na factura de um povo realmente forte, continuarem sem maior cuidado a nossa crítica — prevenimos — também continuará, cada vez mais incisiva.

Maio de 1945.

ALVARO DA CUNHA BASTOS

## Sensacional descoberta nos dominios da Bacteriologia

Folheando a nossa “Bíblia de Microbiologia” (Composição química das bactérias 2.ª apostila, pag 5, linha 32, opus 3. mov: enchentíssimo) publicada em prestações “modicas” por “Leite-Pavesio Editora Exploradora Ltda” encontramos o trecho que abaixo transcrevemos, expondo um método econômico, pratico rápido para a destruição das bactérias.

Como fomos os primeiros reconhecer as excelentes características desse processo, e animados por varios médicos amigos, queremos tira-lo da obscuridade em que permaneceu até agora divulgando-o pelas colunas deste baluarte da ciência moderna.

Vamos ao que interessa: “Em geral as bactérias não sofrem ação das vibrações sonoras. Todavia um vibrador sonoro em tubo de níquel acionado por um campo eletro-magnético emitindo ondas sonoras com a frequência de 9.300 vibrações por segundo é letal para um certo numero de bactérias. Este método de destruição das bactérias por este agente físico é de grande interesse para certos estudos por não determinar modificações profundas na estrutura dos microrganismos como acontece com os agentes químicos.

Vibrações supersônicas de 290.000 a 1.500.000 por segundo têm efeito destrutivo sobre células organismos unicelares.

Iniciamos, imediatamente, investigações experimentaes nas aulas teoricas do curso afim de aproveitarmos gratuitamente as respectivas ondas sonoras. Com aquela rigida disciplina científica que nos caracteriza (sic) levamos nas aulas tubos de cultura com diferentes bacilos após exposição durante os 45 minutos (amos examinamos ao microscópio.

Notamos que apenas em um dos Departamento houve destruição completa. Como não utilizamos nem tubo de níquel nem o campo eletro-magnético provamos de modo abstrato que as ondas sonoras podem agir isoladamente sobre qualquer bactéria. Partindo dessa primeira observação continuamos a aprofundar nossos estudos após noites e noites em claro sacrificando nas tais aulas todas as nossas culturas fomos levados a concluir que a palavra “mesmo” possui 9.300 vibrações por segundo.

Nota — Estamos concluindo observações sobre o efeito das vibrações supersônicas dessas mesmas ondas nas células do albu-

## 1. Campeonato Interno de “Snooker”

Um dia destes cheguei-me ao salão de “snooker”. Vi de relance Chamberlain, e tive a impressão de que tinha um braço mais comprido que o outro. Reparei melhor notei que segurava um taco de bilhar.

— Então Chamberlain, também você joga isso?

Ele não respondeu e, azanhado, arrastou o taco um canto. Depois de algum tempo voltou-se e perguntou-me: — Você joga bem, não é?

— Mais ou menos.

— Então jogue uma partida.

Mas não havia no momento um parceiro. Salmos conversávamos.

— Quem mais joga bem aqui na Faculdade?

— Há bons elementos: o Alvaro, Fogueirinho, o Tales,...

— Mas, quem joga melhor?

Estava lançada a farsca na polvora.

— Vamos fazer um campeonato de “snooker”? propôs.

— Está feito topou logo o Chamberlain.

1.º Campeonato Interno de “Snooker”

DIAS 21 A 26 DESTES W

Inscrições com o Chamberlain

o Dória

Informações com Chico

Dentro em pouco surgiram os bambas as perguntas:

— Como é, isso vai ser a “leite de pato”? E tempo das partidas? Paga-se?

Foi afixado então

Regulamento para o 1.º Campeonato Interno de “Snooker”

1.º) — O sistema de classificação será de eliminatórias.

2.º) — Haverá premios para os 1.º e 2.º colocados.

3.º) — Para o emparelhamento, mesa início de partidas haverá sorteio.

4.º) — As partidas preliminares serão únicas; para as semi-finais para a final os resultados serão obtidos em melhor de três.

5.º) — O jogo será “cantado”; haverá necessidade de cantar bola, caçapa e repique. Se a bola entrar em outra caçapa que não a cantada o jogador perderá os pontos correspondentes. (Por cortada deve entender-se a jogada em que a bola bate apenas em uma tabela; se um dos adversários desejar que a bola toque mais de uma tabela deverá cantar: “sanfona” com 2, 3 ou mais tabelas, conforme queira).

6.º) — Outros “casos” que, porventura, surjam serão resolvidos pelo diretor do “snooker”.

7.º) — As partidas serão realizadas de 21 a 26 deste, às 16,30 a 17 horas, havendo uma tolerância de 10 minutos, passados os quais concorrente perderá por desclassificação.

8.º) — O “tempo” das partidas correrá por conta da tesouraria do C.A.O.C.

9.º) — O candidato para inscrever-se deverá pagar uma taxa de Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros).

Acham-se inscritos os seguintes “candidatos”: Dirceu, Maurício, Barker, Estevão Veloso, Cursino, Paulo Prata, Delapinho, Salvador, Caricchio, Aronzon, Fogueirinho, Bragnim, Bove, Darcil, Danilo, Alvaro, Bernardo, Dantas, Celeste, Tales, Elias e Dória.

Para a 1.ª rodada já foram sorteadas as duplas um aviso está afixado. Alô, craques do pano verde. Chegou hora.

Quem vencerá?

Mande sua resposta acompanhada do envelope de um giz azul concorra um formidável premio: — ser “sapo”

— Mas, não do Xlor, hein!!!

Fábio Dória do Amaral

Diretor de “Snooker”

gineo... nos parece ser dilatadora. Oportunamente falaremos do problema por esta “mesmas” colunas “mesmo porque” temos notado enorme interesse “mesmo” por bacteriologistas “mesmo” cirurgiões.

STROBUS PYTHIAS

# Departamento de Psicologia Médica e Psicanálise

A diretoria do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", apoiou unanimemente a formação de um departamento cujas diretrizes traçadas visam colocar o estudante de medicina mais em contato com a realidade do "processus" mórbido.

Já não mais se satisfazem os alunos dessa Faculdade com a erudição arcaica e inútil de muitos mestres, exibida em aula teórica. Eles estão convictos de que a medicina só se aprende ao leito do doente, pesquisando e interpretando os dados semiológicos achados, debaixo duma orientação sábia e segura. Eles também sabem que o preparo psicológico dos médicos é um fato. A psicologia do homem doente deve ser estudada; a medicina psicossomática é uma ciência que toma cada vez maior vulto. São esses mesmos alunos que são exemplo do que já se fez na Europa e nos Estados Unidos, criaram um núcleo de medicina psicossomática em São Paulo, o primeiro e único no Brasil, já que os nossos dirigentes e reformadores do ensino gastam suas horas com questões "mais importantes".

A criação desse departamento vem sanar uma das graves falhas da nossa Faculdade, facultando por iniciativa do corpo discente, cursos de psicologia médica, medicina psicossomática e psicanálise.

No salão nobre da Faculdade de Medicina perante numerosa assistência após abrir a sessão o presidente do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", ddo. J. Belline Burza declarou solenemente fundado o Departamento de Psicologia Médica e Psicanálise do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Em seguida empossou dr. Paulo Lentino no cargo de orientador científico. Seguiu-se a posse do ddo. Ibrahim Matias para o cargo de diretor.

O presidente do Centro passou a direção dos trabalhos ao prof. Benedito Montenegro.

Foi dada a palavra ao ddo. Ibrahim Matias que eloquentemente assim se exprimiu:

Acaba de ser criado o Departamento de Psicologia Médica e Psicanálise do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

E' com honra e júbilo que acabamos de ouvir do legítimo representante dos alunos dessa escola, doutorando João Belline Burza indicação do nosso nome para direção do departamento recém-criado.

Ao assumirmos o compromisso de dirigir-lo procuramos despertar naqueles que se propõem seguir os princípios sagrados de Hipócrates, o interesse pela medicina psicossomática, uma realidade atual.

Procuraremos fazer com que aqueles que lidam e aqueles que lidarão com o homem doente, reconhecer nele não um corpo — só matéria, não uma alma — só espírito, mas um conjunto corpo e alma influenciando-se reciprocamente, inter-relacionando-se mutuamente na produção e manutenção da molestia; a ver o homem doente dentro da unidade psicossomática da personalística de Stern.

Defrontaram-se já, no cenário científico e filosófico mundial as teorias dualista-unicista. Aquela, ora admitindo um paralelismo entre o fenômeno físico e o psíquico, ora admitindo um inter-reacionismo entre o físico e o psíquico, cedeu lugar à teoria unitária da indivisibilidade biológica do homem já entrevista por Aristóteles, para aqueles que já têm nova visão no campo de ação da medicina, para aqueles espíritos esclarecidos que já declinam o valor dos conceitos de Virchow que considerava a doença tão somente como uma desordem orgânica ou celular, originando-se daí a ídade mecânica da medicina.

No curso da atribulada vida atual, cada vez mais nos defrontamos com problemas médicos para os quais não nos auxilia o estetoscópio, não nos auxilia o microscópio, não nos auxilia o eletrocardiograma, os raios Roentgen, e nem nos resolvem o bisturi; mas que se resolvem sem dúvida sob a ação demolidora daquela arma do grande mestre vienense, da psicanálise de Freud.

E' de observação diária o valor do fator emocional no desencadeamento manute-

ção de certas doenças; é de observação diária também valor quase nulo com que depois entra esse fator no computo geral dos sintomas e sígls para se decidir sobre um diagnóstico. E' aqui justamente que entra a argúcia do médico, não só na investigação dos fenômenos físicos, mas também dos fenômenos psíquicos do seu doente. E' aqui que deve mostrar o médico a sua argúcia perseverança para investigar a causa da molestia que aflige o seu paciente. E' aqui que ele deve mostrar-se um conhecedor profundo da estrutura física e psíquica do homo-sapiens.

Reconhece-se atualmente que 30% dos doentes considerados como portadores de distúrbios orgânicos ou funcionais não passam de doentes psíquicos. Outros 20% têm suas perturbações somáticas agravadas por perturbações psíquicas correlatas. Esses, nos quais existem comprovadamente lesões orgânicas merecem do médico moderno um tratamento à altura do desenvolvimento da ciência psico-somática, que não mais se admite ser ignorada pelo moderno discípulo de Hipócrates.

Eis que se descortinam novos horizontes para a medicina. Os caminhos estão abertos para mais um vastíssimo campo de observação, onde a resolução de um problema não é um ponto de chegada, mas sim um ponto de partida para muitos outros problemas.

Eis que se descortinam também novos vultos nesses horizontes da medicina. Eis aqui presente uma das mais destacadas personalidades da psiquiatria da psicanálise brasileira, dr. Paulo Lentino, nosso orientador científico, a quem rendemos

A posse da diretoria do C.A.O.C. foi precedida de vários discursos. O primeiro destes, substancial e elogiável, foi no entanto demasiado longo para ocasião; falou depois muito bem dr. H. Cerruti ninguém o sabe porque, ainda outro orador, o qual com toda sua eloquência flamejante não conseguiu apagar a impaciência do público. Recorde-se que grande parte da assistência inclusive muitas senhoras, achava-se de pé por mais de uma hora. E de pé porque o teatro desde muito cedo estava com suas poltronas reservadas. Os lugares para os professores muito logo foram assaltados, pois os nossos mestres não tiveram cuidado de rasgar um pedaço de jornal colocá-lo com antecedência em suas respectivas poltronas.

Afinal iniciou-se "show" propriamente dito. Digno de elogios esforço dedicação dos seus dirigentes e participantes,

## MIRAGEM

QUEM de vós, caros colegas, levados por um não sei que em uma tarde de verão não foi impellido a um cinema em cuja porta, em letras garrafas, permanecia atrairdo os olhos irriquetos dos transeuntes, um letreiro onde se lia, SAHARA...

Sim, vejo que estas bem recordado... nessa película desempenhava o papel principal... H. Borgard...

Mas não é sobre crítica cinematográfica que escrevo estas linhas, mas sim para fazer uma pequena comparação...

O calor abraçador dos desertos, perturbando a boa razão dos indivíduos... provoca... visão daquilo que não existe, ou melhor daquilo que na realidade existe... porem não ali...

Assim também caros colegas calor de uma estupefante aula de qualquer das disciplinas que são ministradas à tarde... provoca... uma miragem...

Nossa atenção... Indibriada pelas frases circunflexas e reflexas dos nossos Mestres... reflete-se pelas paredes, procurando em cada canto uma qualquer cousa que nos faça passar o tempo... foi em uma dessas aulas que tive o prazer de ver pela primeira vez na minha vida... uma miragem... Meu olhar sonolento e vago parou sobre o vidro quebrado de uma

nossas homenagens, bem merece pela devoção e modestia com que se dedica aos problemas psicanalíticos, reconhecidas comentadas no nosso meio científico.

Eis aqui também presente a figura mundial dum grande mestre da psiquiatria moderna, cuja presença vem honrar sobremaneira a instalação solene do Departamento de Psicologia Médica e Psicanálise do C. A. Oswaldo Cruz, o prof. Emilio de Mira y López.

\*

Em seguida dr. Paulo Lentino com toda sua simplicidade e modestia dirigindo-se aos alunos da escola disse:

Acadêmicos de Medicina!

Vosso dinamico presidente, o idealista Burza, que se revelou como um verdadeiro líder da mocidade brasileira, convidou-me para orientar o novo departamento científico por ele criado no C.A.O.C. dedicado ao cultivo da Psicologia Médica da Psicanálise. A finalidade desse departamento não será outra senão de despertar o interesse de todos vós para os problemas pertinentes daquelas disciplinas.

A importância da Psicologia Médica da Psicanálise para os médicos em geral, avultou com o advento da Medicina Psicossomática e compreendereis melhor isto ouvindo a palavra brilhante autorizada de um dos mais notáveis psiquiatras contemporâneos, sem parti pris, pois que o prof. Mira y López se caracteriza antes de tudo por um admirável ecletismo científico. Ninguém melhor do que ele, estaria indicado para inaugurar esse novo departa-

## O ÚLTIMO "SHOW"

pois não há dúvida que organizar cenários, guarda-roupas, ensaiar elementos bisonhos, etc. etc, custa tempo e sacrifício.

Houve numerosos muitos bons, como por exemplo aquele "encantador de serpente", o estupendo "Trio feminino do Casino XX", o realístico quadro dos que trabalham no Hospital das Clínicas, as duplas de piano violino piano-bandóla. Os restantes cenas bonitas regulares, algumas bem fracas mesmo. O espetáculo ressentiu-se nitidamente de uma supervisão. Temos a impressão que é indispensável o auxílio

mento. Felizes nos sentimos de tê-lo entre nós nesse momento, a nortear nossos trabalhos. Gravem bem as palavras desse cientista consagrado: minha tarefa se tornará fácil.

E' grandemente confortador, constatar que os academicos de S. Paulo também são idealistas que apesar de já sobrecarregados de estudos, anseiam ampliar seus conhecimentos.

Essa honra que me foi concedida estava tão longe de minhas cogitações de lutador, que por enquanto não sei ainda como vos possa prestar auxílio, mas aceito o encargo, na certeza de que ao lado de Burza, espírito talhado para grandes responsabilidades, possamos todos nós realizar algo de útil em busca da Verdade!

\*

Foi convidado então a falar o prof. Emilio de Mira y López conferencista de honra que brilhantemente discorreu sobre: Medicina Psicossomática, prendendo vivamente a atenção de todos aqueles que tiveram a feliz ventura de ouvi-lo.

O prof. B. Montenegro agradeceu a honrosa presença do prof. Mira y López, enalteceu a clareza com que se expressou e a profundidade de seus conhecimentos. Disse ainda, que fosse prof. Mira y López o portador da simpatia e afecção do corpo docente e discente da Faculdade de Medicina de São Paulo aos colegas da gloriosa Espanha.

Cumprimentou também o dr. Paulo Lentino ddo. Ibrahim Matias pelos cargos que acabaram de receber, deu por encerrada a sessão.

preciso de alguns professores, tal qual fazia o dr. Maffei Socorro da inesgotável boa vontade de um Oria, Charles ou Lacaz, pois para organizar-se um "Show" é necessário orientação amiga, franca e esclarecida.

Não se compreende também numa festa para os alunos, para os professores e suas respectivas famílias, a participação nela de elementos não alunos, embora sejam eles grandes guitarristas ou destacados lutadores de "catch" nos ringues paulistanos. E' preferível um conjunto desafinado, mas de elementos nossos; caso contrários não será mais "show" acadêmico.

Pensamos fazer crítica no sentido construtivo das considerações acima. Só resta apelar para a cooperação de todos os alunos, tanto os dotados de graciosidade natural, como os apenas tocadores de flauta.

Z. K.

das janelas da classe... Aos poucos o reflexo do raio de sol... que outrora me torturava, foi se transformando... surgiu... enfim uma piscina... MAS PUE PISCINA !!!

UMA piscina, caros amigos, onde sob as águas de um azul celeste podia-se com toda facilidade contar numero de azulejos que permaneciam no fundo... Senão estou enganado, no momento os contei...

Pela volta, também ladrilhada brincavam... conversavam, tomavam sol, varios colegas... e... varias colegas... Mais adiante, vi uns arvoredos que emprestavam sua sombra a senhores ja mais idosos, que talvez fossem médicos ou então professores...

Havia também, uns guarda-sol... "enfimçados" no centro de uma mezinhas muito confortáveis cercadas de cadeiras de palhinha...

Notei... que um relógio brilhante e grande marcava conscienciosamente as horas... e elevando um pouco mais a vista, deparei com um emblema... Mas... eu conheço aquele emblema!!!, disse eu para comigo mesmo... NOSSA é o emblema do C. A. A. C. !!!

Deu-me então vontade de me atirar n'agua... corri para o salão de ginasti-

ca... que limpeza!!!... procurei pelo encarregado pedi-lhe um calção... NOSSA!!! era ALBINO... que delicadeza... prontamente me cedeu um bom calção... entregou-me uma toalha limpinha da silva e disse-me... Oh! rapaz... não corra aqui dentro que pode cair... te machucare...

Derrepente... bateu sinal... "BOA AULA" gritarem os colegas... e miragem desapareceu... que pena...

Mas, não soceguei... corri para o porão vesti paletó... e... desci para a piscina... NOSSA... que DESILUSÃO... se ha imundice pior do que aquilo... parece-me que nem os porcos gostariam!!!

E assim o é, caro colega, mais uma vez "BATO NA MESMA TECLA" Nosso centro Acadêmico prima pela falta de HIGIENE... consideração para com o seus socios.

## ANATOMIA... ANATOMIA... ANATOMIA!

Das poucas lides nas aulas  
Que foram um só começar  
Retumba ainda nas salas,  
Do Calazans trinar

# A EVOLUÇÃO DA FORMA MUSICAL DE “CONCERTO”

(Para “O Bisturi”)

JOSE' ORIA

Não é minha pretensão aqui, analisar eruditamente os processos evolutivos que levaram os antigos artesãos da música se “concertarem” mutuamente no recitativo de vozes instrumentais em grupo de câmara ou em conjuntos orquestrais. As combinações harmônicas que passaram a existir no emprêgo de mais de um instrumento simultaneamente não representariam então um simples jôgo estético de rebusca da harmonização de diversas vozes agrupadas; nem pesquisa técnica de afinação de instrumentos correlatos. Haveria antes de tudo, o aspecto humano de fazer música em conjunto para que se traduzissem na afinação instrumental as próprias afinidades eletivas dos executantes.

Não é fácil porém, inquirir este fundo certamente social da evolução da “forma concertante”, porisso passo dar imediata e resumidamente apenas as linhas gerais os principais exemplos encontrados na história da música: o leitor sagaz perceberá porém, que o mecanismo dessa evolução está calcado no andamento dos fenômenos sociais. Muitas vezes a música “presente” mesmo, uma transição desses fenômenos.

Senão vejamos:

**Predecessores fundadores — Os primeiros ensaios** — Os primeiros ensaios de se concertarem reciprocamente “vozes” instrumentais afins, deram o que se chama “concertino”, isto é, um pequeno grupo de instrumentos de cordas (geralmente três, 1 ou 2 violinos, com ou sem viola violoncello — nas suas construções primitivas) executa e harmoniza uma melodia acompanhada pela percussão grave ritmada do mais antigo predecessor do piano, cêmbalo, que impunha assim o compasso. E' este o contínuo e obstinado acompanhamento grave (basso) donde, o nome que se lhe dá de **basso contínuo** ou **ostinato**. Mas o “concertino” nesses moldes é acabado e precisa alcançar logo sua plenitude, quando se inventam os novos instrumentos e se descobrem naipes orquestrais. Assim, no século XVII se cria **Concerto Grosso** (concerto grande) tendo sido Torelli um dos seus inventores introduzindo a forma ternária da sonata, isto é, um dos três movimentos clássicos: **Allegro — Adagio — Allegro**. Cabe porém ao seu patricio (de nome parecido) Corelli, aumentar a massa orquestral “chêcia de todos” (ripiena di tutti) (1) que são os muitos acompanhantes para os 3 instrumentos destacados que **concertam** com o conjunto e formam por sua vez **concertino** entre si.

Estes geralmente são dois violinos e o celo e se sobresaem, especialmente no 2.º tempo que é sempre lento e de natureza profundamente melódica, pois deriva da “canzone” e da “aria” popular ou religiosa. Foi maior intérprete de **Concerti grossi** na Itália, o genial veneziano Vivaldi.

(1) E' muito comum referir-se ao conjunto orquestral falando nos **tutti**, no **ripieno**...

di, colorista monumental como o companha por meio de cordas graves em **basso contínuo**.

Haendel seus 390 concertos — Aprenderam sua maneira, tanto Haendel quanto Bach, tendo este ultimo transcrito para cravo e órgão, vários concertos do mestre italiano. Haendel então, foi um grande pesquisador: escreveu 300 peças do gênero, mas nunca foi inspirado, como eram os mestres predecessores: percebe-se nele amancirado artificial da investigação e influencia italiana e por mais que se queira, não é aqui que Haendel é monumental, mas sim nos seus Orationes.

Idêntica originalidade para o instrumento solista concertante: órgão, os vários instrumentos de sopro, serviram de figuras principais. Para a orquestra acompanhante por sua vez, também utilizou-se de novos instrumentos (sôpros). Engrandece-se aos poucos a singela orquestra de cordas, que de recolhida **in camera**, passa a ser a filarmônica para o grande público. O “concerto” toma ares de divulgação plebéia: sai dos salões aristocráticos para ser ouvido pela massa. Assim, se dá um fato aliás comum no conceito que o povo costuma emprestar às coisas, isto é, o definir por extensão: daqui por diante, chamar-se-á de “concerto” à apresentação pública de qualquer música, pois é através da forma concertante que a música começa a se tornar vulgarizada.

O “concerto” de Bach e Vivaldi — Bach compreendendo o alcance da combinação do cravo e do violino com um conjunto orquestral escreveu os mais belos exemplos do gênero. Seus concertos para um ou dois violinos, para cravo, seus 6 concertos brandenbúrgueses, são obras primas da forma em acepção clássica, sendo que, nos brandenbúrgueses já se percebe o precursor do romantismo, pelo “baroco” instrumental empregado (inclusive os sôpros). Como disse atrás, Bach aprendeu muito dos italianos e os seus concertos de violino são inspirados em sonatas para este instrumento de que foram aqueles grandes cultores, especialmente Vivaldi de quem Bach tinha uma grande admiração. O famoso concerto em lá bemol de Vivaldi por exemplo, (que recomendo a todos ouvirem antes dos de Bach) exerceu no chantage de Leipzig uma notável influência.

A construção do concerto na época de Bach obedecia a umas tantas regras, adquiridas como já vimos da forma de “sonata”. O 1.º movimento (**Allegro**) é iniciado por introdução orquestral com um tema claro e incisivo. O solista intervem para manter a linha melódica do tema, mas exagera seu personalismo e põe-se a desenhar arabescos, isto é, desenvolve o tema. A orquestra nesta situação do instrumento saliente, fica submissa só a

etc., ou então, no de violino K. 219, etc... Outras vezes, é angélico e o sereno: concerto para harpa e flauta; (já os instrumentos escolhidos mostram a intenção sentimental). Outras vezes, bem humorado e plebeu nos seus concertos divertissants para os vários instrumentos de sopro (corno, fagote, clarineta), em outras é aristocrático e formal propositalmente: concerto da “Coração” concertos para cravo, etc.

Mozart revolucionou também a técnica tanto da orquestração (emprêgo dos instrumentos de sopro dos mais variados naipes), como da textura dos andamentos. Exemplo de sua reforma estrutural é a **romanza** do seu concerto em ré menor, para piano. Um canto tranquilo se espelha no piano; tomado a seguir, pela orquestra, é repetido pelo piano e concluído pela orquestra. Até aqui, nada de novo. Quando porém estamos no enlévo da melodia, surge uma surpreendente mudança de cenário: bruscamente a orquestra como que chicoteia o piano que dispara diabolicamente; no fundo porém alguns sôpros entremêiam um canto sereno. Os acordes violentos da orquestra impellem sempre solista, até todos se cansam e paulatinamente reentra a melodia inicial tácita e apaixonadamente. E' esse o principio básico do romantismo: exprimir dramaticamente uma luta de forças invencíveis que contrastam nas suas intenções ocultas. Assim podemos entender Beethoven: cume da forma concertante romântica.

O 2.º movimento é lento (um **alagio** geralmente) e baseado em arioso, isto é, em canção italiana, ora de camera, ora de **chiesa** (igreja). A beleza da melodia é ritmada pelo percutir do cêmbalo, com largo compasso solene e profundo.

O 3.º movimento, de novo **Allegro** costuma ser mais presto e mais vivaz. Geralmente em estilo fugato onde o solista imita expressivamente fraseado orquestral, com ora ele, ora ela, ritmando um compasso cuja precedência bailavel é indisentível. No último movimento também é hábito encaixar cadência para o solista. (2).

Em Bach (certos “Concertos brandenbúrgueses”) há por vezes mais de 3 movimentos; neste caso, o concerto adquire caráter de “sequência” com passagens algo independentes, baseadas em danças (suite). Depois de Bach concerto perde sua forma clássica e justamente é um seu filho Felipe Emanuel que nos conduzirá ao modo de Mozart.

O Concerto em Mozart — Si Mozart tivesse vivido mais uma dezena de anos, alcançaria, si é que não ultrapassaria o próprio Beethoven. Mozart em sua época experimentou e realizou tudo o que se podia conceber em composição musical; muita gente imagina porém, um Mozart apenas gracioso e refinado. Nada mais falso: ele é músico que primeiro exprimiu as idéias revolucionárias da época e as intenções do homem livre (Bekker) e neste sentido o fundador do romantismo. Nos seus concertos nada mais original do que a poética leveza aliada a intúitos psicológicos velados e discretos que escapam à análise. Por vezes atinge ao grandioso e ao patético, como nos seus grandes concertos para piano em ré menor, dó menor, dó maior, lá maior.

(2) A cadência no concerto é um dos mais belos exemplos do exagêro arquitetônico em música. E' o **baroco**, e mesmo o **rococó**, quando apresenta um excesso de ornatos no tema fundamental, como é o caso da cadência depois do século XVIII.

Mozart revolucionou também a técnica tanto da orquestração (emprêgo dos instrumentos de sopro dos mais variados naipes), como da textura dos andamentos. Exemplo de sua reforma estrutural é a **romanza** do seu concerto em ré menor, para piano. Um canto tranquilo se espelha no piano; tomado a seguir, pela orquestra, é repetido pelo piano e concluído pela orquestra. Até aqui, nada de novo. Quando porém estamos no enlévo da melodia, surge uma surpreendente mudança de cenário: bruscamente a orquestra como que chicoteia o piano que dispara diabolicamente; no fundo porém alguns sôpros entremêiam um canto sereno. Os acordes violentos da orquestra impellem sempre solista, até todos se cansam e paulatinamente reentra a melodia inicial tácita e apaixonadamente. E' esse o principio básico do romantismo: exprimir dramaticamente uma luta de forças invencíveis que contrastam nas suas intenções ocultas. Assim podemos entender Beethoven: cume da forma concertante romântica.

Beethoven — Seus 5 concertos para piano, seu único concerto para violino e seu triplice concerto, bastariam para a glória de Beethoven. Nesta forma, gênio de Bonn emprestará ao solista um valor subordinado: de acordo com seus ideais de grande republicano, do mais dramático humanista de todos os tempos, a orquestra passiva dos antigos, que aos poucos se havia libertado em Mozart de todo absorverá o solista em Beethoven. Já não é mais um conjunto que acompanha obedientemente com mesuras ritmadas das cordas, desenvolvimento temático imposto pelo solista; ao contrário, tanto um como outro, terão sua parte na representação das diversas fases do pensamento musical que evolue mais fantástico, mais livremente. Esse dualismo, permite ao mestre pôr em evidência os estados de alma contraditórios como de duas personagens em diálogo, quando não em discussão, em tremenda luta interior. Exemplo magistral: **Andante con moto** do seu 4.º concerto. O patético diálogo entre a colérica orquestra e o humilde piano, diálogo que termina com a submissão daquela, aquietada pelo canto angélico do solista, constitui um quadro dramático sem palavras e sem representação teatral. Aparece assim o Romantismo na sua mais

nitida expressão: e é dualismo poético de Beethoven a fórmula de toda escola romântica, é a cnave de todos os belos exemplos conhecidos: Weber (Peça de Concerto), Schumann e Grieg (Concertos para piano), Mendelssohn (Concerto para violino), Dvorak (Concerto de violoncello), Chopin, Liszt, Saint-Saens, Tchaikowski, etc. O processo usado por Liszt e Tchaikowski é muito significativo, pois é tão descritivo a ponto de ser teatral: o instrumento solista piano e o violino, “discursam” enfaticamente com a orquestra com ares quasi demagógicos. O resultado é sempre brilhante, embora às vezes algo sem conteúdo.

O Concerto moderno — Na sua tendência atual, o concerto procura remontar-se à forma clássica, sem porém abandonar as aquisições que foram introduzidas na técnica musical: abuso de modulações na tonalidade, mudanças ou abandono da tonalidade, emprêgo de vários modos tonais, enarmonias, dissonâncias na combinação das partes concertantes, etc.

Um dos aspectos interessantes do uso do piano no concerto moderno é na qualidade de instrumento secundário de percussão (Ravel: Concerto para piano; Honneger: Concertino; Strawinski: Capriccio e entre nós, Camargo Guarnieri: Concerto para piano, etc.), como que acompanhando um bailado pantomímico, com quasi sempre um selvagem comportamento da orquestra. Esta, fica enriquecida de nova paleta instrumental, sobretudo no tocante aos sôpros metálicos aos vários instrumentos de percussão, incluso a bateria; é indubitavel aqui a poderosa influência exercida pelo jazz. Afóra um ou outro caso, onde ainda perdura linha poética (Prokofieff: Concerto para violino; Honneger: 2.º tempo de seu Concertino), a intenção é abandonar o subjetivo e as sugestões algo mórbidas de um romantismo que seria anacrônico para a época tecnocrática que estamos vivendo, num mundo où la rêve n'fs a plus de place... (Dumesnil). O “Concerto” como um dos mais expressivos exemplos musicais reflete assim as diretrizes sociológicas. Aliás, a Arte é sempre a precursora. Ela se antecipa às revoluções...

Estarão certas suas tendências atuais? Não o podemos dizer: só à distância do tempo é que podemos julgar o moderno. Cabe à posteridade fazê-lo. Não esquecer que na época de Chopin sua música era revolucionária e que os criticos contemporâneos de Beethoven, na grande maioria, o julgavam bizarro e extravagante. Entretanto, por outro lado, também não devemos esquecer que o homem é um animal subjetivo, e o único que faz Arte antropomórficamente: a “arte” das abelhas, o do castor não tem consciência disso, porque a abelha não sabe que é abelha e o castor ignora sua identidade artística.

Porisso a Arte, só será arte, quando o subjetivo predominar sobre o objetivo: isto é, a “criação” for maior do que a “imitação”.

## Eh... Eh... Eh... Guarujá!

redor de branca lua. E a lua brincava de “esconde-esconde” atrás das palmeiras, feitos glandulares sempre existiram. O que acho errado é esse negócio de — quem projetando sombras fantásticas na alva areia.

As ondas soltavam ruidos românticos. Caminhavamos ao longo da praia. Repentinamente um vulto aparece. Aproximase. Um casalzinho agarradinho, passou por nós.

Caminhavamos, algumas palmeiras produziam ruidos que pareciam poemas. O mar vinha até a praia buscar suspiros da multidão de pares que enfeitavam a noite.

O mestre estaca.

— Veja! disse-me ele.

No braço de um robusto oficial da Marinha (sic), ela vinha pendurada. Com medo de perdê-lo enlaçava-o sufocadamente. Era ela o seu galho do Guarujá.

Nuvens baixas envolveram a lua. A escuridão se tornou profunda. Foi quando o mestre disse:

— Quem tem razão é você. “Andando no escuro é que se ama”

## Dr. K. Louro Vai ao Cinema

A mulher que não sabia amar — Egle.

Desde que partiste — Tô que eu digo... Veneno... — Lochi.

O Bom Pastor — Milton Amaral

Nosso Único Pecado — Helena.

A Canção de Bernardette — Kal-Azans.

Solteiras às Soltas — As calouras.

Rebecca — Jaime Cavalcanti

Amor Juvenil — Fortes-Ercilia.

Paraiso Perdido — Departamento de Química.

Serão Homens Amanhã — Valente-Miguel

Tôca pró Páu — Xilor.

A Canção do Deserto — Chaim and Ab'ala.

Viva Folia — 1.º ano.

K. LOURA

---

— Ótimo, comentei.

A lua voltara. O mestre tornou-se pálido. Apontando um vulto magro junto ao supra dito oficial, exclamou estático:

— E'... E'... E'... Eg... Egl... Atá você!?

Mestre Platão perorava, Bombasticamente sentenciou:

“Quem não ama, anda no escuro”

Palmas soaram em aplausos profiongados. Aos poucos a multidão desapareceu confundindo-se com ritmo louco da cidade.

Finalmente, à sós com o grande filósofo, lado a lado, caminhamos. Dos lábios do filósofo brotavam conceitos e mais conceitos sobre o amor. A velha Grécia e todos seus mitos românticos foram rememorados.

Por fim o mestre calou e eu apartei:

— Mestre, você tem toda razão, falou verdade. Mas, lembre-se — Grécia era Grécia — n'ós estamos em São Paulo e em 1945. Agora o amor é diferente.

— Não creio, retrucou o mestre. Assim é, que se eu pudesse reeditar o meu “Banquete” incluiria tipos como Leite Fernandes, como o Lísias, como o Stersa, ou como aquele gostosão de olhos verdes chapeu Panamá sobre os cabelos, jaquetão a dois botões. E talvez alguns mais dos quais duvido. Por aí você vê, o amor continua o mesmo.

— Sim, não é nisso que eu discordo. De não ama anda no escuro.

— Explique-se.

— Isso é de menos. Siga-me.



### AS MULHERES

#### Pensamentos e Definições

A mulher é um mal necessário.  
Sobre as mulheres têm os ingleses um provérbio que diz que as belas penas fazem as belas aves. É inútil argumentar mas verdade é que ninguém come aves sem as depenar primeiro.

\*  
É mais fácil a mulher guardar conveniências do que segredos.

\*  
As mulheres dizem tudo que sabem, mas raramente sabem que dizem.

\* \*  
A mulher nunca mede sacrifícios; nem os alheios.

\*  
Para as mulheres o casamento é o princípio, para os homens é o fim.

\*  
A mulher nunca vê o que fazemos por ela; só vê que não fazemos.

\* \*  
Os vestidos de mulher são como os discursos, quanto mais curtos, melhor.

\* \*  
Há três coisas que eu amo sem compreender: a música, a arte e as mulheres.

\*  
A velhice no homem é respeitável na mulher desagradável.

#### SOBRE OS MEDICOS

Os médicos acusam natureza.  
Os enfermos os médicos.  
São cavalheiros que são pagos para dizer frioleiras no quarto dos doentes até que natureza os tenha curado ou os remédios tenham matado.

#### SOBRE TODOS

Não há nada que seja em si mesmo honesto ou vergonhoso, justo ou injusto, agradável ou doloroso, bom ou mau.

É a opinião que dá a qualidade às coisas como o sal dá o sabor às iguarias.

\* \*  
Qualquer homem mediocre é capaz de escrever os Lusíadas contanto que tenha ciência, filosofia, imaginação e profundidade de pensamentos de Camões.

A vida do artista é um longo martírio composto de minutos maravilhosos.

A maior parte das coisas que se dizem não vale a pena ouvi-las e as outras seria melhor não ouvir. Raríssimas são as que valem pena dizerem-se.

Hoje em dia existem muitos matrimônios que não são mais do que uma paródia de um governo em que rei reina mas não governa.

Perdoar é fácil; difícil é esquecer.

O rico pobre são irmãos; irmão rico se chama Cain.

Honra ao bom para que te honre.  
Honra ao mau para que não te deshonre.

#### FILOSOFANDO

Tanto morre que não sabe ler como aquele que o sabe.

\*  
O cemitério está cheio de indivíduos que pensavam que a humanidade não podia viver sem eles.

\* \*  
Se viver é recordar, quem acaba de nascer está morto.

\* \*  
Dize-me quem és, te direi que comes.

\* \*  
Se barba fosse inteligência, muito bôde seria sábio.

\* \*  
O roubo de milhões enobrece os ladrões.

\*  
A amizade é como um livro velho. A data o torna preciso ou bichado.

\*  
Os preguiçosos são mortos que não se podem enterrar.

\* \* \*  
Os maus ao morrerem tornam-se bons.  
\*  
Se calar é ouro haveria muito milionário por aí.

## Homenagem aos Torradores

*Excelso bando de torradores,  
Que a vida leva só a estudar,  
Nos grandes livros suas grandes dores  
Tentando, é certo, bem mitigar,  
Excelso bando de torradores,  
Vai meu conselho já, já escutar;  
— Estude muito, bastante, estude,  
Pois cá não venho para negar  
Que os bons estudos são uma virtude  
Que todo mundo deve adotar.  
Mas é que a vida, gigante bando,  
Não é só estudo de sol a sol,  
Pois vocês todos só estudando,  
Perdem o belo de um arrebol,  
E a suavidade que há num luar.*

*Miksian Fausto, Fausto e Mksian  
Já na alvorada, na ante-manhã,  
Buscam depressa, em laboratório,  
Ou nos seus livros, torar, torrar.  
Té foram vistos, sempre a estudar,  
Num bar do centro, mas no mitório.  
Há mais alguns que não vão mal,  
Tais como o Mattar e o Kemal.*

*França Pinto tem o mesmo lema:  
Não pisa em teatro, nunca em cinema,  
Pois quer somente torrar, torrar.  
Segue Fiorilo (Dante é seu nome?)  
Dos referidos a mesma teilha.  
E o nosso Acácio — esse é que brilha,  
Pois vendo um livro, sente uma fome,  
Que quer o livro já devorar.*

*Excelso bando, não tenho nada  
Com a sua vida tão modelar.  
Talvez agora, de madrugada,  
Sintam vontade de roncar.*

TORRADOR

## “OS BACANAS”

*Há uma turminha na Escola,  
Que gosta de futebol;  
Quebra a perna, jura a sola,  
Mas é uma turma de escól,  
E faz “miréria” da bola,  
Chora muito ou faça sol.*

*Guilherme Mattar é assômbro,  
Braguim é só cabeleira.  
Zé Martins joga com o ombro,  
Que assim se faz em Palmeira.*

*Adrena, o Cotrim tem classe,  
Não se fixa o Plirtz Nebó.  
Moacir das pernas tem dó,  
Por isso quer livre passe.*

*Ao Plinto a Geni lhe disse:  
“Nunca terá material”  
E o Laurindo joga mal  
Por causa só da velhice.*

*O Osias é um ceado  
P’ra correr, só p’ra correr,  
Sílcio Corrêa, cevado,  
Deve deixar de comer.*

*Zé Meira, de brincadeira  
Só futebol na verdade,  
É que é noivo o José Meira  
E hoje é o “tal” da seriedade.  
Treinando a turma, com afã,  
Temos por fim o Kurban.*

*Essa turma é chamada, meu amigo,  
Por todos, de “OS BACANAS”  
Não sei porque se zangam quando digo:  
“OS BANANAS”*

EL BACANON

#### CONSELHOS

Se teu amigo é infeliz procura-o; se é feliz, espera-o.

O melhor remédio para os cabelos brancos é torná-los respeitados.

Não invejes, pois inveja é uma homenagem que a inferioridade presta ao me-recimento.

Não sejas como pavão que só pensa em suas penas.

Nenhum homem é obrigado a ser rico, sábio ou grande; todo homem é obrigado a ser honesto.

Perde caráter quem para bajular se amolda ao caráter dos outros.

A réplica é sopro sobre fogo. O sí-lêncio é água.

#### EPILOGO

Minhas palavras não desejam ser mas procuram um ninho.

BEN-HUR

## Tragédias de um cirurgião

Quando ele passou para o segundo ano da Faculdade, já era sápo, numa enfermaria de cirurgia da Santa Casa. Era o tipo do sujeito esforçado. Assinava o ponto todos os dias, incluindo os domingos, às 7,30 da manhã com sol ou chuva, lá se encaminhava ele, em busca da enfermaria.

Escravo! Duzentos por cento!

No começo auxiliava a passar limpo as observações, depois, ia, aos poucos podendo fazer, sob visão do DONO, a sua observaçãozinha.

Depois, o encarregaram dos curativos!

Em casa, família, já o julgava um grande cirurgião.

Os anos vão passando, coitado, no máximo, que lhe permitiam fazer, era “sapear” a operação.

Chegou a temporada, em que ele era aluno do 4.º ano! Deveria frequentar, agora, como aluno, uma enfermaria de cirurgia!

O pobre, quase ficou maluco de contentamento! Agora sim! Ele seria levado em conta! Entraria no campo operatório, auxiliaria, talvez viesse operar!

Primeiro mês! Observação, observação, curativos!

Operação? Só do lado da arquibancada, ou galeria.

No campo, só ficaram os “SAPOS” e mais SAPOS alunos dos anos superiores, “amiguinhos” do professor ou assistentes. Assim foi o ano todo!

Quinto ano! NÃO! este ano ele seria o tal!

Doce esperança! observação, observação, curativos!

Revoltou-se! Isso não pode ser! Afinal há quatro anos que já frequenta uma enfermaria de cirurgia, conhece a técnica TEORICAMENTE, de todas as operações! Ele deve operar!

Começa a badalar um dos assistentes... semanas, meses por fim... O seu nome aparece no quadro — Amanhã operação: operadores A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L...

Anestesistas: A, B, C, D, E, F, G, H, I.  
Auxiliares: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10.  
Instrumentadores: T, U, V, W, X, Y, Z etc.

Acadêmico: Joaquim dos Anzóis, tal que há 4 anos frequentava a enfermaria.

Chega a hora, todos avançam, e Joaquim dos Anzóis, aluno da Faculdade, teve que subir num banquinho, para apreciar a operação, na qual ele fora escalado.

Passa-se o tempo, quando turma se retira o assistente, vira-se para o Joaquim dos Anzóis e diz:

P. Y. 2

## Obras bibliográficas

DESTINOS — Rafael Cléo  
DR. ONDE ESTÁ SEU CHAPÉU? — Com os calouros.  
MEU DESTINO É PECAR — Plínio  
MEU TEMPO DE CRIANÇA — Fontana  
CASA GRANDE E SENSALA — Hospital das Clínicas.

PUREZA — Walton Carneiro  
O PERIGO AMARELO — René  
DOIDA — A noiva do Bittar  
A ARTE DE AMAR — Omir  
OS DEGENERADOS — Foguinho, Zé Meira e Mattar.

O MUNDO QUE EU VI — Américo (no pórrre).

TARZAN O INDOMAVEL — Pacheguinho.

A MORENINHA — Flirts  
MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MILICIA — Lion.

A VOZ DOS SINOS — Joaquim, F. piute Pedral.

FARRAPO

# Literatura Brasileira

Colônia portuguesa até 1822, Brasil dependeu até então da metrópole, não só sob ponto de vista político e econômico, como também artístico; se o 7 de setembro nos trouxe a liberdade política, independência literária só obtivemos mais tarde, com o romantismo.

Quem quiser compreender literatura brasileira no período que vai do descobrimento até à metade do século XVIII, deve estudar antes de tudo organização da sociedade que se formava. A colonização e o povoamento só começaram propriamente em 1534, com distribuição das Capitânicas hereditárias; a sociedade que assim se esboça não é absolutamente propícia ao desenvolvimento de uma literatura, não só pela classe dos indivíduos que compõem (índios ignorantes, escravos negros e brancos sem escrúpulos), como também pelo que colônia representa para eles — nada mais que um ponto de estágio e nunca um assento definitivo. Só em Pernambuco, nos fins do primeiro século (XVI) é possível aparecimento de algo que se diga arte literária; mas, como a vida nessa Província é apenas uma imitação dos costumes da metrópole, assim também chamada Escola Pernambucana mostra uma influência muito clara dos autores portugueses; destacamos apenas o nome de Bento Teixeira Pinto, autor da "Prosopopéia", em homenagem ao governador Jorge de Albuquerque Coelho.

Nos fins do século XVI começos do século XVII, as invasões francesas e holandesas, assim como as bandeiras, dão ao povo um sentimento nativista de independência e unidade, que influi altamente na literatura. A Escola Baiana, dessa época, já é então bem mais brasileira que a Pernambucana, pela forma pelo conteúdo das obras de seus autores. Consideramo-la o marco inicial da literatura no Brasil.

Os erros do sistema de colonização usado pela metrópole produziam já então grande descontentamento. A par disso, grandiosidade de meio físico vulgarização da filosofia francesa interessavam particularmente o povo. Em Minas Gerais, alguns idealistas, que se reuniam para comentar todas essas questões, escreviam sobre assuntos variados; e em suas obras já aparece mais claro o sentimento nacionalista. A esse grupo de intelectuais chamamos Escola Mineira esse período (1750-1830) já é assim de transformação da literatura.

## ESCOLA BAIANA

Constitui, como já dissemos, o marco inicial da literatura no Brasil; evidentemente ainda mostra influência estrangeira, de autores do Renascimento italiano, espanhol e português, como Tasso, Gôngora e Lope de Vega, principalmente segundo, que dominava a literatura da época em Portugal. Dentre os filiados a esta escola, destacam-se, como prosadores, frei Vcientte do Salvador, Euzébio de Matos, Manuel de Moraes e, como poetas, Manuel Botelho de Oliveira e Gregório de Matos, sem dúvida a maior figura das letras brasileiras naquela época.

Nasceu Gregório de Matos Guerra em 1633 na cidade de São Salvador; aqui passou primeira infância, dirigindo-se depois para Portugal, onde se diplomou em leis pela Universidade de Coimbra e exerceu advocacia em Lisboa. Não se sabe por que, caiu da graça real, regressando então à Bahia, onde se estabeleceu. As experiências reverses que já o tinham atingido não mudavam sua personalidade; continuava vergastando impetuosamente os principais personagens da época. Do governador Camara Coutinho por exemplo, dizia ele entre outras coisas:

Nariz de embono  
Com tal sacada  
Que entra na escada  
Duas horas primeiro que seu dono.  
Sempre eu insisto  
Que no horizonte  
Deste alto monte  
Foi tentar o diabo a Jesus Cristo.

Em pouco, sua situação aqui era semelhante à que o obrigara a sair de Portugal. Em 1684, casou-se, mas união mais

## I - Períodos de organização (1500 - 1750 - Escola Baiana) e de transformação (1750 - 1830 - Escola Mineira)

ainda lhe infelicitou a vida; por fim, é desterrado para Angola só anos mais tarde consegue permissão para voltar ao Brasil e residir em Pernambuco, proibido, porém, de fazer versos; ali morreu em 1696.

A nota dominante da obra de Gregório de Matos é a sátira, que lhe valeu o cognome de "Bôca do Inferno". Seus versos eram panfletos terríveis, verdadeiros libelos, dirigidos principalmente contra os nobres, que aqui vinham encher bolsa vazia, mas que não cansavam de maldizar a terra e seus naturais. Como os poetas satíricos da Idade Média, também não doava os padres prelados que desonravam a Igreja por seu mau proceder, é interessante, sob esse aspecto, o "Romance de todos os ladrões que há na cidade da Baía por diversas formas", em que se descreve um conselho de seis gatos, que acusam seus amos; desfilam aí o boticário, o escrivão, alfaiate, franciscano, com suas misérias torpezas verberadas pelo autor. Gregório de Matos tinha ainda muito de poeta moralista, lírico religioso, de elevada inspiração. Mas suas obras apresentam sempre uma nota pessimista, produto talvez dos travores com que o destino lhe envenenou coração.

Tinha o característico da Escola, no que se refere à influência de autores espanhóis, italianos portugueses, como Garcilaso, Sá de Miranda, Quevedo, Gôngora, Marini; mas nunca se restringia a imitações, guardando sempre personalidade; tinha a força criadora que caracteriza verdadeiro artista. Numa palavra, Ronald de Carvalho define mestre da Escola Baiana como o "primeiro espírito varonil da raça brasileira", destacando-lhe assim papel de fundador ou iniciador de literatura propriamente dita no Brasil.

São Paulo, Maio de 1945.

E. L. G.

## ESCOLA MINEIRA

A quem escreve sobre aquele período de transformação de nossa literatura em que já surgem os primeiros albos da aurora romântica que se aproxima, não pode deixar de notar vastíssima mescla de influências mesológicas dele determinantes.

Vão se formando na nova terra brasileira tipos mais brasileiros, resultado do caldeamento das raças autóctone importadas. O meio físico com sua exuberância grandiosidade, influência do pensamento filosófico francês criam, ao lado de fatores outros como a opressão política excessiva por parte da metrópole, reações sociais estéticas ao lado de novas aspirações.

E os intelectuais patrióticos que beberam os ensinamentos na Universidade de Coimbra, os responsáveis pela nova vida política reacionária, são os mesmos que criam uma história literária ao lado da de amor sacrifício à liberdade.

A poesia épica ou lírica nesse período de vultos que mais sonharam utopicamente sobre independência do que foram pragmáticos para obtê-la, teve relevo muito maior que a prosa. Daí terem sido poetas os seis vultos que constituem a chamada Escola Mineira.

Citemos alguns destes vultos e nos demorem um pouco mais num dos poetas que foi um dos mais tristes de nossa literatura "verdadeiro fundador da poesia lírica brasileira": Tomaz Antonio Gonzaga.

Talvez não vejamos razão para assim proceder. Mas aqui em nossa Escola, todos sabemos, existem também os que amam, até os que vivem enlevados por amor platônico talvez gostem de ler em nosso jornal algum pouco mais de sentimentalismo.

O "Uruguai" de Basílio da Gama, "o

mais perfeito e melhor poema aparecido no Brasil em todo o período colonial", canta a guerra de Portugal Espanha aos Sete Povos das Missões; pela grandeza dos cenários descritos, pelas magistrais passagens, pela elegância colorido cheio de graça e beleza foi realmente capaz de arrancar de Garrett a exteriorização de seu entusiasmo: "O Uruguai" de José Basílio da Gama é moderno poema que mais mérito tem na minha opinião".

O poeta de "Caramuru", Santa Rita Durão, é mais objetivista menos sensível, possuidor de um estilo simples elegante, tentando imitar as Lusíadas mas permanecendo muito aquém.

Além de Claudio Manuel da Costa o "representante máximo do arcadismo no Brasil", de Inácio José de Alvarenga Peixoto Manuel Inácio da Silva Alvarenga, temos ainda, na poesia lírica, o admirável apaixonado Tomaz Antonio Gonzaga.

Escreveu "Marília de Dirceu" mais querido livro de amor da língua portuguesa. O livro divide-se em duas partes; na 1.ª há alegria esperanças; na 2.ª, magoa e desalento, há tudo o que sentiu quando, com a alma apaixonada ferida, é obrigado a ir para desterro deixando aqui a sua Marília. Cheios de lirismos suaves, lamurias e queixas, momentos de robusta coragem diante da rispidez dos cárceres africanos, versos em que tenta enganar tédio dos tristes dias e noites de desterro de seu autor, "Marília de Dirceu" desafiou o tempo e hoje vem o seu nome até nas páginas de nosso "BISTURI".

Notemos com que tortura n'alma no

A. B. B.

coração Dirceu, infeliz pelo amor, desespero saudades, se revolta:

"Ergastulo silente  
Onde não entra a aurora!  
Pensas que a sombra tua  
A vida me devora?  
Não penses tal maldade!  
Eu morro de saudade!  
Se pensas que os teus feros,  
Horribeis e pecados,  
Que têm os rijos ossos.  
Com dores transpassados,  
— Não penses tal maldade...  
Eu morro de saudade!

Traduz, por muitas muitas vezes em sua tormenta, aquilo que Lesparidi tão bem exprime nos versos que seguem e que Bilac diz: "A Natureza quis fazer desse sentimento, do qual depende a perpetuação da espécie, uma como que iniciação na dor e no desespero":

"Fratelli, a un tempo stesso.  
[Amore Morte  
Ingenverá la sorti;  
Quando novellamente  
Nasce nel cor profondo  
Un amoroso affetto,  
languido stanco insien con  
[esso in petto  
Un disiderio de morir si  
[sente...".

Teve entretanto muitos outros amores, pois construiu poemas, quando ainda muito moço, para diversas mulheres — Elvira, Alteia, Laura, Albina... Quando revolvia velhos papeis numa noite para ver do que tratavam notou:

"Eram cópias emendadas  
De quantos versos melhores  
Eu compus na tenra idade  
A meus diversos amores"

E muitos outros amores ainda teve aquele a quem Macedo chamou de "Pe-trarca da Laura brasileira". Chegou mesmo a se casar com outra mulher, de nome d. Juliana Masquerenas, não amou a sua Marília até morrer.

Como a noite é deserta, fria e triste...  
Há no ar o som de languida cantiga,  
E na fina gota que se esgarça existe  
O consolo d'uma carpideira amiga.

Como um fio de prata ou uma lança em riste  
Tamborila a chuva a persiana antiga,  
Na sala espalhando a nota que persiste  
Em minh'alma que lamenta o sorte inimiga.

## CHOVE...

Cai a chuva e canta o doce nome amado;  
Sopra o vento e diz nas vergas do telhado;  
Lá se foi a que te quer... a que te quer...

E o tic-tac, das gotas que caem, compassado,  
E o soprar do vento no negror calado,  
Cantam doce nome, teu nome, Mulher...

REMO RUIZ TELLINI

Nome tão puro, tão belo!  
Quantas vezes por ele velo  
Debruçado em minha janella,  
Meio corpo sobre a rua  
Buscando a imagem dela  
Na branca imagem da lua

Enquanto o dia amanhece,  
Buscando tua imagem no céu  
Vejo-te envolta em véu  
E de meu coração brotam preces!

## MARIA!

Maria!  
Canções de amor.  
Maria!  
Rosceiras em flor!  
Maria!  
Uma canção fagueira!  
Enfim, Maria  
Ai, Ai...  
E' o nome de minha lavadeira!

O PATRÃO

### Estas são veridicas

A quem frequenta as enfermarias dos hospitais não passam por certo despercebido as inumeras gafes de nossos colegas, nem as cenas de humor que por vezes decorrem do interrogatório de um doente.

Aproveitamos hoje esta pequena coluna para contar algumas que recentemente foram causa de cenas verdadeiramente hilariantes. Desprende-se facilmente que essas situações vistas ao natural não perdem o sabor que a pena lhes tira mas assim mesmo merecem ser registradas.

A primeira passou-se na 6.ª M. H. Um paciente velho com analostomiase forte, mente anemiado. Chega-se a um interno diz: “escuta meu velho... você nunca teve vontade de comer coisa que não se come?”

— Tive, seu Doutor.

Vira-se então interno diz para o escravo do IV ano. Está vendo. Lembre-se sempre, nas Ancilostomiasas é muito frequente encontrar-mos indivíduos que gostam de comer os objetos os mais absurdos. Este caso é típico. Quer ver?

— Então responda para esse moço quais as coisas que você tem vontade de comprar que não se come.

— Eu seu doutor... Tenho às vezes vontade de comer maçã, doces, carne...

A outra passou-se na 1.ª C.M. com dr. Chiaverini.

Examinando um doente vira-se e diz:

— Que foi isso nas costas?

— Foi uma porretada, seu doutor.

— E essa cicatriz na barriga?

— Isso foi um tiro, seu doutor.

— E isso que você tem no punho?

— Bem isso já faz tempo; foi uma navalhada.

— Escuta aqui meu velho, será que você virou sacó de pancada!? Você nunca deu em ninguém.

— Espera lá, seu doutor, também já matei dois...

O médico cada vez mais atrapalhado vira-se diz:

— Afinal que é que você faz nesta vida?

— Mas que diabo, seu “doto” me desculpe, mas trabalhar no P.R.R. não é sópa não...

\* \*

A segunda passou-se com nosso amigo Tijolinho.

Num doente suspeito de Chagas o nosso colega vira-se pergunta:

— Na sua terra tem barbeiro?

— Tem sim senhor.

— Muitos?

— Não. Tem um só, que por sinal é meu sobrinho.

\*

Esta foi em Bussocaba com um indivíduo dos seus 60 anos mais ou menos, com lesões aorticas que supunham lues progressa. No pescoço trazia enorme cru. cifixão.

— Escuta meu velho!! Você já fez algum exame de sangue?

— Já seu “doto”

— Que é que deu?

— !?

— Quantas cruces deu?

— Ah não sei não seu “doto” mas deve ter dado bastante porque eu sou muito religioso...

\*

Esta aqui foi na 6.ª M. H.

— Seu doutor, faz favor um momentinho.

— Pronto...

— Eu queria que o sr. me desse alta...

— Mas por que? Você ainda não está bom.

— Não faz mal; eu quero ir embora se não cozinheiro me mata.

— Mata!? Que negócio é esse de matar aqui na Santa Casa!?

— Mas também seu “doto” com essa bola não há quem aguente...

\*

A ultima foi com nosso mestre Spinelli seu dileto escravo.

Chega escravo pergunta para doente:

— Você já sentiu alguma dor no torax?

Intervem Spinelli baixinho; você nunca deve perguntar dessa maneira porque os doentes são caipiras e quase sempre não entendem essa linguagem. Faça perguntas simples... Quer ver?

— Escuta Zé você já sentiu dor aí na caixa do catarro?

# A educação física na Faculdade

O titulo deste artigo deveria ser “A Educação Física no Centro Osvaldo Cruz”. porem como consideramos que Faculdade existe para o aluno, julgamos de direito o titulo acima.

Ultimamente temos sido prejudicados por um grupo de professores egrégios, que se constituíram em Congregação-Proprietaria da Faculdade de Medicina, do Hospital de Clinicas, e até da vida dos alunos. Mas como estamos na eminencia de uma redemocratização, também aluno de medicina deve poder dispor livremente de seu tempo, de modo a lhe sobraem algumas horas, para cuidar do que é essencialmente seu: o fisico.

Com este artigo, é nosso desejo apresentar aos distintos colegas, uma serie de planos projetos, relativos a nossa vida esportiva. Muitas das ideias lançadas nestas linhas, partiram de ex-alunos de Nossa Faculdade, as quaes porem, por razões inesplicaveis, até o presente momento não foram posta em pratica. Assim, em 1930, sob a direção do então academico G. Couto Esher, com apoio do Diretor da Faculdade de vários professores, constituiu-se a 4 de Setembro daquele ano, o Conselho Provisorio de Educação Física, que era formado pelos snrs:

- Prof. Dr. G. Paula Souza
- Prof. Dr. Flaminio Favero
- Prof. Dr. Franklin de Moura Campos
- Prof. Dr. Jaime Cavalcanti
- Prof. Dr. Borges Vieira
- Dr. Benjamint Ribeiro acad. G. Couto Esher.

Esse brilhante movimento tão auspiciosamente iniciado que se prolongou até 1933, teve como resultado:

- a) em relação ao Centro Osvaldo Cruz:
  - 1) aulas de ginastica para os alunos, assistentes professores.
  - 2) construção do Estádio até o ponto em

que se encontra atualmente.

b) em relação ao Governo do Estado:

- 1) foi apresentado ao Congresso Estadual, por intermedio do deputado Silvio de Campos, um projeto para criação de um Departamento Estadual de Educação Física, projeto esse, prejudicado pela revolução Getulista.
  - 2) apresentação de um projeto de organização, de uma Escola Superior de Educação Física, a pedido do então Secretário da Educação, Dr. Valdomiro Silveira.
- Por que razão, não se ha de aproveitar esse trabalho já iniciado, porem interrompido, constituindo-se um novo Conselho de Educação Física?

Concluindo, expomos as duas ordens de trabalho, aos quaes deveria se dedicar o Conselho:

a) materias:

- 1) instalação dos faroes da piscina, por nós doados ao Centro.
  - 2) iluminação externa da piscina.
  - 3) colocação dos filtros cloradores já existentes.
  - 4) iluminação do Estádio em geral, afim de possibilitar seu uso a noite.
  - 5) construção de instalações para sexo feminino, de modo a tornar possível a frequencia de nossas colegas das familias dos socios medicos.
- b) de organização:
- 2) exames medicos periodicos.
  - 3) fisiologia do exercicio.
  - 4) manutenção da disciplina da moral.
  - 5) propaganda.

Estas são as ideias geraes dos planos, os quaes deverão ser devidamente estudados por autoridades competentes do Centro e por técnicos e que serão expostos aos colegas, de um modo mais explicito, em ocasião oportuna.

Rubens Guedes HUNZIAER

## XADREZ

A) — Retificação — O resultado da prova de Xadrez na 1.ª Ac-Med, foi publicado errado em abril, por isso, o damos agora, perfeitamente digno de fé: Ac 3 = Med 2. Orfeu D'Agostini venceu dr. Sebastião Sampaio.

Fábio A. de Sousa venceu o dr. Milton Duffles.

Celestino Bourroul Filho venceu por ausencia Laerte Ferão perdeu para dr. Púbblo Salles.

B. O. Martins perdeu para dr. Nelson A. Leme.

B) — Nossas realizações:

1) Patrimônio: Foi aumentado com a aquisição das peças para o taboleiro mural. O conjunto está valendo atualmente setecentos cruzeiros.

2) Aulas de Xadrez: Prossegue animado o curso de Xadrez. O nosso colega D'Agostini tem tido as aulas mais creias que as de alguns professores. O entusiasmo é grande.

3) Campeonato de seleção: — Já estará sendo disputado ao ser lido este artigo, um campeonato de seleção que visa renovar os valores com que conta a C.A.O.C., estimular os novos, dando-lhes chance de entrar para a 1.ª turma, provando que não fazemos “panelas”

4) Campeonato da F.U.P.E. — Estamos participando do campeonato da Fupe que este ano, excepcionalmente se disputa no 1.º sempre. Daremos um relatório pormenorizado sobre mesmo.

5) Quadro de avisos — Estamos dando ao nosso quadro de avisos, grande valor nele se espelha todo movimento do departamento.

B. O. MARTINS

— V. exc. queira desculpar mas não percebi seu modo de falar...

\*

E' só, se estiverem fracas, paciência. Valeu a intenção pelo menos de querer agradar.

ANHANGA'

## UM POR DIA

QUEM Não conhece Plínio B. Vieira veio... conquistador barato pseudo-nadador...

POIS bem, hoje trataremos dessa “figurinha”...

No tempo do “pré”... era um rapaz um tanto alinhado, estudioso, correto... Quando porem sorte o apanhou... teve a infelicidade de conseguir uma vaga no primeiro ano do curso médico... aí então principiou a infeliz carreira de um pobre coitado...

Quem o houve contar lorota... de natação... amores... conquistas... pensa que de fato ele é o TAL... mas é necessario que o desmascaremos... (o pobre, talvez sofra de megalomania)... na vida pratica ele não é TAL, mas sim Qual...

Entre os amores, que ele se refere, temos a inesquecível GENI...

Conta ele, que ela não podia viver sem ele e que por mais de 20 vezes implorou para que se casasse com ela... mas ele não quiz...

Vejamos agora como de fato se passou a historia...

Uma noite, bela e enluarada... o nosso colega tomando um certo carro-coletivo... dirigiu-se a uma casa... toda iluminada muito alegre... Ao entrar, todo amedrontado, deparou com uma VELHA de cabelos todo emaranhados... que dizia ser loira...

Seus olhos... (de galo cego)... começaram a pestanejar... seu coração parecia que ia saltar pela boca... e suas pernas começaram tremer...

Diz ele que era paixão... a primeira vista... mas parece-me que a “fachada da bruta” foi causa dessa perturbação SIMPATICA.

Durante meses... todas as noites... ia visita-la... e por varias desses encontrou rondando o quarteirão... varios colegas... entre eles ALVARO... LOTUF... muitos outros... Aí iniciou-se uma serie de fenomenos chummentos... é o PLÍNIO... doído de amores implorava ela... um cantinho em seu coração... mas tudo em vão... ela o abandonou...

Resolvido então a dar cabo da vida... resolveu estudar ANATOMIA... graças aos seus companheiros inseparaveis... o OMIR e O PLIRTS... não cometeu tamanha asnera...

Vangloria-se hoje em dia de ter levado pelo bom caminho seu inseparavel CORIOLANO... mas o que vos posso afirmar... é que Cori... nem mais na missa domingueira tem aparecido... coitado...

Assim caros amigos... cuidado com Plínio... ele é perigoso...

FARRAPO

PLIRTS NEBÓ

## Acredite se quizer

Um colega nosso, cujo nome declinou em declarar recebeu seguinte carta de um parente seu que foi à Alemanha após ter avisado: “Se eu escrever carta em tinta azul quer dizer que tudo é verdade. Se vier com tinta vermelha tudo é mentira”...

Passado certo tempo veio a carta com tinta azul dizia:

“Caro sobrinho. A vida aqui é esplendida, moro numa casa confortavel de baixo aluguel. Recebo bom ordenado vou frequentemente ao teatro, cinema e exposições de arte. Ha muitos livros revistas para comprar. Otimos vestuarios, calçados.

Há bastante leite, manteiga, carne ovos. O mesmo se diga da gasolina.

A unica coisa que não consigo encontrar é tinta vermelha para te escrever...”

\*

... A palidez alabastrina de sua face, contrastando com a tonalidade rubicunda dos pómulos.

Seu olhar brilhante de expressão triste, pestanas longas sobranceiras espessas”...

Não é passagem de romance não. E' a beleza fisica descrita pelo Aossio na pag. 73 do seu “Ap. Respiratorio”.

PALITUS

CESTA

IN MEMORIAN

Do nosso último “show”

Michel Maluf — Aguardamos oportuni-  
dade. Talvez no próximo número.

Bucharío Gostosario — Recebemos um  
artigo sob este título que não vai ser  
publicado por falta de assinatura ou pseu-  
dônimo. Além do mais se as “boas” da  
Faculdade soubessem... coitado de você.

Caricatura — Recebemos uma do K.  
Lazans com piada anexa. Faltou assina-  
tura. E além do mais, só após 14 horas de  
prolongados estudos chegamos à conclu-  
são de que “aquilo” era o Kala-Zans. Não  
é mesmo?

Hunziker — Seu artigo saiu neste nú-  
mero. Logo não hã razões para queixas.

Vitor Pereira — Seu artigo não foi pu-  
blicado porque ainda estamos esperando a  
entrega do mesmo.

Dep. Feminino — Pedimos às prezadas  
colegas que assinem suas colaborações ao  
lado do pseudônimo. Não há perigo de sair  
nome. Garantimos.

Mussa — Outro artigo sobre a chuva?  
Que diabo, assim vamos acabar todos mo-  
lhados.

Rubinsky — E' inútil insistir porque  
aquele artigo seu não sai mesmo. Pudé-  
ra...

K. Richio — Insistimos junto ao colega  
para que comece escrever seus artigos  
desde já a fim de que chegue tempo  
para o outro “BISTURI”.

Aronzon — Que diabo, você podia ser  
bem mais assíduo pois “bossa” não lhe  
falta. Quem escreve um “Carrasco” intel-  
to é bem capaz de escrever um artigo para  
“O BISTURI”

Rodrigues — Aguardamos novas cari-  
caturas pois se não, o Assunção toma de  
assalto esta seção. Vamos ver quem ga-  
nha?

Dep. de Esportes — Vamos deixar de  
negligência e encarregar alguém de man-  
dar o noticiário esportivo?

Joaquim Lourenço — Você perdeu, junto  
com os seus colegas de diretoria, uma boa  
oportunidade de fazer um “farózinho” no  
“O BISTURI” mandando aquela fotogra-  
fia de posse, será que ninguém trabalha  
aj nessa panela?

Olderige — Não aceitamos artigos da-  
quele quilate, somente com “pseudônimo”  
Porque você não publica aquilo no jornal-  
zinho de Ibitinga? Outra vez, assinie  
nome seu “Ol-Derige”.

O “NOVO”

É moreno... não é alto... mas é sim-  
pático! Entrou ali! no duro.

Não usa pose, usa motocicleta. O salto  
é respeitável, mas tem vantagem de fi-  
car muito bem naquele pijamãna branco,  
com sombras duvidosas na união do terço  
medio com o terço inferior, da coxa, em  
nível ótimo, graças Deus! Até ai, tudo  
legal.

Quiz começar as “aulach”, mas seu dis-  
tinto predecessor havia limpado com exces-  
so de zelo o seu Departamento, e durante  
uma “purrrção” de “diach” ficou prepa-  
rando tudo para os “aluroch”. Então, quis  
começar. Mas os “alunoch” estavam em  
greve... esperou sorrindo. Acabou gre-  
ve. Voltaram os tais. Primeira aula; 80  
globos oculares se acomodam para disse-  
car o “novo” todo seqüito, esse, en-  
tão, “novíssimo”... De onde viria todo  
aquele jardim da infancia? Palmas, sau-  
dações, tal coussa. Na próxima aula, “ca-  
meçaremuch”. Mas a próxima aula foi fe-  
riado. Então, na próxima aula, “prosse-  
guiremuch”, mas na outra aula, acabou  
guerra. Então, na semana que vem, eu  
darei “aoch Senhorech” esta parte.

Mas semana que vem foi universitária  
(como si as outras não fossem) “Depoich”  
nesta semana, teremos a “opórrrtunidade”  
de continuar, mas desta vez, morre Ar-  
mando Salles, e a cirurgia “duch nervuch”  
ficou ver “naviuch”. No sábado, voltam  
todos os pombos, caçados, afinal, “mach,  
si Sécetaria me perrmite, os exames  
ficarão para depoir dach feriach”... 30  
cabeças executam sobre 30 pescoços. 30  
movimentos afirmativos. É indecente! Até  
a saparia sorri! Vê-se que não tem que  
equilibrar sobre 3 cms, sua base inferior  
(digo assim por decôro) sobre 2, mãos,  
caderno e nariz. A luz aparece, desaparece,  
mas não reaparece! Chega-se invejar o  
destino do cadaver, todo folgadoo, naque-

1932... É chocante a lembrança  
dessa data. É como se falássemos de  
algo muito remoto, já sepultado na  
nossa memória e que, ressurgindo su-  
bitamente, vem ferir a tranquilidade  
do nosso espirito.

Inútil evocação de fantasmas, di-  
rão alguns.

Acontecimentos transcendentais,  
fundamentais para a humanidade, pois  
visam sua própria sobrevivência,  
atraem tôdas as atenções, e eis que nos  
falamos de fatos tão restritos, tão sem  
importancia.

Mas, existe um motivo. Quando, no  
momento que passa, cada um de nós  
reverencia a memória daqueles que  
morreram pela Pátria nos campos da  
Itália, pelos jovens, homens, mulhe-  
res e crianças de todos os povos, que  
sucumbiram ao sadismo, ao monstro  
nipo-nazi-fascista e imitações, por is-  
so mesmo, nós paulistas, devemos  
lembrar... 1932.

Nesse ano, em prenúncios sombrios  
da luta gigantesca, titânica, que en-  
frentariam mais tarde, 7 anos após,  
as forças do Bem e do Mal, tombavam  
nos campos de Piratininga, juntan-  
do-se aos camaradas de tôdas as clas-  
ses, universitários de São Paulo.

E agora, a Humanidade ensanguen-  
tada, miserável, famita, sofrendo fisi-  
camente nas suas feridas e, moral-  
mente, porque compreende a sua con-  
denação eterna nas mãos das ambi-  
ções capitalistas desenfreadas, eleva  
aos céus, como todos os que sofrem,  
pensamento aos seus filhos mortos  
na luta pela sua existencia. E' um  
sentimento que nos invade a todos.

Que nos comove e que nos incita a

orar. A orar para que nossos irmãos  
e nossos amigos de todo mundo alia-  
dos, em seu sacrificio, possam ser  
compreendidos afim de que cumpram  
o que lhes foi prometido quando os  
enviaram a Mórte. E os nossos pen-  
samentos percorrem os anos, .....  
1914-1918....

Esse sentimento infinito na sua  
amargura, abrange todos aqueles que,  
em tôdas as épocas lutaram pela ren-  
denção da Humanidade, da sua raça  
e da sua Pátria. E é justo, por isso,  
que nosso pensamento páre sôbre os  
nossos colegas que em 32 lutaram por  
um Brasil democratico.

E' por esse sentimento, enfim, que  
a Humanidade, conhecendo a sua fra-  
quesa, e sua pouca memória, faz com  
que se ergam os monumentos. Para  
que tôdas as gerações, um dia, pos-  
sam associar-se a essa homenagem  
que hoje prestamos.

E, não há maior sacrilégio do que  
desrespeito a um desses monumentos,  
pois eles cultuam os mortos!...

Enquanto várias Faculdades de S.  
Paulo mantêm em seus pátios o seu  
preito aos colegas mortos na Revolu-  
ção Constitucionalista, jaz nos jar-  
dins da Faculdade de Medicina, um  
bloco de mármore, esburacado, que os  
transeuntes ao olhar, surpreendem-se  
e indagam de que se trata.

E' lhes respondido que aquilo, um  
dia, significou nossa lembrança aos  
coléguas universitários sacrificados em  
32, e em cuja memória reiria menos  
afrontoso se ele, como se acha, lá não  
estivesse!

P. Prata

Se a lua contasse!!!

Se a lua contasse tudo o que vê... con-  
taria que viu...

Um certo baixinho do 3.º ano cujas ini-  
ciais são (Zé Meira)... tomando um certo  
trem que vai a uma certa cidade do in-  
terior cuja letra inicial é (Botucatu')...

lá chegando... além de trocar juras de  
amor a uma linda pequena... ir filar  
boia na casa dela...

... Um parzinho de pombos... ainda  
do 3.º ano... perambulando pelos jardins  
da escola um mais boquiaberto que o  
outro... cujos olhares circunflexos pe-  
ripatéticos, que vivem trocar... deu até  
nas vistas da Dona LUA...

... O Omir... fazendo preces ao bom  
Deus, para que uma certa loirinha tivesse  
uma boa viagem... um breve regres-

VERBETE

GORGETA: Presente voluntario que se  
dá obrigatoriamente.

BURRO: epíteto com que nos qualifi-  
camos uns aos outros quando temos opi-  
niões divergentes ou quando alguém igno-  
ra que julgamos saber.

CAVATINA: genero musical preferido  
pelos cavadores.

MOINHO: símbolo mecanico da mono-  
tonia.

CEMITERIO: lugar onde os máus tor-  
nam-se bons.

DIPLOMA: recibo que oficializa nossa  
ignorancia.

ANHANGA'

la mesa cheia de fricotes. A saída é ma-  
cabra. Dores vagas no epigastrio, escaras  
de decúbito em lugares inconvenientes  
2 horas na biblioteca para copiar a aula  
do livro porque o entusiasmo do professor  
desilude, a Patológica, tão vazia... até com  
falta de assistentes. Que nos martirizem,  
vá lá... não é primeira vez! Mas que  
nossas férias sofram “amputaçõech” te-  
nha paciencia, Sr. Professor;

SYME OLLIER

so... seu olhar no momento era um tanto  
portenho...

... O Forattini... nas altas horas da  
noite encostado em um portão gravando  
nome que vive em seu coração...

... O França Pinto... torrando anatô-  
mia até morrer o dia...

... Uma linda moreninha do 3.º ano...  
procurando... adormecer... porém pertur-  
bada com a viagem que aquela linda ca-  
becinha loura, dona de seu coração, iria  
fazer... e que no momento já deve ter  
partido.

... O C. C. Caricchio... fazendo plan-  
tão... com as lindas enfermeiras do Hos-  
pital das Clínicas...

... O Aurelio Falcon... correndo às  
altas horas da noite em busca de alvarás  
para Baile de Maio...

... O Flerts... dando cabeçadas... à  
procura de pladas para “show”...

... O Lotufo e o Alvaro... passeando  
de cima para baixo numa certa rua sus-  
peita...

... a Vera... com seu noivo... velejan-  
do em Santo Amaro...

... O Luiz do bar, mariscando... tô-  
das as noites na Barão de Itapetininga...

... O Munhos, Zindel Plirts... prepa-  
rando-se para ir topar uns certos baile-  
sinhos no Trianon.

... O colega Aparicio... glostorando  
seu cabelo para ir ao O.K....

... O Alvaro da Cunha Bastos... dis-  
cursando em frente um espelho... prepa-  
rando-se para o dia da posse da direto-  
ria do C.A.O.C....

... O Irajá... durante as madruga-  
das... fazendo contas da tesouraria do  
Centro...

... O Chamberlain... rodando a cidade  
com o gasogenio seu o carvão pago com  
os cobres do Centro...

... secretário Farina, planejando  
sua candidatura para o próximo ano...

... e muitas outras coisinhas que são de  
arrepiar os cabelos de qualquer um... mas  
que, porém, permanecem em segredo per-  
pétuo pois - linda lua que no céu aparece  
de vez em quando permanece fria e im-  
passível ao que se passa aqui por baixo...

FARRAPO

O ambiente era propício: “cromosômica”  
“protoplasmaticamente” estávamos sa-  
tisfeitos de discursos. O sucesso começou  
quando se ouviram os primeiros acordes  
de “Phantastique” grande herança dos  
festivais do ano passado; mas não parou  
ai — continuou sem interrupção até que  
Vanzolini avisou que prefixo estava  
sendo ouvido pela ultima vez; foi uma  
pena!

Lembramos primeiro aquela pose verda-  
deira da Diretoria (a outra, com Burza,  
o Farina, o Branco fora só brincadeira...),  
com Jorge num magnífico manto de  
corça dourada (viram que linda esmeralda  
tinha ele? Pelo menos 10 cms. de diame-  
tro...). E que programa?? Nada de  
“promessas desbragadas”; só realizações  
no duro, como as grèves mensais serem  
promovidas pelo Gabriel “Caricchio” Rus-  
so, por “meios pacíficos” o Sacramento  
“Dellape” talvez estivesse um pouco exa-  
gerado — Ubiratan não tem as pernas  
tão tortas.

O número do faquir esteve excelente,  
com brilhante colaboração dos calouros,  
principalmente o que segurava a flauta de  
Sua Magreza, o Mahatma. O desafio em  
árabe também esteve muito interessante.

Um ponto não merece discussão: aque-  
le vendedor de luvas fez muito bem ao  
suicidar-se; lidar mesmo com uma fregue-  
sa mesmo daquelas é pior mesmo que fazer  
exame com o... Damos graças, em nome do  
Rafael, pelo fato de a Cleo não ser assim;  
na vida real ela é muito diferente.

Soberbo o desempenho do conjunto ame-  
ricano, contratado diretamente do Casino  
da Ilha (seriam as famosas irmãs Sister?;  
ensaio perfeito, “vozes agradáveis” ves-  
tidos muito interessantes que devem ter  
satisfeito às senhoritas presentes. Disputou,  
com a conversa na fila do ônibus — pro-  
sa entre Jacó Isaac, título de melhor  
número do “show” o Nebó esteve notável  
nestes dois últimos, assim como o R. Russo  
(que calcinhas mimosas usava ele!). Gos-  
tamos ainda muito da fiel descrição inicial  
do Vanzolini — coincide com um ou outro  
aluno da Faculdade.

Que dizer então do desfile de modas?  
Foram cenas eloquentes por si próprias e  
nó queremos destacar a gentileza das cole-  
gas e a pronúncia quasi perfeita do Nebó e  
do Reinaldo Russo: pareciam velhos mora-  
dores da rua José Paulino.

Poucos adjetivos nos sobram para a dis-  
cussão entre o inocente casal de garotos,  
para a demonstração prática das tres vagas  
que a custo se arrajaram no Hospital das  
Clínicas, assim como para a interrupção do  
“show” pelo aparecimento da figura cheia  
de feminina graça do G. Russo para a  
poesia que Vanzolini disse num dos in-  
tervalos; ele, que se mostrara um brilhante  
cabo da cavalaria, mostrou mais uma vez  
ser também um grande “diseur”

Nossos cumprimentos portanto a todos os  
que, direta ou indiretamente, colaboraram  
para o brilhantismo da festa e em especial  
para os dirigentes do Departamento Social  
do C. A. O. C., cujos “chefões” atuais têm  
grande responsabilidade de continuar,  
senão melhorar, a obra da diretoria passada.  
Só assim continuaremos sempre em ascen-  
são...

ELEGÊ

DIALOGO

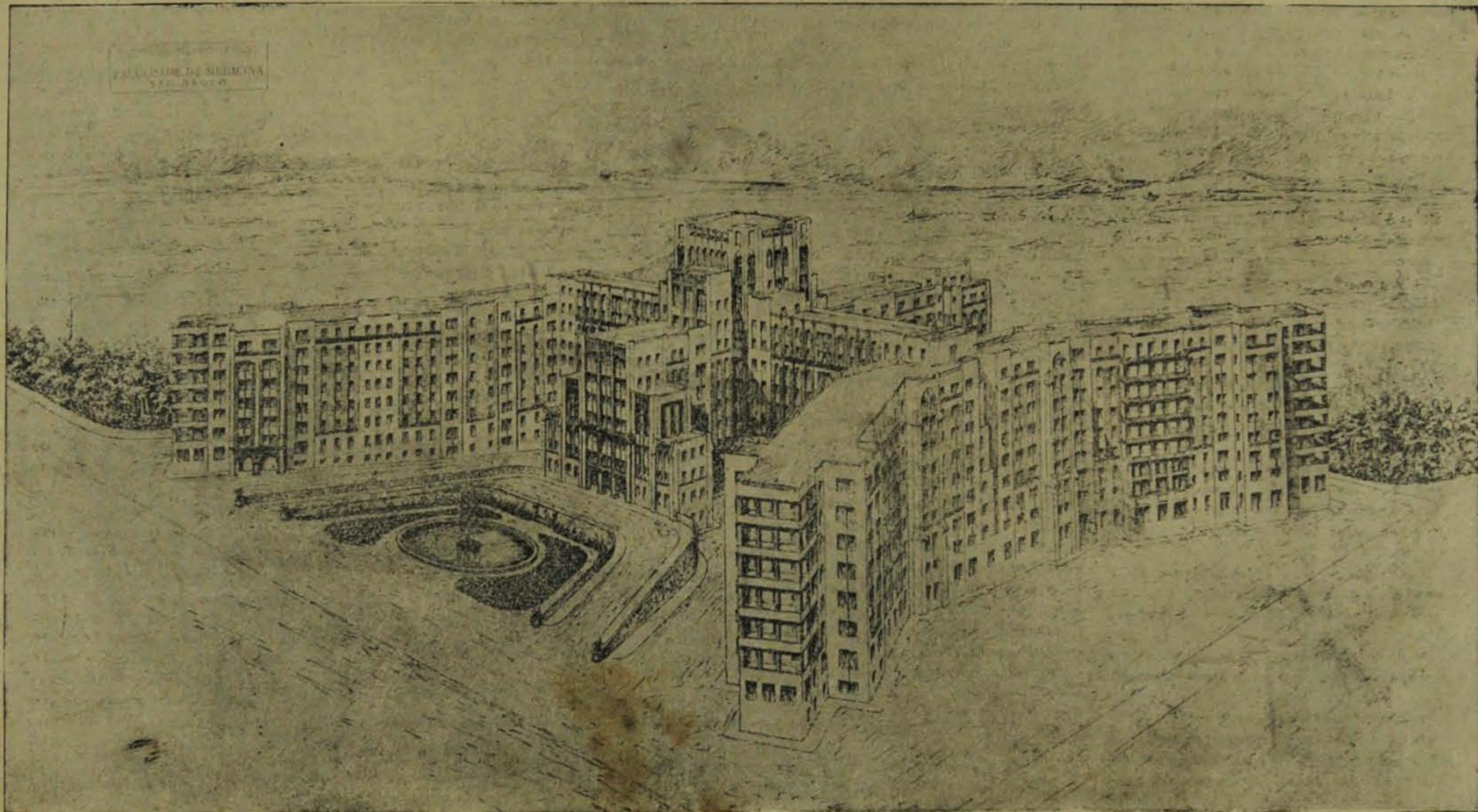
Ao “Seu Rubinsky”

— Então, por que não tentas?  
— Seria inútil!  
— Arrisca, não se perde nada em espe-  
rimentar...  
— Não vale a pena, palavra que sou  
absolutamente cético.  
— Embora tôdas as mulheres sejam  
iguais há sempre em cada uma delas qual-  
quer parcela de mistério e de surpresa  
que é interessante descobrir.  
— Por isso mesmo. Sei que se tentasse,  
elas cederiam e com medo dessa capi-  
tulação que eu evito experiência.  
— Ora, não compreendo...  
— Que queres? Sou assim, prefiro uma  
ilusão sem proveito uma certeza banal  
triste.  
— Romântico.  
— para que eufemismo. Diga logo  
palavra exata meu amigo: Bobo.

I. PAVLOV

# Dai a Cesar o que é de Cesar...

Quando foi iniciada a campanha pró-construção do Hospital de Clínicas, a diretoria do CAOC, então presidido por Roberto Brandi, procurou ouvir as opiniões de nossos mestres sobre tão grandiosa obra. Transcrevemos hoje os trechos principais destas declarações, e é com a alma triste e o coração constrangido que verificamos que o grave problema hospitalar ainda não foi resolvido.



### Trecho do discurso de Roberto Brandi

“Duas as razões porque lançaremos a propaganda do Hospital de CLINICAS da Faculdade de Medicina: 1) a deficiência hospitalar em geral para indigentes. 2) Falta de um hospital apropriado à Faculdade de Medicina.

Queremos, nós atuais alunos da Faculdade de Medicina, representando as futuras gerações de estudantes, em nome a maior eficiência do ensino médico, em nome da civilização e da humanidade, em nome do bom conceito de São Paulo, que se proscruva a atual situação, deprimente e insustentável, verdadeiramente asfixiante, em que ao mesmo tempo que se dificultam a didática e o progresso da ciência, se deixa ao desamparo completo um número interminável de doentes pobres.

Queremos que esta situação tenha sua solução definitiva que não se coaduna com medidas perfunctorias ou adiamentos inexplicáveis. E a nosso ver, atualmente, só uma medida preenche as condições impostas pela crueza dos fatos. Essa medida é a construção do HOSPITAL DE CLINICAS da Faculdade de Medicina”.

O HOSPITAL AI ESTÁ! DAI A CESAR O QUE E' DE CESAR...

### Prof. Nicclau Moraes Barros:

“A pobreza desconcertante de nossas cadeiras de clínicas, hóspedes importunas da Santa Casa, é apenas compatível com um ensino manco e imperfeito”.

O HOSPITAL AI ESTÁ! DAI A CESAR O QUE E' DE CESAR...

### Prof. Flaminio Favero (então diretor)

“São Paulo tem hoje a sua Universi-

dade, de que é parte máxima a Faculdade de Medicina. Mas, este Instituto, que é apontado como modelo, ainda não está aparelhado para preencher completamente as suas finalidades, porque lhe falta um dos seus esteios. Tem laboratórios completos, mas não possui Hospital próprio. Já se disse que é um verdadeiro caso de hemiplegia... E de facto mas hemiplegia curável”

O HOSPITAL AI ESTÁ! DAI A CESAR O QUE E' DE CESAR...

### Prof. Ernesto Souza Campos

“A separação entre o laboratório e a clínica tem sido, em nosso país um grande entrave para o progresso do ensino médico. Sem a conjugação desses dois elementos, em um entrosamento íntimo e harmônico, não há regulamentos nem planos educativos capazes de melhorar a educação e mesmo a instrução médica no país.

O HOSPITAL AI ESTÁ! DAI A CESAR O QUE E' DE CESAR...

### Prof. Samuel B. Pessoa

“A falta exclusiva de um hospital tende a anquilosar em nossa escola toda a parte referente as pesquisas e do ensino clínico”.

O HOSPITAL AI ESTÁ! DAI A CESAR O QUE E' DE CESAR...

### Prof. Alipio C. Netto

“Podemos seguramente afirmar que não temos uma só cadeira de Clínica instalada convenientemente ao ensino; o aprendizado, destarte, há de ser incompleto, deficitário e mal orientado, apesar dos esforços dos mestres e da boa vontade dos discípulos.

Não procede o argumento de estarem as clínicas bem aquinhoadas com a sua instalação na Santa Casa, onde há

grande número de doente, por isso que, sendo aí os professores apenas hóspedes, têm eles, pela força das circunstâncias, de se submeter ao regulamento desse hospital, cujos fins são exclusivamente de assistência, jámais de ensino. Resulta, desta situação, estarem os chefes das Cadeiras de Clínicas freados nos seus movimentos, não podendo dispôr e meios idênticos, nem mesmo da necessária comodidade para o efeito de um ensino proveitoso”.

O HOSPITAL AI ESTÁ! DAI A CESAR O QUE E' DE CESAR...

### A CRUEL REALIDADE

### Carmino Caricchio

(“BISTURI” — Maio 1945)

“O Hospital das Clínicas não está preenchendo a sua grande finalidade que é a do aprendizado médico-cirúrgico mínimo necessário para os alunos. Mas, em compensação dá chance a uma ultra-especialização, maior do que aquela que o nosso meio necessita.

Quero reportar-me aqui ao preparo conferido aos doutorandos em relação aos problemas clínicos e cirúrgicos de urgência. Referiu-se pessoalmente, o professor Cunha Mota, em palestra amistosa que com êle tivemos, que a sua intenção, ao pensar na montagem do Pronto Socorro, era, além de sanar uma velha lacuna da assistência médica em São Paulo, proporcionar aos alunos do último ano, capacidade para enfrentar casos de urgência que mais tarde pudessem se lhes apresentar. Não penho dúvidas na sinceridade de tal intenção.

Entretanto, o que se passa realmente no serviço de Pronto Socorro do “nosso” Hospital é bem diferente. Em virtude de uma série de clínicos, cirurgiões, obstetras, anestesistas, transfusores, etc..., colocados todos em fila, resolveram conceder ao aluno do 6.º ano o privilégio de assistir aos exames e às intervenções, de galeria,

uma vez que as numeradas, foram todas tomadas. Não quero aqui, em absoluto, contestar a vontade de aprender e o direito de especialização de tais médicos, muitos dos quais ainda ontem foram nossos colegas. Só reclamo por uma distribuição melhor do serviço, permitindo assim também ao quasi-médico, adquirir noções básicas que deve levar para a sua vida prática de urgência”.

O HOSPITAL AI ESTÁ! DAI A CESAR O QUE E' DE CESAR...

### Belline Burza

“Sentimo-nos ainda um pouco desarmados na força e justiça de nossas reflexões, sobre o Hospital as Clínicas, no que se refere, particularmente, ao papel que os estudantes da Faculdade irão ali desempenhar.

Primeiro — porque teve mais um sentido simbólico o seu ato inaugural; segundo — porque os meios competentes bastante terão de dispender, para o seu completo e necessário equipamento interno; terceiro — porque, só depois das enfermarias e serviços gerais do Hospital se tiverem iniciado e entrado no seu ritmo normal, poderemos verificar, de fato, quais os mistères e a forma de atividades a desempenharmos, dentro do assim chamado Hospital das Clínicas, “dos alunos” da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Somos, apenas, certos de que duas são as finalidades fundamentais do Hospital das Clínicas: — primeiro) assistência ao doente pobre; segundo) hospital de ensino.

Aliás, tal foi o compromisso firmado pelo Governo do Estado, junto à Missão Rockefeller, quando do contrato das obras do prédio de laboratórios, da Faculdade”

O HOSPITAL AI ESTÁ! DAI A CESAR O QUE E' DE CESAR...

“A Faculdade de Medicina foi feita para os seus alunos. Ninguém, pois, melhor do que estes, para dizer das dificuldades que vão encontrando nos seus estudos, e, assim, sugerir aos órgãos competentes a remoção das mesmas”

(Prof. FLAMÍNIO FAVERO)